



Boris Cyrulnik

Corra, a vida te chama

Memórias



ROCCO EDITA



Boris Cyrulnik

CORRA, A VIDA TE CHAMA

Memórias

Tradução de
Rejane Janowitzer

ROCCO EDITAL

*A Florence,
pelas alegrias
que ela tornou possíveis.*

*Aos meus filhos, aos meus netos,
pela afeição e pelas aventuras
que encantam nossa vida.*

*Aos meus amigos,
para conhecerem melhor.*

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

A GUERRA AOS 6 ANOS

A prisão
As lembranças que dão sentido
Chamar-se Jean Bordes (ou Laborde?)
Desobedecer para se evadir
Um celeiro e um colega
O desmoronamento dos super-homens
O trauma na memória
A moribunda não morreu
Prisão do passado e prazer de viver
Estranha clareza
Memória traumática
Memória viva

CAPÍTULO 2:

UMA PAZ DOLOROSA

Escrever para fazer o luto
A dança e a vida
História da senhora Lot
A guerra é bela, dizem eles
A beleza e os zumbis tristes
Pequenos velhos de 10 anos
Alguns calvários íntimos
Aquisição de uma vulnerabilidade
Em busca do passado
A guerra acabou

CAPÍTULO 3

MEMÓRIA FERIDA

A divisão do Eu ameaçado
O vinho da lembrança
O passado restaurado
O direito de falar
Calvários íntimos e relatos coletivos
Quando a ficção diz a verdade
A beleza, a guerra e o sofrimento
Escrever para testemunhar
Relatos desarmonizados

CAPÍTULO 4

A MARCA DOS OUTROS

Relato do trauma e contexto cultural
A história se esclarece à luz do presente
O jazz e a Resistência
A afeição ou a ideologia
Perder-se em utopia
Compartilhar uma crença
O discurso das crianças muito velhas
Uma cultura proletária
Professores e destinos

CAPÍTULO 5

PALAVRAS DEGELADAS

A marca do passado dá um gosto ao presente
Alguns tutores de resiliência
Período sensível quando o vento muda
Começo da minha carreira política aos 14 anos
Fim da minha carreira política aos 16 anos
Palavras geladas
A memória histórica não é a memória narrativa
O degelo das palavras
Memória dos fatos e estruturas sociais

Mudança de clima
Nem ódio nem perdão

Notas
Créditos
O Autor

CAPÍTULO 1

A GUERRA AOS 6 ANOS

Eu nasci duas vezes.

No meu primeiro nascimento, eu não estava. Meu corpo veio ao mundo no dia 26 de julho de 1937, em Bordeaux. Disseram-me. Sou obrigado a crer, uma vez que não tenho nenhuma lembrança.

Do meu segundo nascimento, tenho plena memória. Uma noite, fui preso por homens armados que cercavam minha cama. Vinham me buscar para me levar para a morte. Minha história nasceu naquela noite.

A prisão

Aos 6 anos, a palavra “morte” ainda não é adulta. É preciso esperar um ano ou dois para que a representação do tempo dê acesso à ideia de uma parada definitiva, irreversível.

Quando a senhora Farges disse “Se o deixarem viver, não lhe diremos que é judeu”, fiquei muito interessado. Portanto, aqueles homens não queriam que eu vivesse. A frase me fazia compreender por que eles apontaram o revólver para mim quando me acordaram: lanterna em uma das mãos, revólver na outra, chapéu de feltro, óculos escuros, colarinho do paletó levantado, que evento surpreendente! Então é assim que se vestem quando querem matar uma criança.

Fiquei intrigado com o comportamento da senhora Farges: de camisola, ela juntava minhas roupas em uma pequena mala. Foi então que ela disse: “Se o deixarem viver, não lhe diremos que é judeu.” Eu não sabia o que era ser judeu, mas acabara de ouvir que bastava não dizer para ser autorizado a viver. Fácil!

Um homem que parecia o chefe respondeu: “É preciso fazer com que essas crianças desapareçam, senão elas vão se tornar inimigas de Hitler.” Portanto, eu estava condenado à morte por um crime que ia cometer.

O homem que nasceu em mim naquela noite foi plantado na minha alma por essa encenação: revólveres para me matar, óculos escuros à noite, soldados alemães de fuzil nas costas no corredor e sobretudo a estranha frase que revelava minha condição de futuro criminoso.

Imediatamente concluí que os adultos não eram sérios e que a vida era apaixonante.

Vocês não vão me acreditar quando eu disser que levei muito tempo para descobrir que, na ocasião daquela noite impensável, eu tinha 6 anos e meio de idade. Precisei de referências sociais para concluir que o evento se passou no dia 10 de janeiro de 1944, data da prisão em massa de judeus bordeleses. Para esse segundo nascimento, foi preciso que me fornecessem marcos exteriores à minha memória¹ para que eu pudesse tentar entender o que tinha ocorrido.

Em 2011, fui convidado a um programa sobre literatura em Bordeaux pela RCF, uma rádio cristã. Ao me acompanhar em direção à saída, a jornalista disse: “Pegue a primeira rua à direita e verá, ao final, a estação de bonde que o levará à place des Quinconces, no centro da cidade.”

O dia estava bonito, o programa fora simpático, eu me sentia leve. Subitamente, fui surpreendido por um surgimento de imagens que se impunham a mim: de noite, na rua, a barreira de soldados alemães armados, caminhões com toldos ao longo das calçadas e o carro preto dentro do qual me empurraram.

O dia estava bonito, eu era esperado na livraria Mollat para outro encontro. Por que, subitamente, esse retorno de um passado longínquo?

Chegando à estação, eu li, esculpido na pedra branca de um grande edifício: “Hospital das Crianças Doentes”. De repente me voltou a proibição de Margot, a filha da senhora Farges: “Não vá pela rua do hospital das Crianças Doentes, há muita gente, podem denunciá-lo.”

Estupefato, volto pelo mesmo caminho e descubro que acabara de atravessar a rue Adrien-Baysselance. Passara em frente à casa da senhora Farges sem me dar conta. Não a revira desde 1944, mas creio que um indício, o mato entre as pedras desconjuntadas do calçamento ou o estilo das escadarias, desencadeara na minha memória o retorno da história da minha prisão.

Mesmo quando tudo vai bem, basta um indício para despertar um traço do passado. A vida cotidiana, os encontros, os projetos enterram o drama na memória, mas, à menor evocação, o mato no meio do calçamento, uma escada

mal construída, uma lembrança pode surgir. Nada se apaga; acreditamos ter esquecido, apenas isso.

Eu não sabia, em janeiro de 1944, que teria de fazer minha vida com essa história. Tudo bem, não sou o único que passou pela iminência da morte: “Atravessei a morte, ela se tornou uma experiência da minha vida...”,² mas aos 6 anos tudo deixa traços. A morte se inscreve na memória e se torna um novo organizador do desenvolvimento.

As lembranças que dão sentido

O falecimento dos meus pais não foi um acontecimento para mim. Eles estavam ali, e depois já não estavam ali. Não tenho os traços da morte deles, mas recebi as impressões de seu desaparecimento.³ Como viver com eles e depois, subitamente, viver sem eles? Não se trata de um sofrimento; não se sofre no deserto, morre-se, simplesmente.

Tenho lembranças muito claras da minha vida de família antes da guerra. Mal começara a aventura da palavra, uma vez que tinha 2 anos, mas ainda guardo lembranças de imagens. Lembro-me de meu pai lendo o jornal à mesa da cozinha. Lembro-me do monte de carvão no meio da peça. Lembro-me dos vizinhos de andar em cuja casa eu ia admirar o assado sendo preparado. Lembro-me da flecha de borracha que meu tio Jacques, de 14 anos, atirou bem na minha testa.

Lembro-me de ter gritado bem alto para que ele fosse punido. Lembro-me da paciência exausta da minha mãe, esperando que eu calçasse os sapatos sozinho. Lembro-me dos grandes barcos no cais. Lembro-me de homens desembarcando nas costas imensos cachos de banana e lembro-me de mil historietas sem palavras que, hoje ainda, dão forma à minha representação de antes da guerra.

Um dia meu pai chegou de uniforme e eu fiquei muito orgulhoso. Os arquivos me explicam que ele se alistara no Regimento de Infantaria de Voluntários Estrangeiros, tropa composta de judeus estrangeiros e republicanos espanhóis. Eles combateram em Soissons e sofreram perdas enormes.⁴ Na época, eu não tinha como saber. Hoje, eu diria que tinha orgulho de ter um pai soldado, mas que não gostava de seu quepe, cujas duas pontas me pareciam ridículas. Eu tinha 2 anos: era de fato o que eu achava ou vi em uma fotografia depois da guerra?

O encadeamento dos fatos dá sentido ao acontecimento.

Primeira historieta: o exército alemão desfila em uma grande avenida perto da rue de La Rousselle. Eu acho aquilo magnífico. A cadência dos soldados batendo no chão todos juntos produz uma impressão de poder que me encanta. A música abre a marcha e grandes tambores de cada lado dos flancos de um cavalo dão o ritmo e provocam um maravilhoso temor. Um cavalo escorrega e cai, os soldados o levantam, a ordem é restabelecida. É um drama magnífico. Surpreende-me ver que à minha volta alguns adultos choram.

Segunda historieta: estamos no correio com minha mãe. Os soldados alemães passeiam pela cidade em grupos, sem armas, sem quepes e até sem cinturão. Noto neles o ar menos guerreiro. Um deles vasculha o bolso e me estende um punhado de bombons. Minha mãe pega-os brutalmente e devolve ao soldado, injuriando-o. Admiro minha mãe e lamento pelos bombons. Ela me diz: “Nunca se deve falar com um alemão.”

Terceira historieta: meu pai está de licença. Passeamos no cais do Garonne. Meus pais sentam-se em um banco, eu brinco com uma bola, que rola até outro banco onde estão sentados dois soldados. Um apanha a bola e me entrega. Eu recuso inicialmente, mas, como ele está sorridente, aceito.

Pouco depois, meu pai torna a partir para o exército. Minha mãe nunca mais o verá. Minha memória se entorpece.

Minhas lembranças retornarão mais tarde quando Margot for me buscar na Assistência. Meus pais desapareceram. Eu me lembro então de ter falado com os soldados apesar da proibição, e esse encadeamento de lembranças me faz pensar que, se meus pais morreram, é porque, sem ser de propósito, devo ter dado nosso endereço ao falar.

Como uma criança pode explicar o desaparecimento dos pais quando ela não sabe que existem leis antijudaicas e que a única causa possível é a transgressão da proibição: “Nunca se deve falar com os alemães”? O encadeamento desses fragmentos de memória é que dá coerência à representação do passado. Organizando algumas lembranças esparsas, concluí que eles morreram por minha causa.

Em uma quimera, tudo é verdadeiro: o ventre é de um touro; as asas, de uma águia; e a cabeça, de um leão. Contudo, o animal não existe. Ou melhor, ele só existe na representação. Todas as imagens postas na memória são verdadeiras. É

a recomposição que organiza as lembranças para delas fazer uma história. Cada acontecimento inscrito na memória constitui um elemento da quimera de si.

Depois, um simples encontro pode revelar o traço: Sidney Steward, soldado do exército americano em 1945, foi deportado para um campo japonês. Morre-se tanto à sua volta que ele se surpreende por sobreviver. Psicanalista em Paris, não acredita na culpa dos sobreviventes e sustenta ter sido poupado. Até o dia em que uma de suas pacientes lhe conta que ela, criança, estava na fila que levava à câmara de gás em Auschwitz. De repente, ela largou a mão da mãe e se afastou. Sua irmã menor imediatamente tomou o seu lugar. Foi ela que entrou no pavilhão com a mãe. A porta foi fechada, obrigando a irmã mais velha a não morrer. A intersubjetividade entre o psicanalista e a paciente provocou “uma explosão de lembranças que ela tentara ocultar até então”.⁵

Eu não armazenava lembranças senão quando havia vida em torno de mim. Minha memória se extinguiu quando minha mãe se extinguiu. Na escola maternal da rue Pas-Saint-Georges, vivia-se intensamente. Margot Farges, a professora, encenava com os pequenos atores de 3 anos de idade a fábula *O corvo e a raposa*. Ainda me lembro da perplexidade na qual me mergulhara o verso: “Mestre Corvo, numa árvore empoleirada...” Eu me perguntava como era possível empoleirar uma árvore* e nela pôr um corvo, mas isso não me impedia de aderir plenamente ao meu papel de Mestre Corvo.

Ficava particularmente indignado com o fato de duas meninas se chamarem “Françoise”. Cada criança, pensava eu, devia ser designada por um nome sem outro igual. Imaginava que, dando um mesmo nome a várias meninas, se desconsideravam suas personalidades. Eu já começava minha formação psicanalítica!

Chamar-se Jean Bordes (ou Laborde?)

Em casa, uma não vida entorpecia nossas almas. Nessa época, quando os homens se alistavam no exército, as mulheres só podiam contar com a família. Não havia ajuda social em 1940. Mas a família parisiense da minha mãe desaparecia. Uma irmã mais nova, Jeannette, de 15 anos, desaparecera assim. Nenhum sinal de detenção, nenhuma prisão em massa, nada – de repente ela já não estava lá. “Desaparecida” é a palavra.

Possibilidade de trabalhar também não havia, era proibido. Tenho a vaga lembrança da minha mãe vendendo objetos da casa, em cima de um banco, na rua.

Enorme buraco de memória entre 1940 e 1942. Eu ignorava as datas e vivi durante muito tempo em um caos da representação do tempo. “Eu tinha 2 anos quando fui preso... não, é impossível, eu devia ter 8 anos... não pode ser, a guerra tinha acabado.” Algumas imagens de uma precisão surpreendente persistiam na minha memória, incapaz de situá-las no tempo.

Recentemente, informaram-me que minha mãe me colocou na Assistência Pública na véspera de sua prisão, em 18 de julho de 1942. Não tive vontade de verificar. Alguém deve tê-la prevenido. Jamais achei que ela tivesse me abandonado. Ela me pôs lá para me salvar. Depois voltou para casa, sozinha, uma habitação vazia, sem marido, sem filho. Foi presa de madrugada. Não tive vontade de pensar sobre isso.

Devo ter ficado um ano na Assistência, não sei. Nenhuma lembrança. Minha memória voltou no dia em que Margot foi me buscar. Para me sossegar, ela levou uma caixa com torrões de açúcar e foi me dando regularmente até o momento em que se recusou, dizendo: “Acabou.” Era, eu acho, dentro de um vagão que vinha não sei de onde e ia para Bordeaux.

Na família de Margot, minha memória voltou a viver. O senhor Farges, inspetor de escola, ameaçava “ficar furioso”. Eu fingia ficar impressionado. A senhora Farges criticava a filha: “Você podia ter nos avisado que ia buscar esta criança na Assistência.”

Suzanne, a irmã de Margot, professora em Bayonne, me ensinava a ver as horas no grande relógio da sala, e a comer como um gato, ela me dizia, com pequenas lambidas, e não como um cachorro, que engole tudo de uma vez. Creio ter dito a ela que eu não concordava.

Os Farges tinham reuniões estranhas em volta de um grande rádio, no qual se ouvia: “As uvas ainda estão verdes... eu repito... as uvas ainda estão verdes” ou “o pequeno urso mandou um presente à borboleta... eu repito...” Um barulho de matraca cobria essas palavras às vezes difíceis de entender. Eu não sabia que se chamava Rádio Londres, mas achava que não era sério reunir-se em torno de um rádio para escutar com gravidade frases engraçadas.

Deram-me algumas missões naquela família: cuidar do jardimzinho, ajudar na limpeza do galinheiro e ir buscar o leite que era distribuído em uma portaria, perto do hospital das Crianças Doentes. Eu preenchia meu tempo com isso, até que um dia a senhora Farges disse: “A partir de hoje você vai se chamar Jean Bordes. Repita!”

Eu provavelmente repeti, mas não entendia por que era preciso mudar meu nome. Uma mulher que às vezes vinha ajudar a senhora Farges nos trabalhos da casa me explicou gentilmente: “Se você disser seu nome, vai morrer. E os que o amam morrerão por sua causa.”

Aos domingos, Camille, o irmão mais velho de Margot, vinha se juntar à mesa familiar. Todo o mundo ria tão logo ele aparecia. Um dia, ele veio vestido de escoteiro com um jovem colega. Esse amigo, educado, reservado, cacheado como um carneiro, mantinha-se atrás e sorria quando Camille fazia rir seu pessoal chamando-me de “o pequeno aborda” e me perguntando: “O que você aborda, Jean?”

Nunca consegui me lembrar do nome que me escondia... Bordes?... Laborde? Nunca soube. Muito tempo depois, no hospital La Pitié, em Paris, onde fui interno de neurocirurgia, havia um jovem médico chamado Bordes. Quase lhe disse que ele tinha o nome sob o qual tinham me escondido durante a guerra. Mas depois me calei. Pensei: ‘Será que não era Laborde?’ Eu teria de dar tantas explicações!

Dois anos depois da Libertação, quando me devolveram o nome na escola, tive a prova de que a guerra acabara.

Minha tia Dora, irmã da minha mãe, me recolheu. O país estava em festa. Os americanos davam o tom. Eles eram jovens e esbeltos, e, assim que apareciam, a alegria entrava nas casas com eles. Suas gargalhadas, o sotaque divertido, suas histórias de viagens, seus projetos de existência me encantavam. Esses homens distribuíam chicletes e organizavam orquestras de jazz. As mulheres davam muita importância às meias de náilon sem costura e aos cigarros Lucky Strike. Um jovem americano que usava pequenos óculos redondos decidiu que Boris não era um nome adequado, parecia russo demais. Batizou-me de Bob. Esse nome tinha luz, significava “retorno à liberdade”. Todo mundo aplaudiu; eu o aceitei sem prazer.

Só quando me tornei estudante de medicina, passei a ser chamado de Boris. Nesse momento, tive a impressão de que o nome podia ser pronunciado longe dos ouvidos de Dora, sem risco de feri-la. Para ela, Boris ainda era o nome do perigo, ao passo que Bob era o nome do renascimento, da festa com os americanos, nossos libertadores. Nos farrapos da minha família, eu ainda estava escondido, mas longe deles podia me tornar eu mesmo e me fazer representar tal como eu era, pelo meu verdadeiro nome.

Após a visita dos dois escoteiros, a vida na casa de Margot também se extinguiu. Uma noite, fui acordado por gritos e luzes. O senhor Farges morrera dormindo. A senhora Farges tornou-se sombria, Suzanne saía para dar aula em Bayonne e Margot desaparecia segunda-feira de manhã, para assumir o posto de professora em Lannemezan, eu acho. A casa ficava silenciosa, sem movimento, sem rádio engraçado, sem visitas. Bastara eu me chamar Bordes (ou Laborde?) para já não ter o direito de ir buscar o leite, ficara perigoso, alguém podia me denunciar... Denunciar?

Um dia, chegou uma mulher que eu não conhecia. Margot disse: “Ela vai levar você para ver seu pai.” Meu pai? Eu achava que ele tinha desaparecido. Nem alegria nem dor, eu estava entorpecido. Aquele mundo não tinha coerência. A mulher tinha do lado direito do peito uma estrela de tecido amarelo, brilhante, bordado de preto, que eu achava muito bonita. Margot disse, mostrando a estrela: “Como você vai fazer com isto?” “Vou dar um jeito”, respondeu a mulher.

A viagem foi silenciosa, um longo trajeto desolador para chegar ao campo de Mérignac. Ao se aproximar dos soldados que guardavam a entrada do campo, a mulher desenrolou a echarpe e, com um alfinete de fralda, prendeu-a no casaco a fim de tapar a estrela. Ela mostrou documentos, nós nos dirigimos a um acampamento. Um homem me aguardava, sentado em uma cama de madeira. Mal reconheci meu pai. Logicamente, ele deve ter dito algumas palavras. Nós fomos embora.

Muito tempo depois da guerra, recebi sua cruz de guerra, com um certificado assinado pelo general Hutzinger: “Soldado corajoso... ferido antes de Soissons.” Eis por que meu pai permanecera sentado. Ele fora preso no seu leito de hospital, por ordem do departamento de polícia, e levado para o campo de Mérignac, que mandava para Drancy, depois para Auschwitz.

No dia seguinte, ouvi Margot contar em voz baixa que, ao chegar a casa, a farmacêutica (era, pois, a profissão da mulher) estava sendo esperada pela Gestapo. Ela pulou pela janela.

Falar era perigoso, pois se corria risco de morte. Calar-se era angustiante, pois a ameaça pesadamente sentida vinha não se sabe de onde. Quem ia me denunciar? Como me proteger? Achei que eu ia ser responsável pela morte dos Farges, uma vez que eles eram bondosos comigo.

A casa tornou-se sombria e muda. Nada teve vida ali durante vários meses. Eu tinha 6 anos, não sabia ler nem escrever, sem rádio, sem música, sem amigos, sem palavras. Pus-me a andar em volta da mesa da sala onde ficava fechado. O atordoamento me acalmava ao me dar uma curiosa sensação de existência. Quando ficava cansado de rodar tanto tempo, deitava-me no sofá e lambia os joelhos. Em 1993, quando estava em Bucareste com os Médicos do Mundo, observei o mesmo comportamento autocentrado nas crianças abandonadas e isoladas sensorialmente.

Provavelmente foi por isso que vivenciei minha prisão como uma festa. O retorno da vida! Não fiquei assustado com a barreira de soldados e os caminhões alinhados que fechavam a rue Adrien-Baysselance. É hoje que acho pitoresca esta situação: um exército para prender uma criança!

O que mais me impressionou foi que, dentro do carro no qual me empurraram, um homem chorava. Seu pomo de adão me fascinava de tanto que era saliente e móvel.

Diante da sinagoga, fomos postos em fila. Assim que transpúnhamos a porta, éramos orientados para duas mesas. Entre as duas, havia um oficial de botas de couro e pernas afastadas, como num filme ruim. Creio lembrar-me de que, com uma varinha, ele nos orientava na direção de uma mesa ou da outra. O que significava aquela escolha? Eu ouvi:

– Devemos dizer que estamos doentes. Ele vai nos orientar para a mesa que nos inscreve para o hospital.

– De forma alguma – diziam outros homens. – Devemos dizer que estamos com boa saúde para nos enviarem ao STO,⁶ para trabalhar na Alemanha.

Ao transpor a porta, vi atrás da mesa da fila da esquerda o escoteiro cacheado como um carneiro, o amigo de Camille. Saí da fila para me dirigir a ele. Ao me ver, ele teve um sobressalto, sua cadeira caiu e ele saiu a passos largos.

Então compreendi que era ele quem tinha me denunciado.

Desobedecer para se evadir

A sinagoga fervilhava de gente. Lembro-me de pessoas deitadas no chão, apertadas contra a parede para deixar espaço de passagem. Lembro-me de uma mulher gorda que procurava as crianças para juntá-las em cima de um cobertor estendido no chão. Hoje digo que desconfiei daquela mulher e seu cobertor. Foi de fato o que senti naquela noite de janeiro de 1944? Em cima daquele cobertor, algumas crianças se esforçavam para dormir. Sobre duas cadeiras ao lado, algumas caixas continham leite condensado. Sei porque me deram. Lembro-me de ter pedido uma ou duas caixas, depois de ter me escondido com aquele tesouro e ido me sentar em uma cadeira vermelha afastada, encostada em uma parede.

De tempos em tempos, a porta se abria, a luz e o frio entravam com uma coorte de recém-chegados. Eles se inscreviam em uma das duas mesas e depois procuravam um canto para se sentar. Éramos regularmente despertados para fazer fila entre duas carreiras de arame farpado, no meio da sinagoga. Recebia-se uma xícara de café muito quente, ao dar o nome. Um adulto sempre me pedia o café.

Um soldado de uniforme preto veio se sentar perto de mim. Ele me mostrou o retrato de um menino da minha idade, seu filho provavelmente. Esse homem, comentando a fotografia, me fez compreender que eu era parecido. Ele foi embora sem sorrir. Por que eu tenho lembrança tão clara da cena? Foi o espanto que a fixou na minha memória? Por que ainda tenho a impressão de ter sido importante? Por não poder viver no medo, eu tinha necessidade de pensar que há traços de humanidade mesmo nos perseguidores?

Eu não ia mais pegar as caixas de leite condensado, uma enfermeira vinha me trazer. Como ela estava vestida? De enfermeira provavelmente, pois me lembro claramente que era uma enfermeira. Ainda vejo seu rosto, que eu achava muito bonito, o louro de seus cabelos e as caixas de leite condensado que ela me trazia. Creio me lembrar de ter segurado o pescoço dela. Eu deixava minha cadeira toda hora para ir explorar a sinagoga. Seguia os garotos que queriam se evadir. Compreendera suas intenções porque eram os únicos que olhavam para cima,

para as janelas. Um deles disse: “Nos mictórios a janela é muito alta, pequena e gradeada.”

Dois homens perto da porta não se comportavam como prisioneiros. Eles avaliavam a multidão, e o que usava uma roupa de trabalho disse: “Recebemos a ordem de pôr as crianças no vagão *salgado*.” Aos 6 anos, eu não conhecia o significado da palavra “*selado*”*. Achei que iam pôr as crianças em vagões salgados e que certamente era um tortura cruel. Eu tinha de fugir. Olhei para o alto, impossível, alto demais. Voltei ao mictório para ver se de fato a janela era inacessível. Houve uma grande confusão dentro da sinagoga. Atrás da porta de uma privada algumas placas de madeira pregadas desenhavam um Z. Consegui subir até o alto sem muita dificuldade. Creio ter apoiado as pernas em uma parede e as costas na outra. Fiquei surpreso ao constatar que podia me manter sem esforço. O barulho era intenso dentro da sinagoga. Um homem em traje civil entrou e abriu uma por uma as portas dos banheiros. Não levantou a cabeça. Fazia menos barulho agora. Um soldado também entrou e examinou as privadas. Se ele tivesse erguido a cabeça, teria visto um menino acuado sob o teto. Esperei o silêncio e me deixei cair no chão. A sinagoga agora estava vazia. A grande porta aberta deixava entrar o sol. Eu me lembro da poeira flutuando na luz. Achei aquilo bonito. Homens em trajes civis falavam, numa roda. Passei perto deles, tenho a impressão de que me viram, não disseram nada, eu saí.

Na rua, os carros se afastavam. Alguns soldados esparsos junto das grandes escadarias arrumavam as armas. A enfermeira bonita, perto de uma ambulância, me fez sinal. Eu atropelo os degraus e mergulho sob um colchão no qual uma mulher está morrendo. Um oficial alemão sobe na ambulância e examina a moribunda. Ele me vê sob o colchão? Dá o sinal de partida.

Quando criança, eu me lembrava dessa cena e achava que ele tinha me visto. Estranho. Não tenho certeza. Será que eu tinha necessidade dessa certeza para me ajudar a pensar que o Mal não era inexorável? Como o soldado de preto com o retrato do filho? Dá esperança, não é?

Tempos depois, no encadeamento das lembranças, revejo-me em um grande refeitório quase deserto. Os adultos me cercam – explode uma violenta discussão com o cozinheiro-chefe. Como fiz para saber quem era o chefe? Seria porque mais longe, na sala, outros cozinheiros baixavam a cabeça e não tomavam a palavra? O chefe berra: “Não quero esta criança aqui, ela é

perigosa.” Pedem-me que entre em um caldeirão. Dizem-me que não saia. Eu sou perigoso, não é?

Depois que recebeu a autorização de partir, a enfermeira dirigiu-se para a cantina da faculdade de direito onde ela conhecia um estudante, que se propôs a me esconder por uns dias.⁷

Ainda vejo a forma do rosto do cozinheiro. É um homem parrudo, com poucos cabelos negros, com um avental dobrado na barriga. Ele berra, depois aceita que eu fique no caldeirão, mas só por algumas horas.

Lembrança seguinte: a caminhonete roda durante a noite... puseram-me atrás, dentro de um saco de batatas, e arrumaram na minha frente outros sacos... Em uma barreira, os soldados verificam alguns sacos e não abrem o meu... O carro para na praça de um vilarejo... os adultos batem a uma grande porta... Uma freira de touca mostra a cabeça e diz: “Não, não, nem pensar, esta criança é perigosa.” Ela torna a fechar a porta, gritando.⁸

Estou em um pátio de escola. Desde quando? Quatro ou cinco adultos, professores, eu diria, me seguram, põem uma pelerine nas minhas costas e pedem que eu puxe o capuz sobre o rosto. Eles gritam para fazer os alunos voltarem para as salas, cercam-me para que não me vejam, acompanham-me até um carro que me espera e dizem: “Depressa, os alemães estão chegando!”

Acho a reação deles boba. Vejo o rosto das crianças colado em todas as janelas. Essa maneira de me esconder me põe em evidência e os faz correr perigo. Os adultos não são espertos.

Eu não disse nada. Sinto-me um monstro.

Um celeiro e um colega

Em Pondaurat, a vida retorna. Eu me lembro do nome desse vilarejo porque depois da guerra, quando soube que minha tia se chamava Dora, fiquei surpreso com uma ponte ter o nome dela.* Será que ela a comprou?

Nesse pequeno vilarejo não fui infeliz. Dormia no celeiro, em cima de um monte de palha, junto com outra criança da Assistência, um menino grande, de 14 anos. Ele me tranquilizava bastante, explicando-me como evitar o asno que queria nos morder com seus grandes dentes amarelos e como fazer para que os adultos acreditassem que nós contáramos os carneiros no fim do dia, ao voltar:

bastava dizer em voz alta “oitenta” e tudo estava resolvido. Ele sabia afiar a foice e abrir um caminho para evitar a fossa de esterco que levava ao celeiro. Eu me sentia bem junto daquele garoto grande.

Tenho uma lembrança muito clara do poço de onde eu tinha de tirar água e de seu rebordo, que me assustava, pois tinham me explicado que muita gente caíra no fundo e nunca tinham tirado seus cadáveres.

Gostava das noites em que os trabalhadores agrícolas comiam com Marguerite, a rendeira, destacando-se na cabeceira da mesa. Lembro-me da lâmpada lúgubre que pendia no meio da mesa com a fita de papel mata-moscas, onde agonizavam os insetos colados. Lembro-me das noites em que eu fazia o pessoal rir pondo pimenta demais na minha sopa, e depois gritando “chamem os bombeiros” a fim de apagar o incêndio da minha boca com os copos de vinho que me serviam. Todo mundo ria, e assim era possível recuperar o lugar entre os humanos.

A rendeira era rude. Raramente passava perto de nós sem nos ameaçar com uma paulada. Uma paulada não é um trauma. Dói na hora e acabou. Mas eu revia com frequência, como em um filme interior, o momento da prisão na casa de Margot, o confinamento na sinagoga, a mulher morrendo em cima de mim, o caldeirão e a freira que me deixara do lado de fora, de noite, gritando que eu era perigoso.

Além do “Grande” e de mim, o “Pirralho”, havia naquela fazenda outra criança: Odette, a Corcunda. Ela trabalhava sem uma palavra, evitava todo mundo, dormia em um quarto de verdade com lençóis brancos e cortinas de renda. Eu achava que era assim que dormiam as crianças: as meninas em cama, os meninos em cima de palha. Isso não me chocava. Perturbavam-me bem mais os pequenos gestos que humilhavam a Corcunda. Quando os operários voltavam do trabalho, ela tinha de ajudá-los a tirar os tamancos. Para evitar as bolhas, eles os enchiam de palha, que o suor do dia fazia inchar. O homem entrava e se deixava cair em cima de uma cadeira perto da porta. A menina se acorava diante dele e puxava o tamanco. Com frequência, o operário punha o outro pé no peito da Corcunda e, quando de repente o tamanco se soltava, ela caía para trás, como em uma cambalhota, sua calcinha aparecia e todo mundo ria. A Corcunda não dizia nada. Eu não gostava daquela brincadeira.

Um acontecimento despertou o vestígio do passado. Um dia, o Grande me disse: “Pirralho, nós vamos pescar.” Mais uma felicidade! Nós nos instalamos no alto de uma pedra que fazia uma espécie de barragem embaixo de uma ponte e começamos a pescar. A água calma cintilava. Eu adormeci e acordei afogando-me. Lembro-me de ter pensado: ‘Que pena morrer agora que a felicidade está voltando.’ Quando recuperei a consciência, eu estava na cama da Corcunda! Marguerite, a dura, dissera a Odette: “Ceda sua cama para ele, depois do que lhe aconteceu.” Dormi em lençóis, admirando a janela com as cortinas de renda. Que felicidade!

Pouco tempo depois, na praça do vilarejo, alguns meninos começaram a me xingar. Eles me olhavam de lado, eu notava o desprezo em seus olhares, percebia que falavam mal de mim, mas não sabia por quê. Um deles disse em voz suficientemente alta para que eu escutasse: “Com os judeus é assim. Eles nunca agradecem.” Então compreendi que tinha sido o pai dele que me tirara da água, mas como eu poderia ter sabido? Não o conhecia e tinha perdido a consciência. Compreendi também que as crianças do vilarejo sabiam que eu era judeu, mas como tinham sabido? Como sabiam sobre mim coisas que eu não sabia?

Em Castillon-la-Bataille, eu devia ter 7 anos. Minha memória dessa época alonga-se no tempo. Já não é simplesmente composta de flashes, imagens breves de antes da guerra, nem mesmo de curtas sequências, ela se torna um verdadeiro pequeno filme de mim, no sentido teatral do termo. Eu me revejo dormindo em um leito de campanha no corredor da casa do diretor da escola. Eu não ia para a aula, mas podia brincar no pátio, depois que os alunos iam embora. Eu vagueava pelo vilarejo, onde conheci meu primeiro colega e meu primeiro amor.

Ela se chamava Françoise, como todas as meninas. Era morena, tinha olhos azuis e os dentes de cima separados. Eu gostava muito de ficar perto dela, vê-la simplesmente, e falar com ela. É curiosa a heterossexualidade: já na escola maternal da rue Pas-Saint-Georges em Bordeaux, eu procurava falar com as meninas. O pátio da escola era virtuosamente separado em dois por uma cerca, os meninos de um lado, as meninas do outro. Eu me aproximava da cerca para dizer a elas duas ou três palavras.

Essa lembrança não é coerente, uma vez que, na classe de Margot, eu me lembro de um pequeno Ali e de duas Françoises. Mas é assim mesmo na minha memória.

Não me lembro do nome de meu colega de rua, pois, como meninos, preferíamos as ações. Partíamos para os vinhedos para roubar uva-moscatel, que comparávamos com a *moissac*. Comíamos tanto que passávamos mal. Jogávamos pedras um no outro para aprender a evitá-las. Colhíamos nozes e ameixas, catávamos ovos, caçávamos borboletas, xeretávamos por todo lado, com total independência. Ficava contente por ele ser pobre; assim eu podia me sentir mais próximo. Eu ia procurá-lo em casa, a dois passos da escola. Ele morava com a mãe em um único cômodo, com um monte de carvão no meio. Eu a revejo sentada, vestida de preto e sorridente. Tenho dessa época uma lembrança de sol, de gentileza e de total liberdade, em plena guerra.

O desmoronamento dos super-homens

Uma noite, fui acordado por uma luz forte. Dois oficiais alemães estavam junto de mim, com uma lanterna na mão, na companhia do senhor Lafaye, o diretor da escola. Não senti medo nem sofrimento, apenas a pesada sensação: recomeçou! Ia ser preso e provavelmente morto. Os três homens partiram, e eu voltei a dormir.

No dia seguinte, o pátio da escola estava cheio de soldados. As mesas estavam do lado de fora; os homens, de torso nu ou só de camiseta, estavam ocupados lavando-se ou fazendo bricolagem. Quando eu passava perto deles, eles me falavam com gentileza e brincavam comigo. Eu me lembro de que um deles se divertia levantando-me só pela cabeça. Eu procurava evitá-lo. No alto da escola havia um mirante onde um soldado montava guarda. Este não brincava. Quando, com meu amigo, quisemos lhe fazer uma visita, ele nos expulsou a pontapés.

Na estrada, em cada obstáculo havia uma metralhadora montada. Dois soldados a alimentavam e, para nos divertirem, atiraram em uma parede com balas explosivas que fizeram estourar as pedras. Era muito interessante.

Alguns dias depois, a escola de repente se esvaziou. Senti saudades do burburinho de vida, que desapareceu. Disseram que os soldados tinham se reunido no centro do vilarejo, onde as FFI (Forças Francesas do Interior) os tinham esmagado. Os resistentes tinham cercado os alemães e tinham lhes causado pesadas perdas.

Depois da batalha, eu me lembro de uma discussão entre um habitante que eu não conhecia e um resistente, fácil de reconhecer porque usava uma arma e uma braçadeira. O resistente disse: “Temos um morto e três feridos graves.”

Eu disse: “Só isso!” A frase me escapou porque eu pensava nas centenas de pessoas amontoadas na sinagoga e despachadas nos trens. O resistente me lançou um olhar de desprezo, e o morador explicou: “Ele perdeu toda a família.” O resistente se acalmou, e eu me perguntei como aquele desconhecido podia conhecer minha história. Ele podia ter me denunciado quando os alemães estavam lá.

Meu amigo chegou correndo: “Venha rápido. O padre quer que soemos os sinos.” A festa recomeçava. No vestíbulo coberto, antes de entrar na igreja, a corda do sino passava por um buraco do teto e pendia no meio daquele espaço. Era preciso puxar para baixo acocorando-se a fim de inclinar o sino, pois, quando o pêndulo o fazia voltar para o outro lado, a corda nos levava cada vez mais para o alto e era preciso soltá-la depressa. Ao subir com a corda, um menino não ousou deixar-se cair e foi subindo até o teto, onde bateu com a cabeça. Foi assim que nós soamos os sinos, que anunciavam a libertação de Castillon. Nossa missão era importante.

Nos dias que se seguiram, eu ouvia os adultos falarem de “desembarque”. O halo afetivo, quando eles pronunciavam essa palavra, me transmitia uma alegria leve. Eles diziam alegremente “La Rochelle”, mas seu rosto se tornava sombrio quando falavam de “Royan”. Eu sentia claramente que certas palavras eram portadoras de esperança e outras de inquietação. Quando a felicidade se instalava em torno de mim, veiculada por palavras estranhas, eu me sentia liberto.

Foi no centro de um vilarejo (Castillon?) que vi pela primeira vez alemães prisioneiros. Sentados, abatidos, esfarrapados, imóveis, eles olhavam para o chão, sem uma palavra. Esses soldados, que tinham nos vencido, esmagado, dominado na vida cotidiana, os “besouros-da-batata”,⁹ como eram apelidados, pareciam agora acabrunhados pela desgraça. Não fiquei feliz com seu desmoronamento (eu ia quase dizer: “Eles nunca me fizeram mal!”). Eu me surpreendia com seu revés, ao lembrar-me deles triunfantes, desfilar em Bordeaux com suas armas, seus cavalos, suas músicas e seus bombons.

Voltei para a casa de Margot. A família Farges também recomeçava a viver, com suas mesas concorridas, amigos e rádios sem matraca. Falava-se em voz alta agora, comentavam-se os jornais.

Eu achava existir naquelas folhas de papel um poder mágico, visto que nelas era possível ler acontecimentos inauditos desenrolados em outros lugares. Então eu me posicionava bem protegido, debaixo da mesa, e tentava decifrá-los. Foi por isso que ninguém me viu quando ouvi a senhora Farges discutir com Margot: “Mas você não entende que os pais dele não voltarão nunca mais, nunca mais!”

Pronto. Estava dito. Eu ia agora precisar aprender a viver sem eles. Imediatamente voltei a mergulhar nas minhas tentativas de leitura. Uma vez que os papéis falavam de acontecimentos ocorridos em outros lugares, necessariamente daria para achar o rastro dos meus pais. Algumas palavras escritas iriam me contar a história deles. Eu precisava aprender a ler.

Um dia, Margot chegou radiante. Corremos para a place des Quinconces. Antes da guerra, minha mãe às vezes me levava lá para tomar ar e brincar em volta de um enorme conjunto de cavalos de bronze que cuspiam água. Os cavalos tinham desaparecido; havia uma multidão naquele dia. Falava-se, ria-se, e todo mundo se abraçava. Fiquei espantado de ver desconhecidos enlaçarem Margot, que se deixava abraçar, rindo. Eu ouvia palavras alegres: “Hiroshima... fim da guerra... 200 mil mortos.” Uma louca alegria, a guerra acabara! Esperavam-se muitos milhões de mortos no Japão, mas graças à bomba atômica não seriam senão 200 mil: um bom negócio, a guerra acabara!

Foi então que revi a bonita enfermeira, a que havia me dado caixas de leite condensado, a que me havia feito sinal para eu mergulhar sob a mulher moribunda. Acho que ela foi até a casa de Margot convidar-me para passar alguns dias com ela e o noivo no Grande Hotel de Bordeaux, em frente ao teatro. O general De Gaulle ia fazer um discurso lá, e ela conseguira que eu fosse escolhido para entregar a ele um buquê de flores.

O noivo me agradava porque eu o achava elegante em seu uniforme azul-marinho. Seu boné, sobretudo, era magnífico com os bordados dourados. Ele me emprestou, eu me exibí adotando ares marciais: grande sucesso! Todo mundo ria, depois os noivos se afastaram para conversar intimamente. Eu descobri cortinas fechadas com uma corda fina dourada, que tratei de pegar emprestado

para fazer para mim um boné imaginário. Temor do jovem casal, que se zangou ao acreditar que eu tinha arrancado os fios do boné do marinheiro. Lembro-me do sentimento de injustiça e tristeza que experimentei por ter causado transtorno a pessoas que eu admirava e que tinham me achado capaz de fazer tamanha bobagem: pequeno contrassenso entre gerações.

No dia seguinte, Margot não gostou de que os noivos tivessem me levado ao teatro, pois, naquela noite, o espetáculo tinha sido feito por bailarinas nuas, cobertas de plumas. Margot, zangada, dizia: “Não é bom para um menino pequeno.” Já eu tinha achado bom: pequeno desacordo entre as gerações.

Na noite anterior à cerimônia, escutei uma grande comoção no corredor do hotel. Saí do meu quarto e vi sentado em uma cadeira um homem chorando. Ele segurava a cabeça, e seu rosto sangrava. Um FFI com armas me explicou: “É um miliciano que conseguiu penetrar no hotel, ele queria assassinar De Gaulle.” Outros homens armados de pé perto do miliciano lhe aplicavam, de tempos em tempos, uma coronhada, um soco, um pontapé. O homem sangrava e chorava. De manhã, ele tinha caído, lentamente morto por um soco aqui, outro ali. Esse linchamento foi minha primeira decepção política. Eu devia ter 7 anos; teria gostado de que os libertadores que acabavam de vencer o exército alemão manifestassem um pouco mais de nobreza. Meus heróis estavam se comportando como milicianos. Eu queria tanto que eles não se parecessem!

Depois de Hiroshima, a guerra acabou. As pessoas tentavam reaprender a viver. Para alguns, o balanço era pesado. Revi minha prima Riquette quando ela tinha 13 anos. Eu tinha a lembrança do pai dela, irmão de meu pai, engenheiro em uma fábrica em Espiet, perto de Bordeaux. Estive algumas vezes na casa da tia Hélène, antes da guerra, e tinha uma porção de lembranças felizes. O pai desapareceu durante a guerra, a mãe e os dois filhos foram perseguidos. Eu me lembro daquela menina grande explicando à mãe: “Não podemos ficar em um país que fez isso conosco. Temos de ir para a Palestina.” Creio lembrar-me de que a mãe queria ficar. “Estou apreensiva”, repetia ela, com uma palavra nova para mim. Riquette me explicava: “Lá há uma terra sem povo para um povo sem terra. Faremos crescer flores no deserto.” Eu achava a fórmula bem bonita, mas replicava, do alto dos meus 8 anos: “Mesmo que essa terra seja um deserto, é um deserto palestino. Não se deve ir para lá.” Riquette achava que a França tinha nos agredido. Eu julgava, ao contrário, que ela tinha nos protegido. Eu já não

tinha família, mas achava que Margot Farges, Marguerite, a rendeira, o senhor Lafaye, diretor da escola, Descoubès, a enfermeira, e muitos outros tinham corrido riscos enormes para abrigar e proteger uma criança que não conheciam. Para mim, os franceses que tinham colaborado não eram verdadeiros franceses, pois tinham ficado do lado dos alemães.

Éramos crianças muito politizadas no fim da guerra. Nossas opiniões divergentes iam nos engajar em caminhos de vida diferentes.

O trauma na memória

Quarenta anos de silêncio.

Isso não quer dizer quarenta anos sem relatos íntimos. Eu me contava muito minha história, mas não a contava a ninguém. Teria gostado de falar dela. Eu fazia alusão, evocava os acontecimentos passados, mas, cada vez que deixava escapar uma migalha de lembrança, a reação dos outros, embaraçados, dubitativos ou ávidos de desgraças, fazia-me calar. Sentimo-nos tão melhor quando nos calamos... Teria gostado de falar simplesmente, mas era possível falar simplesmente?

Por felicidade, as circunstâncias inventam acontecimentos que dão a palavra. Em 1985, Philippe Brenot, psiquiatra-antropólogo em Bordeaux, organizou um seminário cujo tema era “Linguagens”. Muita gente famosa, gente que eu admirava: Jacques Cosnier (psicanalista-etólogo), Claude Bensch (fisiologista), De Ceccati (histologista, especializado em comunicação celular).

É a primeira vez que eu voltava a Bordeaux desde 1945. Tudo correu bem, as pessoas eram alegres, amistosas e interessantes. Eu fiz uma exposição sobre os sinais que os animais dirigem à própria imagem no espelho. Claude Bensch me cumprimentou, o que não deixou de ser bom.

Antes da minha fala, contudo, tive uma pequena perturbação. Nos corredores do espaço Malraux, uma moça se aproximou de mim e disse: “Sou a filha de Suzanne Farges.” Suzanne, a irmã de Margot que vinha aos domingos e tentava me ensinar a comer como um gato. Se a moça tivesse se aproximado de mim, cara a cara, eu teria me apresentado segundo os rituais de uso. Como havia muita gente, ela teve de se insinuar para chegar ao meu lado e se dirigir a mim. Como o ritual de apresentação não foi executado apropriadamente, fiquei sem

jeito, fui chamado à tribuna. As circunstâncias estragaram o encontro. O que dizer a uma desconhecida que conhecia minha infância, uma infância escondida, uma infância de que eu não falava?

Depois da exposição, passou-se às perguntas dos profissionais presentes na sala. Um senhor pede o microfone, levanta-se e, com uma voz que se prepara para chorar, diz: “Boris, eu escondi você durante a guerra.” O que dizer? Há quinhentas pessoas na sala, aquele senhor chora contando um episódio da minha infância de que eu não tenho nenhuma lembrança. Entendo mal o que ele diz, de tanto que ele soluça e conta coisas que falam de uma criança que eu não conheço. Ninguém ousa lhe cortar a palavra.

“Pergunta seguinte?” Um etólogo do CNRS me faz uma pergunta técnica que me repõe no eixo, uma vez que não é afetiva.

No final da sessão, o senhor permanece na cadeira. Vou me sentar perto dele. Ele fala, fala, dá-me um cartão de visita e conta que, quando eu estava na casa dele, não parava de repetir: “Eu também, eu antes tinha uma mãe.” Ele diz que mora atualmente numa casa de repouso, trocamos nossos endereços, alguém vem me chamar, ponho o cartão de visita na minha bolsa, no meio de uma dezena de outros, não ouvi o nome dele, já não sei qual é o cartão com seu endereço. Mais um encontro que falhou.

Margot me dirá depois que aquele senhor, em 1944, arriscou a vida para me esconder. Chamava-se André Monzie. Não tenho nenhuma lembrança. Nós nos correspondemos com polidez: o que dizer? O mais intenso não é suficiente.

Em 1995 (talvez), a FR3 Aquitaine me convidou para apresentar um de meus livros. Depois do programa, uma jornalista me estendeu um pedaço de papel: “Uma mulher telefonou, ela se pergunta se você não seria o pequeno Boris que ela ajudou a fugir. Este é o telefone dela.”

Um táxi me leva à casa dela, uma grande casa de subúrbio. Sua alegria e simplicidade imediatamente me põem à vontade. Ela se chama Descoubès: é a bonita enfermeira que me deu caixas de leite condensado, que eu abracei quando tinha 6 anos e que me fez sinal para eu mergulhar embaixo do colchão da mulher moribunda. O marido está lá; seguramente é o jovem oficial de marinha que estava com ela no Grande Hotel, na noite em que o miliciano foi linchado. Ele é sorridente, ausente, e me repete muitas vezes que seu oficial superior não o esperava quando eles chegaram à Síria.

Conto minhas lembranças à senhora Descoubès, distraímo-nos confrontando nossas memórias. Partilhamos as mesmas imagens, quase em detalhes, maravilharmo-nos com a fidelidade de nossas reminiscências. Evocamos alegremente nosso encontro na sinagoga, nosso passado comum durante a guerra naquela espécie de prisão. Eu lhe digo que hoje acho divertido ter conseguido me evadir aos 6 anos, graças a ela, mas me espanta que os alemães tenham autorizado a presença de uma ambulância embaixo das escadas da sinagoga. Não era uma ambulância, ela esclarece, “era uma caminhonete”. Então eu me lembro do oficial que entrou na “ambulância” para examinar a mulher moribunda, um médico necessariamente. Creio lembrar-me de que ele suspendeu uma ponta do colchão, que me viu e ainda assim teria dado o sinal de partida.

“Era o capitão Mayer”, diz a senhora Descoubès. Ele não levantou o colchão, mas viu a moribunda e disse: “Que ela morra aqui ou em outro lugar, o importante é que morra.”

Eu tinha adaptado minhas lembranças para dar coerência à minha representação do passado. Uma vez que ela era enfermeira e que havia uma moribunda, o veículo era necessariamente uma ambulância e o oficial alemão era seguramente médico. Era lógico porém falso. Uma caminhonete tinha sido requisitada, pois a mulher que recebera coronhadas na barriga estava morrendo no chão. Efeito ruim para um exército que tinha como missão seduzir a população francesa. A multidão na calçada, atrás do cordão de milicianos, olhava como se embarcavam os judeus para eliminá-los. Era preciso lhes mostrar que o exército alemão efetuava sua missão com grande correção.

Adaptei minhas lembranças para suportá-las sem angústia. Na minha representação do acontecimento, acalmava-me pensar que o oficial alemão tinha me visto e ainda assim dado o sinal de partida para a liberdade. Eu não estava verdadeiramente certo, parecia-me... aquela intencionalidade não consciente me permitia remanejar a representação dos acontecimentos passados a fim de torná-los suportáveis e não sentir a lembrança como uma condenação inexorável. Graças a essa adaptação, eu não era prisioneiro do passado e escapava ao trauma.

Eu sabia que o nome da senhora Descoubès era Andrée ou Dédé. De onde me vinha esse conhecimento? Será que ouvi seu noivo chamá-la assim no Grande

Hotel, na noite do assassinato do miliciano? Duas fontes diferentes podem, pois, confluir para resultar numa só lembrança!

Ela disse: “Você repetia o tempo todo: ‘Ah! Um dia como este eu nunca vou esquecer!’” Estava me chamando de “você” porque me conhecera criança? Não sei. Espanta-me eu ter dito que jamais esqueceria. Como fiz para pensar que, na vida que me aguardava, eu jamais esqueceria, enquanto poucos minutos antes tinha compreendido claramente que queriam me matar?

Ela devia ter uns 75 anos na tarde desse encontro. Ainda era bonita com seus cabelos brancos. Confessei-lhe que, quando ela me trazia caixas de leite condensado, eu a achava muito bonita com seus cabelos louros. Ela sorriu, levantou-se e voltou com uma foto sua, uma moça com uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha, de fato bela, com seus cabelos pretos como um corvo.

A vida é louca, não é? É por isso que é apaixonante. Imaginem se fôssemos equilibrados, se nossa existência fosse pacífica; não haveria acontecimentos, nem crise, nem trauma por superar, unicamente a rotina, nada para colocar na memória: nós não seríamos sequer capazes de descobrir quem somos. Sem acontecimentos e portanto sem história, sem identidade. Não poderíamos dizer: “Foi isto o que me aconteceu, sei quem eu sou porque sei de que sou capaz diante da adversidade.” Os seres humanos são interessantíssimos porque a existência deles é louca.

A moribunda não morreu

Há dois meses, fui convidado para fazer uma conferência em Orange, Montrouge. Organização perfeita, pessoal sorridente, uma mulher se aproxima de mim e diz com ar cúmplice: “Depois da palestra, o senhor vai ter uma bela surpresa, a senhora Blanché está aqui.” Nesses casos, tenho o costume de adotar um ar extático e dizer com voz trêmula “Aaaah...”, pois não sei quem é a senhora Blanché.

Depois da conferência, sou levado para uma pequena sala onde uma moça me diz: “Eu me chamo Valérie Blanché, sou a neta da mulher moribunda sob a qual o senhor se escondeu ao se evadir.” Pessoas que eu não conhecia assistem, maravilhadas, a um encontro cujo sentido eu não compreendo. Acabo entendendo que a moribunda se chamava Gilberte Blanché, que sua neta está na

minha frente; eu acabo confundindo as datas e os nomes, então nós decidimos nos rever em um local silencioso.

Valérie me entrega uma pequena pasta com fotografias da avó, que se parece com um protótipo de mulher espanhola. Ela nasceu em Bordeaux, tinha 26 anos quando foi presa ao mesmo tempo que eu e 227 outras pessoas. Eu me lembro de que ela tinha recebido uma coronhada que lhe rompera o baço e que estava morrendo de hemorragia interna.

Curiosa, essa lembrança! Com 6 anos, eu conseguia entender que ela estava morrendo, mas e a coronhada, de onde eu sabia? Eu não tinha visto. E a noção de baço rompido que provoca uma hemorragia interna, de onde vinha?

Ainda tenho na memória uma imagem indiscutível: a parte de trás do veículo é escura... Em cima de um colchão uma mulher está deitada sobre seu lado esquerdo, o rosto contra a lateral do carro... A enfermeira me manda subir depressa no carro... Alguém levanta o colchão... Eu mergulho embaixo, o colchão desce... Não me mexo... Sinto o peso da mulher sobre mim. Vejo o soldado alemão entrar na caminhonete para examinar a mulher. É impossível que eu o tenha visto. Devo ter ouvido seus passos, sentido alguns movimentos em cima de mim, mas visto, certamente, não.

Para compor essa lembrança, acrescentei imagens precisas, outras informações tais como o barulho, os movimentos do soldado, algumas palavras talvez ouvidas: “Podemos partir?... Ela vai morrer?...” e uma noção adquirida muito tempo depois, quando era estudante de medicina e aprendi que uma pancada violenta no abdome pode romper o baço e provocar uma hemorragia interna.

Fazendo convergir fontes diferentes, fabriquei para mim uma lembrança coerente.

Valérie me conta que a avó, levada para o hospital, teve uma parede abdominal rompida pelas coronhadas. Operada, escapara de Auschwitz! Ela revelou à neta que, frequentemente, se perguntava o que teria acontecido com o garoto que se escondera debaixo dela e que ela o havia procurado durante quarenta anos. Valérie me conta que tinha 4 anos quando a avó disse: “Os alemães, ao me torturarem e me considerarem morta, nos salvaram a vida, a minha e a do menino...” A avó acrescentou uma frase que determinou grande parte de sua vida: “Não é preciso ser judeu, pois, se os alemães voltarem, eles

porão as crianças em um vagão, os pais em um centro e levam-nos para... Auschwitz, para matá-los... Eu sequer sabia o que significava ser judeu...”

Na idade em que as meninas adoram histórias de princesa, é uma história de horror o que Valérie ouve sem compreender: “O que é ser judeu? Por que põem as crianças dentro de vagões para matá-las?”¹⁰

Gilberte Blanché, a sobrevivente, teria preferido calar-se, mas, uma tarde, a neta entrou de repente no quarto e surpreendeu o abdome da avó, deformado pelos rasgões e costuras cirúrgicas. Ela acreditava que o avô a tinha maltratado. Foi preciso realmente lhe explicar!

O “segredo” compartilhado reforçou a cumplicidade entre a avó e a neta, que ouvia com frequência falar do “menino”: “Eu o sujei com meu sangue”, dizia Gilberte. “É claro que não, você o salvou com seu sangue”, respondia a pequena Valérie.

Depois, Valérie interessou-se por livros que falavam de resiliência, sem pensar que o autor era justamente “o menino”. Até o dia em que ela leu *Je me souviens*¹¹ [Eu me lembro] e conseguiu estabelecer o elo surpreendente: o menino fora finalmente achado, mas Gilberte deixou o mundo naquele momento, sem ter podido encontrá-lo.

Não tenho nenhuma lembrança de sangue em cima de mim, nenhuma lembrança do momento em que saí da caminhonete! Minha imagem seguinte é o caldeirão e a maldição do cozinheiro: “Esta criança é perigosa!”

Quando a memória é sadia, uma representação de si coerente e tranquilizadora constrói-se em nós: “Todos os verões, a família se reúne em uma casa de campo sem conforto, onde passamos nossos dias preparando as refeições, os passeios e os jogos com os primos e primas.” O fato de me lembrar daqueles de que gosto e daqueles que me irritam, a evocação dos jogos em que sou bom ou sou ruim me permitem planejar minhas futuras condutas. Essa representação coerente de mim me dá confiança, uma vez que, doravante, sei o que devo fazer para me sentir à vontade: vou montar a cavalo com a prima Berthe, jogar pingue-pongue com Angèle e evitar o tio Alfred, que me aborrece ao implicar comigo. Colocando em ligação tais lembranças, construo uma representação clara na qual saberei viver com confiança. A pessoa cuja memória é sadia põe à vista alguns objetos, algumas palavras, alguns acontecimentos que constituem uma representação clara.

Uma memória traumática não permite construir uma representação de si tranquilizadora, já que, quando a evocamos, fazemos voltar à consciência a imagem do choque. Repentinamente sobreveio um acontecimento insensato? Como colocar em ligação uma condenação à morte, de súbito, à noite, seguida de uma longa perseguição na qual uma simples palavra que escapa faz voltar o risco de morrer? Um gesto, traindo-nos, transforma em inimigas pessoas que, dois segundos antes, nos declaravam afeição e que subitamente gelam. Basta articular a palavra “judeu” para que tudo seja subvertido. Basta calar-se para ser autorizado a viver.

Na memória sadia, a representação de si conta a maneira de viver que nos permite ser felizes. Na memória traumática, um rompimento insensato fixa a imagem passada e baralha o pensamento.

Pode-se tentar viver ao preço de uma interdição de dizer, uma amputação de si. Faz-se silêncio apenas sobre um tema específico, o restante da pessoa expressa-se com naturalidade. Esse estilo relacional faz passar uma imagem enigmática que intriga os próximos, entretendo-os ou desorientando-os.

Sem acontecimento, o que poderíamos colocar na memória? Quando as crianças abandonadas fazem o relato de sua vida, seus longos buracos de memória correspondem a períodos de isolamento. O mundo íntimo não se enche senão com o que os outros põem lá: as festas, as brigas, os acontecimentos imprevistos. Ninguém dá o mesmo significado a um mesmo fato. A emoção atribuída ao enredo posto na memória depende da história do indivíduo, o que resulta em dizer que, em uma mesma situação, cada um constrói lembranças diferentes.

Prisão do passado e prazer de viver

Ao ser preso, a vida voltou dentro de mim, pois antes dessa ruptura eu sofrera um isolamento protetor. No carro dentro do qual me empurraram, um homem chorava: para ele, a vida ia acabar. Se eu não tivesse me alegrado com a prisão, não teria ficado atento ao que diziam os adultos, não teria seguido os jovens que procuravam fugir, não teria encontrado a inacreditável solução de me encolher sob o teto. Abatido, eu teria me deixado tranquilizar pela mulher que reunia as

crianças sobre o cobertor, atraindo-as com leite condensado, facilitando a ida delas para a morte.

O contexto é que atribui significado ao acontecimento presente. É assim que o pequeno Maurice, sobrevivente do gueto de Lodz, conta: “Eu peguei um trem, era a primeira vez, estava feliz. Ele me levava para a morte.”¹²

Sem acontecimento exterior, não há o que colocar no mundo interior. Quando a memória é sadia, a clara representação de si permite planejar nossas condutas futuras. Quando uma catástrofe nos dilacera, a rotina já não consegue resolver o problema imprevisto, será preciso encontrar outra solução. Mas, quando a dilaceramento nos aniquila porque é intenso demais ou porque estamos fragilizados por feridas anteriores, permanecemos sem ação, desnorteados, em agonia física.

A clínica do trauma descreve uma memória particular: intrusiva, ela se impõe como uma sequência dolorosa que se apropria de nossa alma. Prisioneiros do passado, revemos sem cessar as imagens insuportáveis que, à noite, povoam nossos pesadelos. A menor banalidade da vida desperta o dilaceramento: “A neve que nos faz pensar nos Natais na montanha faz voltar em mim a imagem dos cadáveres gelados de Auschwitz...”

“O céu azul e o calor evocam incontrolavelmente o campo japonês onde por pouco não morri em 1945.”¹³

A memória traumática é um alerta constante para uma criança ferida: quando ela é maltratada, adquire uma vigilância gélida, e, quando viveu em um país em guerra, continua a sobressaltar-se ao menor barulho mesmo quando a paz voltou. Fascinado pela imagem de horror instalada na memória, o ferido se afasta do mundo que o cerca. Ele parece indiferente, prostrado, como se estivesse entorpecido. Sua alma, possuída pela desgraça passada, já não lhe permite se interessar pelo que vive em torno dele. Parece longínquo, estranho, enquanto seu mundo íntimo fervilha.

A posse da memória traumática provoca reações que alteram a maneira de se relacionar. Para sofrer menos, o ferido evita os lugares onde sofreu o trauma, as situações que poderiam fazê-lo pensar nele e os objetos que poderiam evocá-lo. E, sobretudo, não se permite dizer as palavras que despertariam a ferida. Não é fácil aproximar-se desse ferido mudo que coloca a si mesmo em situação de estrangeiro. Sua defesa retraída, ao encapsular o sofrimento, impede-o de

compartilhar suas emoções. Prisioneiro de sua hipermemória, fascinado por uma imagem horrível, o ferido não é disponível para os outros. Perdeu a liberdade de procurar entender e de se fazer entender. Isolado entre os outros, sente-se só, expulso da condição humana: “Eu não sou como os outros... um monstro, talvez?”

Eu me pergunto por que não sofri desse tipo de memória. Rapidamente compreendi que bastava me calar para falar sem problema. Eu me explico: basta não pronunciar a palavra “judeu”. Fácil, eu não sabia o que a palavra designava. Nunca vira um judeu à minha volta. Tenho lembranças de “mãe”: o dia em que ela esperava, de pé, que eu terminasse de amarrar o sapato; o dia em que ela me forçou a entregar a pequena boneca que eu acabara de roubar em uma loja de brinquedos; o dia em que catávamos pulgas, quando caíamos na cama às gargalhadas. São muitos os eventos como esses.

Tenho lembranças de “pai”, quando ele saía para trabalhar na sua oficina de artesão de móveis, quando ele corria atrás de mim, em volta da mesa, para me punir por não sei o quê, quando ele lia o jornal dizendo “Ai, ai, ai”.

Escutei a palavra “judeu” pela primeira vez na noite em que fui preso, quando o policial explicou à senhora Farges que era preciso me pôr na prisão porque eu ia cometer um crime.

Na ocasião da libertação de Castillon, um minúsculo acontecimento me perturbou. Quando o FFI disse: “Tivemos um morto e três feridos”, e eu respondi que não era muito. O desconhecido que falava com o resistente explicou a ele que eu respondera assim porque tinha perdido toda a minha família e por isso não deviam ficar zangados comigo. Depois ele me perguntou se eu tinha pesadelos ou raivas súbitas. Portanto, ele sabia que eu tinha sido preso, que tinha me evadido e que o senhor Lafaye me escondia na escola. Ainda que eu me calasse, aquele desconhecido sabia sobre mim o que era preciso esconder para ter direito de viver! Ele queria até entrar na minha alma a fim de saber se a cascata de acontecimentos me provocava pesadelos.

Creio ter pensado: ‘Nunca nos escondemos suficientemente. Preciso partir, ir para outro lugar, para um país onde ninguém conheça minha história. Só então estarei livre. Quanto mais eu aprender a me calar, mais poderei falar livremente.’ É hoje que penso ter pensado assim. Provavelmente, não empreguei

essas palavras na minha linguagem de criança, mas devo ter tido a sensação que essas palavras hoje traduzem.

Diziam que eu falava pelos cotovelos, contava histórias, dirigia a palavra a desconhecidos na rua. Quem poderia pensar que falava para me calar? As palavras que eu dizia serviam para esconder as que era preciso não dizer. Minha estratégia relacional era clara: conversar com os outros para distraí-los, interessá-los e assim me esconder atrás das palavras não compartilhadas. Essa proteção permitia contar a mim mesmo outra história, esta sim, de boca fechada, com palavras não socializáveis que constituíam contudo a base da minha vida mental. Eu me contava com frequência o que eu não podia dizer. De tanto repetir, meu relato se simplificava. Quando certas lembranças ficavam claras, outras iam para a sombra. Eu me contava a evasão, ou melhor, eu a via como no cinema. E detalhava também a gentileza do soldado de uniforme preto, o que me mostrara a fotografia do filho dele; eu me espantava com o militar que dera o sinal da minha libertação embaixo da mulher moribunda: fazia questão de me enganar, adaptava minha memória para torná-la suportável!

O horror acabava até se tornando belo: a gentileza do soldado negro, a indulgência do médico militar, a beleza da enfermeira, a proteção do menino grande que me chamava de “Pirralho”, os risos dos trabalhadores agrícolas que me faziam beber demais, a camaradagem de meu amigo travesso com quem eu lançava pedras e roubava uva-moscate!; todas essas verdadeiras lembranças lindamente adaptadas me ajudavam a não sofrer com o passado.

Nem tudo ia tão mal, afinal. Eu punha de lado o escoteiro que me denunciara, o cozinheiro que berrava de raiva ao me ver, a freira que fechara a porta, deixando-me do lado de fora porque eu era uma criança perigosa.

Sentia uma pequena irritação contra os professores que, para me ajudar a fugir da escola, tinham posto um capuz na minha cabeça, apitado o fim do recreio e me cercado para me esconder da vista dos garotos, pendurados nas janelas e excitados com a ideia de assistir a um salvamento. Ao me protegerem daquela maneira, estavam me designando ao eventual denunciador! Corriam riscos, claro, mas creio que fingiam me proteger. Não gostei.

A adaptação da minha memória dava coerência ao insensato, tornava o horror suportável e até o transformava em uma conta vantajosa. Eu enganara os perseguidores, tinha sido mais esperto do que o exército alemão e a Gestapo

juntos. Experimentava quase um sentimento de força: para ser livre, basta calar-se e agir sem se explicar.

Eu acabara de estabelecer um estilo relacional que ia caracterizar minha existência futura. O trabalho de narração íntima adaptava minha memória para embelezar o insuportável. Eu já não era um objeto arremessado pelo destino, tornava-me sujeito da história que eu me contava, talvez até o herói!

Estranha clareza

Eu não me dava conta de que, calando-me, passava para os outros uma estranha imagem minha: “Enquanto ele fala claramente, ouve-se uma espécie de eco, o murmúrio de seus fantasmas.” Após a guerra, grande número de meus colegas de escola deve ter experimentado um sentimento que corresponde a essa frase, uma vez que tinham por mim uma gentileza intrigada que revelava sua perturbação.

Eu me lembro de Max, que me cobria de presentes estranhos. Ele tinha 11 ou 12 anos, levava para o colégio, para me dar, roupas-brancas do pai cuidadosamente dobradas pela mãe. Depois me fazia muitas perguntas sobre minha família. Eu respondia enfeitando minha família de acolhida: “Meu pai [de acolhida] organiza festas de bairro. Minha mãe [de acolhida] é muito elegante e fala várias línguas.” Não estava mentindo, mas, quando dizia “meu pai”, Max devia ouvir “de acolhida”, como um murmúrio associado. E, quando eu esclarecia que minha mãe falava várias línguas, tal verdade me permitia não dizer que ela falava francês com sotaque, um pouco de polonês e o ídiche perfeitamente.

A falta de nitidez verbal me permitia proteger minha família de acolhida e apresentá-la com uma bela imagem, a fim de me mostrar como uma criança normal, como todo mundo.

Eu sabia que Max falava de mim aos pais, uma vez que eles lhe davam pequenos presentes para ele me entregar: um caderno de desenho, uma caixa de pintura, duas ceroulas, três camisas. Estranho, não? Ele me fazia muitas perguntas sobre minha família.

Quando nossos fantasmas fazem eco ao que contamos, costumam provocar pequenos atabalhoamentos: “Ele tem um modo curioso de dizer ‘minha mãe’, de

falar da família dele, é estranho”, devia pensar Max. Desejando me ajudar, não podia adivinhar que me contrariava um pouco. Ao me obrigar a expor à luz o que eu queria deixar na sombra, ele me agredia sem querer. O ídiche que, na sua grande sabedoria, constatou essa perturbação amistosa, diz: “Por que me censuras tanto? Eu nunca te ajudei!”

Eu dizia “minha mãe” sem acreditar verdadeiramente, mas, se tivesse dito “minha tia”, teria direito a um rio de perguntas sobre um período da minha vida caótico, perigoso, esmagador, no qual a questão era a morte. Teria podido dizer isso simplesmente? Max, na sua gentileza intrigada, me punha pouco à vontade ao me convidar a falar de uma história que eu me contava sem cessar, mas que me parecia impossível compartilhar.

Essa relação de amizade perigosa é maravilhosamente ilustrada em *Adeus, meninos*, o filme de Louis Malle. No dia 15 de fevereiro de 1944, os soldados alemães cercaram o pequeno colégio des Carmes, perto de Fontainebleau. Três alunos são presos durante as aulas diante dos colegas assombrados. “Dois agentes da Gestapo, em traje civil, efetuam as prisões. Estão bem informados: vão diretamente às salas respectivas de cada um dos alunos judeus, ‘uma denúncia circunstanciada revelara à Gestapo o nome das crianças, o plano, o horário do colégio...’”¹⁴

Em outubro de 1943, Jean Bonnet conhece Louis Malle, que disputa com ele o primeiro lugar da classe.¹⁵ Tornam-se muito amigos. Os dormitórios são imensos, a comida rara, mas os padres são bastante calorosos na educação e nas relações humanas. Louis se liga a Jean, a quem admira, mas cuja mistura de maturidade e reserva o intriga. Como todas as crianças, Louis fala de sua família, e fica um pouco desorientado quando Jean, que habitualmente é claro, gagueja e responde evasivamente quando lhe pedem notícias de sua mãe.

Em uma manhã de inverno, “dois alemães em traje civil entraram na classe e interromperam a aula [...], chamaram Bonnet duas vezes. Na primeira vez, o professor fez sinal para que ele não se mexesse, e, na segunda vez, ele se levantou com serenidade, apertou a mão de todos nós. O professor estava em lágrimas. Nós não compreendíamos”.¹⁶

Subitamente, para Louis Malle, o véu se levanta, o enigma está resolvido: Jean Bonnet é judeu! Eis o que explica sua estranheza: excelente aluno, muito

bom colega, era acompanhado por um fantasma que o fazia gaguejar quando questionado sobre sua família ou quando perguntavam de que cidade vinha.

Durante quarenta anos, os alunos daquela classe de quinta série prosseguiram seus caminhos de vida, guardando na memória este fenômeno incompreensível: “Nossos colegas desapareceram. Não sabemos nem seu nome, nem o de sua família. O projeto *Nacht und Nebel* venceu.”¹⁷

Louis Malle ficaria sabendo tempos depois que seu jovem amigo Hans-Helmut Michel, nascido em Frankfurt, entrou na câmara de gás de Auschwitz no dia 6 de fevereiro de 1944,¹⁸ enquanto o padre Jacques, diretor da escola, morria deportado em Mauthausen.

A vida inteira, Louis Malle se perguntou se, sem ter sido proposital, no momento em que subitamente descobriu o que o amigo escondia, uma criança não teria olhado para ele, designando-o com um breve olhar à Gestapo. Razoavelmente é improvável, mas, na fantasia, vá saber!¹⁹

Memória traumática

Quando passamos por uma experiência similar, um circuito de memória traça-se dentro de nosso cérebro. Tornamo-nos hipersensíveis a um tipo de informação que, doravante, percebemos com mais acuidade do que os outros. Assim se constrói “o mundo oculto da memória implícita [...]. Quando as experiências passadas influenciam inconscientemente nossas percepções, nossos pensamentos e nossas ações”.²⁰

O mundo que percebo com minha sensibilidade adquirida confirma as marcas deixadas pelo que se passou: porque estive em perigo, percebo mais facilmente os sinais do perigo. As crianças que foram maltratadas percebem o menor indício que pode anunciar os maus-tratos: um queixo ligeiramente crispado, uma súbita fixação do olhar, um minúsculo franzimento da sobrancelha indicam a preparação para o ato violento. Um adulto que nunca conheceu esta experiência dirá que são invenções, que certamente exageramos.

A lembrança é uma memória diferente: vou procurar no meu passado as imagens e as palavras que compõem o roteiro que me representa. Nos meus rastros de memória, só preciso das lembranças. A memória do meu corpo não precisa de roteiro para andar de bicicleta. Meus músculos e meus órgãos de

equilíbrio adquiriram uma habilidade que dispensa lembranças. Mas, quando Louis Malle se lembra de sua amizade enigmática com Jean Bonnet e faz um filme sobre ela, organiza a representação do que se passou. Por isso ele pode acreditar ter talvez designado o amigo para a Gestapo, assim como pode decidir fazer um filme em sua memória. Ele não faz voltar o passado: recompõe a representação do passado.

É um pouco assim que funciona a memória traumática: uma imagem clara surpreendentemente precisa, cercada de percepções vagas, uma certeza envolta em crenças. Esse tipo de memória próxima de uma marca biológica não é inexorável, ainda que inscrito no cérebro. Ele evolui ao sabor de encontros que levam o cérebro a reagir diferentemente. Quando o meio muda, o organismo estimulado diferentemente já não secreta as mesmas substâncias. Todo trauma modifica o funcionamento cerebral: a metilação do DNA e o surgimento de histonas constituem as alterações mais frequentes. Doravante, a banda genética já não se expressa da mesma maneira e nós já não estamos atentos aos mesmos sinais. Essas modificações epigenéticas são muito precoces:²¹ descobre-se atualmente a importância do estresse pré-natal e do empobrecimento do nicho afetivo que cerca o recém-nascido. Ainda que a mãe seja a principal organizadora do nicho sensorial, não se pode torná-la responsável pela guerra que destrói sua família, pela precariedade social que deteriora sua habitação ou pela violência conjugal provocada por um marido alcoólatra! Em todos esses casos, o nicho afetivo que cerca um bebê fica empobrecido, e o cérebro dele já não é harmoniosamente estimulado.

As condições adversas organizam um meio que pode perturbar o desenvolvimento da criança. A cascata de pequenos traumas cotidianos reproduz feridas menos espetaculares do que uma catástrofe natural ou uma prisão pela Gestapo, mas prejudica o desenvolvimento. As dificuldades epigenéticas aumentam a vulnerabilidade da criança. A partir de então, um nada poderá feri-la.

Quando se consegue suprimir a infelicidade social ou relacional que empobreceu o nicho, quando se consegue enriquecê-lo modificando as relações, ou quando se propõe um substituto ambiental, as vulnerabilidades neurológicas adquiridas podem desaparecer.²²

O que significa dizer que nem todos os cérebros reagem da mesma maneira segundo sua estruturação anterior ao acontecimento traumático. É mais difícil ferir a criança que recebeu a marca de um vínculo seguro durante os primeiros meses de vida do que a criança que já sofreu porque esteve doente, ou porque seu círculo precoce era deteriorado por uma infelicidade da existência.

O impacto de um acontecimento será menos traumatizante se a criança, antes do transtorno, já tendo adquirido um vínculo seguro, aprendeu um instrumento precioso de domínio emocional: a aptidão para verbalizar.

Certas situações espontâneas permitem analisar o fator de proteção. Entre gêmeos militares, há casos em que um só é enviado para o combate, e volta traumatizado. Os testes que permitem avaliar a memória visual e a memória verbal foram validados. Consta-se que o gêmeo traumatizado obtém um escore mais fraco em memória verbal.²³ Poderíamos até dizer que tem excesso de memória visual, sofrendo de uma síndrome psicotraumática na qual as imagens de horror se impõem ao seu mundo íntimo.

Contudo, quando se faz a mesma avaliação com o gêmeo não traumatizado, constata-se que também ele tem pontuação ruim em memória verbal. Pode-se pensar que a fragilidade verbal, em caso de acontecimento aterrorizante, teria provocado, nele também, uma síndrome traumática.

Outros estudos demonstram que os soldados que sabem manipular o instrumento verbal sofrem menos de síndrome traumática.²⁴ Pode-se portanto deduzir que os dois fatores de proteção mais preciosos são o vínculo seguro e a possibilidade de verbalizar. O fato de sermos aptos a fazer uma representação verbal do que nos aconteceu, e achar alguém a quem dirigir o relato, facilita o domínio emocional. O sentimento de segurança não permite que a memória visual se aposses do mundo íntimo e lhe imponha imagens de horror. Todos os traumatizados têm uma clara memória de imagens, e uma memória ruim de palavras.²⁵

O desenvolvimento que fragiliza a alma e, em caso de adversidade, faz com que a síndrome traumática se instale é, pois, determinado pelo isolamento sensorial e pela dificuldade de verbalizar, anteriores ao trauma. Isso explica por que, em uma situação aterradora, os que se sentiam seguros e aprenderam a se comunicar são menos traumatizados. Contudo, quando se tem de sobreviver em condições adversas, se os microtraumas repetidos diariamente isolam e

impedem a palavra, terminam impondo a vulnerabilidade da qual se escapara. Viver em condições adversas termina provocando alterações neurobiológicas análogas às de um trauma flagrante: redução do volume hipocâmpico, que altera a memória e impede o controle das emoções.²⁶

Na memória traumática, a lembrança impõe-se. A pessoa isolada adquiriu vulnerabilidade neuroemocional. Se, ainda por cima, ela domina mal o instrumento verbal, ou se seu ambiente a impede de falar, todas as condições do sofrimento traumático estarão reunidas:²⁷ com a memória imobilizada, o sujeito prisioneiro de seu passado não pode senão ruminar e sofrer as reminiscências.

Memória viva

Se, antes do trauma, o sujeito se sentia seguro e falava corretamente, se, depois do golpe, foi apoiado e escutado, a memória evolui, uma vez que é sadia. A representação do que aconteceu muda com o tempo e segundo o contexto familiar e cultural. Quando a memória é sadia, as lembranças se adaptam.

Maria Nowak era muito jovem quando as perseguições antissemitas explodiram na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial. Sua família morreu, os amigos foram destruídos, mas ela conseguiu fugir para a França, onde atravessou a guerra refugiando-se no vão de uma escada. Anos depois, quando se tornou estudante, um amigo a convidou para jantar: “Ele me levou a um restaurante do Quartier Latin. À mesa, ele diz: ‘Você está com fome?’ Eu respondo: ‘Não, tudo bem, agora eu como todos os dias.’”²⁸

O pequeno relato permite ilustrar como as lembranças antigas dão conotação afetiva aos acontecimentos presentes, quando a memória é viva. Maria passara fome durante vários anos. Para ela, “Você está com fome?” não podia significar “Espero que esteja com apetite esta noite.” A pergunta só poderia evocar seus sofrimentos passados. Ela respondeu à pergunta presente com uma significação passada, explicando assim como nossa história atribui afetividade aos acontecimentos presentes.

A contaminação afetiva do presente pelo passado acrescenta-se às distorções inevitáveis da representação de fatos passados. “As novas lembranças são inevitavelmente influenciadas pelas velhas lembranças, o que abre caminho para distorções relativamente frequentes.”²⁹

Em seguida a um acidente de automóvel, o traumatismo craniano provoca um vácuo de memória. Quando, semanas depois, se pergunta aos acidentados se eles tiveram um vácuo de memória, quase todos situam a interrupção entre a última lembrança (“Eu estava entrando na estrada”) e o reaparecimento algumas horas ou alguns dias depois (“Eu estava em um leito de hospital”). Quando essas mesmas pessoas são interrogadas um ou dois anos depois, costumam garantir que jamais tiveram transtornos de memória. Lembram-se de ter ficado presas às ferragens do carro esmagado contra um muro. Não é difícil constatar que estão descrevendo as fotografias da seguradora!³⁰

Após o atentado de 11 de setembro de 2001, em Nova York, o mesmo fenômeno foi constatado. A maioria dos sobreviventes das Torres Gêmeas, interrogados logo depois do atentado, estavam aparvalhados, compreendendo mal o que tinha acontecido, estavam lentos, confusos, imprecisos. O que aconteceu? Eu estou ferido? Vai recomeçar?, são suas perguntas habituais.

Passados alguns dias, eles respondiam melhor e começavam a fazer um relato claro. No ano seguinte, a descrição era precisa: tinham visto um avião entrar na torre, tinham descido calmamente as escadas, cruzado com corajosos bombeiros, ouvido os corpos dos que tinham se atirado pela janela explodir no chão, tinham limpado a fuligem do rosto dos amigos...³¹

Eles tinham reunido as lembranças esparsas a fim de dar coerência ao impensável. Fizeram convergir a memória de seus corpos (o choque, o estupor, o medo, o cansaço) com os relatos coletivos (imagens vistas em outros lugares). Essa amnésia da fonte, ao dar uma única representação da tragédia, permitia que dominassem seu mundo mental. Sentiam-se melhor, mas as lembranças que contavam eram constituídas de um *patchwork* de sensações diversas e relatos reunidos.

O trabalho integrador da memória explica a frequência das falsas lembranças, o que não quer dizer mentira. Podemos nos lembrar de um acontecimento que nunca ocorreu. Tal recordação utiliza fragmentos de memória de imagens e de palavras para dar uma forma consciente a uma sensação implícita: “Eu me lembro de que de repente ele me maltratou, está na minha memória” não quer dizer necessariamente que ele me maltratou de fato, mas me vem à consciência de que basta estar ao lado dele para ter a impressão de ser maltratado. A falsa lembrança testemunha um sentimento real. O contrário é também frequente, não

é raro ver pessoas terrivelmente maltratadas quando crianças insistirem, vinte anos depois, em que nunca o foram. Quando se tornam finalmente felizes, veem seu passado de outra maneira.

O simples fato de escrever, de pensar com a mão, acaba adaptando a história que eu me contava. Por muito tempo acreditei ter superado razoavelmente a balbúrdia da guerra, o caos dos meus primeiros anos, graças a uma espécie de resistência mental e sobretudo graças ao silêncio que havia me salvado a vida. Hoje eu entendo que, nos meus primeiros anos, minha mãe impregnou em mim um vínculo seguro. Esse estilo relacional que facilita o encontro e a palavra tinha me ajudado a não deixar escapar as mãos estendidas, Margot Farges, Andrée Descoubès, André Monzie, André Lafaye, Marguerite – a rendeira –, um guarda cujo nome ignoro e mil outros desconhecidos cujo rosto eu não reconheceria, todos fazem parte da minha história sem palavras.

Eu acreditava ingenuamente que a balbúrdia da guerra bastava para definir o trauma. Hoje me pergunto se o fato de ser obrigado a me calar quando a paz voltou não foi uma ferida mais grave.

* “Empoleirado” traduz *perché*, adjetivo no masculino que concorda com *Maître Corbeau*. Sucede que em francês *arbre* (árvore) também é substantivo masculino – daí a confusão da criança. (N. do P. O.)

CAPÍTULO 2

UMA PAZ DOLOROSA

Os adultos falavam de “capitulação”, de bombardeios sobre Berlim, de ocupação da Alemanha. Os tíquetes de racionamento permitiam comer um pouco de pão preto com batatas da terra e já não apenas girassol e nabo. Os J3 (adolescentes) tinham até direito a um tíquete para chocolate. Era um luxo!

Escrever para fazer o luto

Eu tinha voltado para a casa de Margot, cuja família se reagrupara, e me instalara embaixo da mesa da cozinha para ficar tranquilo como em uma cabana. Então a senhora Farges disse: “Mas você não entende que os pais dele não vão voltar nunca mais, nunca mais?” Ela se dirigia a Margot, cujas pernas eu via da minha posição embaixo da mesa. Nenhuma outra lembrança em torno dessa breve sequência, mas as palavras se impregnaram na minha alma e eu as ouço ainda hoje. Na verdade, não as ouço, mas sei que foram pronunciadas.

Logicamente, a cena deve ter se passado em 1945. Meu pai se engajara no regimento de voluntários em 1939, eu o revira de uniforme durante uma licença e outra vez no campo de Mérignac, onde ele permanecera sentado, calmo e silencioso. Depois ele desapareceu. Minha mãe deve ter sido presa em 1942,¹ nunca mais a revi.

A frase sob a mesa me servia de ritual de luto. Fora dita em voz alta, pois a senhora Farges estava zangada. Havia muito tempo eu era órfão, mas, graças àquela cerimônia involuntária, acabara de ouvir o anúncio de que eu teria outra vida por fazer, sem eles.

Eu me lembro então de ter pegado um jornal atrás da mesa, tê-lo aberto no chão e ter dito a mim mesmo: “Há de ter algumas linhas sobre meus pais ou uma fotografia deles. Não se pode desaparecer assim. É absolutamente necessário que eu aprenda a ler para descobrir quem eles eram.”

Hoje fico pasmado com meu parentesco com Georges Perec.* O pai dele, em 1939, engajou-se na Legião Estrangeira, como todos os judeus poloneses e republicanos espanhóis recém-chegados. Ele desapareceu. Teria feito amizade com meu pai?

A mãe o levou à estação de Lyon. Ela desapareceu. Nenhum trauma evidente, nenhuma violência, de repente o deserto. O pequeno Georges, isolado, entorpece-se progressivamente. Colocado em uma instituição em Villard-de-Lans, desorientado, ele espera.

Com 8 anos de idade, quando a guerra acabou, compreende que os pais jamais voltarão. Decide então tornar-se escritor a fim de contar a história da vida deles em um livro que lhes servirá de sepultura.² Dinamizado pelo projeto, torna-se bom aluno e se apresenta cerimoniosamente: “Eu me chamo Georges Perec, tenho 8 anos, sou escritor.”

Encontrei-o muito tempo depois, quando ele se tornou arquivista no hospital Saint-Antoine, mas não sabia que talvez tivesse cruzado com ele em Villard-de-Lans, onde fui colocado no Gai Logis, atrás da igreja. Imagens de campos de neve, lembranças de caçadores alpinos. Eu os admirava muito, com seu uniforme azul e a grande boina, análoga à que me faziam usar. Estava um pouco decepcionado por vê-los esquiar tão mal, embora eu contasse que os tinha visto saltando de um trampolim a 100 metros de altura. Ninguém me acreditava, não faz mal, mas eu salvara a imagem deles. Podia, pois, continuar a admirá-los.

Não sei por que eu estava lá. Com outros pensionistas, caminhávamos na neve, usávamos um capote azul, passávamos diante de uma grande instituição cheia de crianças que corriam em um jardim. Georges Perec estava no Gai Logis ou naquela grande casa?

Os dois momentos marcantes desse período eram as caminhadas na neve para formar nosso caráter, e a missa. Gostava muito dessa cerimônia, as roupas cômicas dos padres, a música, o incenso e o teatro do qual devíamos participar ficando de pé, de joelhos ou murmurando palavras estranhas. Que belo acontecimento!

O que mais me impressionava eram as botas de um colega pequeno. Nós todos tínhamos calçados deformados, em geral furados e recebendo água, enquanto ele possuía botas de couro, que iam até a metade da canela. Quando era preciso ficar de joelhos para rezar, ele se acomodava para pôr um pé à frente, na posição do

atirador ajoelhado, como o soldado de chumbo que alguém me dera. Que belo acontecimento!

Não devo ter ficado muito tempo no Gai Logis, visto que não cheguei a aprender a ler. Não éramos infelizes naquela instituição: a neve, os caçadores alpinos, a missa, as botas de couro, o tempo passava tranquilamente.

Até o dia em que uma “monitora” me disse: “Vá até o corredor. Sua mãe o está esperando.” “Minha mãe?” Com efeito, uma mulher, alta, bonita e elegante, viu-me aproximar. Eu me lembro de seu vestido azul com enfeites brancos e do seu chapéu espetacular. “Sou sua madrinha, a irmã da sua mãe, chamo-me Dora.” Não sei mais o que foi dito em seguida.

No dia seguinte ela voltou. Era a hora da prece. Eu a vi falar ao ouvido da monitora, que se aproximou de mim e disse: “Vá ficar de pé no fundo da sala. Você não fará mais a prece conosco. Você é judeu.”

Eu continuava sem saber o que era ser judeu, mas descobria que bastava pronunciar essa palavra para ser excluído, mesmo em tempo de paz.

Dora foi embora dizendo que voltaria para me buscar. Um bom tempo depois, um rapaz simpático veio me visitar. Ele disse: “Eu me chamo Jacques, sou seu tio.” Ele me deu um castelo de madeira, alguns soldados de chumbo, com os quais fingi me divertir. Ele foi embora, eu perdi os brinquedos.

Já nada era como antes. Eu achara dois sobreviventes da minha família e, pela primeira vez na vida, me sentia sozinho, infeliz.

Durante a guerra, a morte era tão próxima que eu estava entorpecido, anestesiado, acho. Bastava que uma palavra escapasse, que um vizinho me denunciasse, para que um nada me fizesse morrer. A inabilidade dos professores que me protegiam fazendo-me fugir encapuzado diante dos outros alunos, um cozinheiro que se zangava, uma freira assustada bastavam para me empurrar para a morte. Eu não sentia tristeza nem angústia, era mais uma não vida antes da morte. Quando a gente se rende, sofre menos, acho eu. Também não era um desespero, uma vez que o simples fato de não morrer era para mim uma vitória.

A dança e a vida

A vida retornou quando voltei para a casa de Margot, quando Andrée Descoubès me levou para ver as mulheres nuas no grande teatro de Bordeaux, quando os

passantes se beijaram na place des Quinconces porque a bomba atômica explodira em Hiroshima: era uma festa! A alegria à minha volta me penetrava docemente e me devolvia o prazer de viver.

A centelha se apagou assim que encontrei o fragmento da família. Eles não poderiam ter feito outra coisa, evidentemente. Tinham muitos lutos por superar: Nadia, minha mãe; Rose, minha tia; muitos primos; aparentados e, sobretudo, Jeannette, que desaparecera aos 15 anos. Não foi presa, não foi deportada, não foi morta, ela desapareceu. Eles precisavam arranjar trabalho, moradia e tinham de preencher toneladas de papéis para ter o direito de me recolher. À espera, rejeitado porque não podia rezar nem ir à igreja, ignorando que as sinagogas existiam, eu também não podia brincar com meus coleguinhas, que agora me mantinham à distância.

O fato de já não pertencer a um grupo e ter de esperar aquelas duas pessoas que eu não conhecia despertou o rastro da solidão, fazendo voltar as lembranças da época em que eu estava escondido na sala da rue Adrien-Baysselance. Depois de ficar isolado durante a guerra, eu me via abandonado após a guerra, o que não é o mesmo sofrimento.

Um fenômeno estranho então me preocupou: recomecei a sonhar, toda as noites, que estava fechado dentro de um aquário! Eu via o mundo exterior, mas não podia me mexer nem gritar. Às vezes, o aquário se enchia de bolhas que cresciam e vinham na minha direção para me esmagar. Às vezes, eu via uma princesinha bonita e minúscula fechada em outro aquário. Ela me fazia sinais para eu ir até ela, mas eu não podia me mexer e as paredes de vidro eram intransponíveis.

Esses sonhos são frequentemente mencionados pelos que sofreram um “encerramento traumático”.³ Aprisionados pelas paredes, entorpecidos pelo silêncio, vemos os outros viverem, gostaríamos de sair mas é impossível, estamos envoltos em uma gelatina translúcida que impede que nos mexamos, estamos encerrados em um aquário, onde podemos ver tudo, sem nos mexer nem dar uma palavra.

“Tudo banhava em um silêncio de aquário, como uma cena vista em sonho.”⁴ Não é assim que um homem deve viver. Ele tem de ter um lar, pais, amigos, uma escola e sonhos. Um ser humano não pode viver dentro de um aquário, precisa de espaço e de palavras.

Como prometido, Dora foi me buscar. Eu a achava amável, calorosa e muito bonita. Ela morava sozinha em um quarto muito pequeno na rue Rochechouart, perto de Pigalle: sem água, sem aquecimento, uma cama que eu dividia com ela, uma mesinha e algumas prateleiras em 12 metros quadrados, no máximo. Era suficiente para ser feliz nos anos do pós-guerra. A vantagem do quarto é que era próximo do trabalho dela, o Roxy, onde ela era dançarina. Às vezes ela me levava a esse lugar maravilhoso. As grandes escadarias, os espelhos, a luz azul, o tapete e a música criavam um ambiente de luxo e de festa. Eu adorava. Nunca tinha visto um palácio tão bonito. Dora ria o tempo todo; era um momento de verdadeira felicidade compartilhada.

Entre o Roxy e a rue de Rochechouart, eu habitava o paraíso. Mesmo no céu há sombras. Dora voltava do trabalho por volta das três horas da manhã, e eu ficava sozinho no minúsculo quarto. Bastava o isolamento recomeçar e os balanços e rodopios tomavam conta de mim. Eu redescobria os movimentos autocentrados que manifestara quando tinha ficado isolado na rue Adrien-Baysselance, em Bordeaux, durante a guerra. Meu único outro era eu mesmo. Todas as crianças colocadas em isolamento sensorial acabam reagindo assim, o que constitui um indício de perturbação do desenvolvimento. Por sorte, bastava que chegasse alguém para que meu elã em relação à pessoa fizesse desaparecer os movimentos estereotipados. Ninguém podia ver, pois eles só apareciam durante os momentos de isolamento.

Durante o dia, Dora dormia, mas eu podia ir à escola da rue Turgot. Quase escrevi “por sorte”, mas não o direi, pois não foi nada bom. Tenho na memória uma classe superlotada e mal iluminada. E, sobretudo, guardo uma lembrança muito ruim de uma professora de coque. Puseram-me numa classe na qual eu deveria estar caso tivesse tido escolaridade normal.

Eu estava muito atrasado. Começava vagamente a ler e a escrever, mas não sabia que, durante as provas, não podia copiar do livro de classe que eu pusera simplesmente em cima da minha mesa. A professora se aproximou devagarinho e, de repente, puxou meu cabelo, fazendo a alegria dos meus colegas de classe.

História da senhora Lot

Eu não entendia nada. Ia mal na escola e era rejeitado durante o recreio. Dora dançava de noite e dormia de dia. Eu ficava sozinho. Por sorte, ela tinha dois enormes livros cujas imagens eu admirava. Era uma Bíblia ilustrada por Gustave Doré. Foi onde aprendi a ler. Ali eu achava histórias terríveis e maravilhosas, templos que desabavam sobre milhares de homens, crianças que eram abandonadas no deserto ou degoladas na cama, irmãos mais velhos que vendiam o caçula, exércitos inteiros afogados com os cavalos. Maravilhoso. Horrível. A vida normal, afinal.

Entre as belas imagens e os textos que eu tentava decifrar, a história de Lot ficou gravada na minha memória. Ainda hoje revejo claramente a parte esquerda da ilustração escura onde o talento de Gustave Doré pôs em relevo Lot fugindo, seguindo em frente com as filhas. Na parte direita, iluminada pelo incêndio de uma cidade, Sodoma ou Gomorra certamente, a senhora Lot volta-se e, com um gesto de súplica, estende os braços e imobiliza-se, transformando-se em estátua de sal.

Eu contemplava com frequência aquela gravura, que tinha para mim um efeito moral: eis o que acontece quando se pensa no passado. O sal de nossas lágrimas nos transforma em estátua de sal, e a vida para. Nunca retorne se quiser viver! Para a frente, para a frente!

Essa história edificante me serviu de estratégia na existência durante grande parte da minha vida. Para a frente, não retorne, não pense mais no seu passado, dele só lágrimas resultam. Já o futuro será rosa. Para a frente!

Foi assim que a história de Lot me falou ou fui eu que a fiz falar assim? Eu poderia ter extraído outra moral. “Cada um conhece a versão oficial do capítulo 19 do Gênesis. Em Sodoma, como em Gomorra, bem ao sul do Mar Morto [...] a corrupção era generalizada e a sexualidade desenfreada.”⁵ Naquele oceano de vício, a família Lot era virtuosa, até acolhera dois estrangeiros! Deus os autorizou portanto a fugir antes da destruição daqueles antros de devassidão. A senhora Lot, talvez lastimando a perda dos momentos de festa, olhou para trás uma última vez!

Eis como eu o poderia ter interpretado. Recentemente, procurei a gravura de Gustave Doré que evoca a história de Lot. Os dois livros ainda estão na minha biblioteca.⁶ Acabo de folheá-los com toda a atenção. Revi todas as gravuras ainda claras na minha memória, detalhadamente. Guardo no fundo de mim a

imagem de Isaac carregando a madeira de seu próprio sacrifício, de José vendido pelos irmãos, de Moisés salvo das águas, da morte de Saul com uma espada a lhe abrir o peito e a de Sansão a derrubar os pilares do templo que encantou minha alma de menino.

Está tudo gravado na minha memória com uma precisão impressionante. Tudo, salvo a fuga de Lot, que eu não acho! A gravura que a mostra fugindo das cidades pecadoras não está aqui! Contudo, eu a vejo, posso garantir, vejo-a dentro do livro de páginas amareladas. É indiscutível, mas ela não está. Devo tê-la visto em outro lugar e, como eu folheava frequentemente esta Bíblia, a pus dentro, um lugar lógico. É lógico, porém errado!

Dei muita importância a essa falsa lembrança (poderia dizer “a essa lembrança recomposta vinda de fontes diferentes”), porque a imagem me falava. Ela me dizia de maneira bela: “Você poderá viver se quiser, com a condição de nunca se voltar para seu passado.”

Fácil!

Evitar a inquietante representação do passado permitia-me não ter angústias, não ruminar e não deprimir-me. Mas, impedindo a verdadeira representação de mim, instalava-se um distúrbio na relação com os outros. Eu era alegre, coerente, e, repentinamente, quando uma palavra ou um acontecimento evocava a ruína da minha infância, eu me calava.

Em tempos de paz, eu teria podido contar o que se passara. Não era “indizível”, como se pretende hoje. Talvez até, se tivesse encontrado um meio tranquilizador, eu pudesse contar banalmente a guerra. “Banalmente a guerra”, vocês se dão conta? Pode-se contar “banalmente” a loucura assassina? Essa formulação não é correta, não foi uma loucura assassina: uma simples palavra que escapou, um papel para assinar, o olhar de um vizinho... bastava para provocar a prisão, uma estrela amarela escondida sob uma echarpe pouco tempo antes de pular pela janela. O horror expressando-se na banalidade, como compreender?

Calando-me, eu dava a entender que saíra incólume da guerra. Isso é possível? É normal parecer normal depois de um pesadelo de todos os dias? Não falar nada sobre a perseguição me trazia um benefício: “Para a frente, para a frente”, como eu fizera Lot dizer. Era uma adaptação, mas não era normal. Meu círculo era cúmplice dessa negação. Os feridos ficavam felizes por parecer fortes e

sorridentes depois da devastação, e os próximos ficavam aliviados por não ter de enfrentar as questões colocadas pela perseguição.

Na época em que eu recebia a afeição de Dora e vivia as festas luxuosas do Roxy, desesperava-me por ser nulo na escola. Minhas péssimas notas confirmavam minha inferioridade, como tinham afirmado os alemães e seus aliados colaboradores. Uma vez que eu não entendia nada, eles tinham razão em me desprezar e talvez até em ter desejado me eliminar.

A guerra é bela, dizem eles

Nessa época, as crianças eram incrivelmente livres na butte Montmartre. Eu tinha feito um amigo com quem galopava através do bairro. As places d'Anvers, de la Trinité, Montholon e os jardins do Sacré-Cœur nos ofereciam belos campos para brincadeiras. Nós nos encontrávamos de manhã e voltávamos para casa de tarde. Ninguém se preocupava. Jogávamos bola no meio das ruas, pois praticamente não havia carros em 1948. Entrávamos nos cafés para pedir um copo d'água e um pedaço de pão. Era a liberdade! A festa!

Eu me lembro de uma manhã em que, muito gentilmente, meu amigo disse: “Minha mãe não quer que eu brinque com você porque você é judeu.” Ao nos separarmos, demos um aperto de mão.

Creio não ter ficado triste. Simplesmente tive uma sensação de vazio na representação de mim. Um vazio perplexo, vocês sabem, como uma sombra imprevista em uma representação clara: subitamente, um enigma! O mundo era simples quando, de repente, uma pergunta sem resposta surgiu. O pai dele morrera na guerra, como o meu. A mãe dele era pobre, como Dora. Meu amigo morava com ela em um minúsculo quarto sem conforto, como nós. Eu era uma palavra que designava não sei quê, o que me privava de amizade e de um dia de liberdade.

Os outros conheciam esse “não sei que” que me caracterizava. Uma tarde, um colega de bairro veio me procurar para que eu contasse minha história ao pai dele. Aceitei com prazer, afinal nada a esconder, banal, como todo mundo! Quando entrei na joalheria, havia três ou quatro adultos, um dos quais sentado, seguramente alguém mais importante. O pai (lembro-me de seu nariz grande e da camisa cinza) me disse: “Conte a este senhor o que lhe aconteceu.” Talvez

tenha exagerado, pois me senti no palco diante de quatro espectadores, um deles importante, sentado. Não me lembro do que eu disse, mas, como aquela encenação me dava um sentimento de importância, devo ter dito a verdade, contando-a bem demais.

O que provocou uma careta no sujeito importante, que estava sentado, foi a minha evasão. Ele me pediu detalhes, a que penso ter respondido claramente. Então ele me estendeu uma moeda (cinquenta centavos provavelmente) e disse: “Você conta belas histórias, vá comprar balas.”

Belas histórias? Não era falso.

O despedaçamento da minha infância me punha em situação de exceção. Se eu tivesse falado durante a guerra, teriam me matado. Quando eu falava em tempos de paz, não me acreditavam.

Fazer o relato da própria vida não é em absoluto expor um encadeamento de acontecimentos, é organizar as lembranças a fim de pôr ordem na representação do que nos aconteceu e é, ao mesmo tempo, modificar o mundo mental daquele que escuta. O sentimento que vivenciamos depois de um relato de si depende das reações do outro: O que ele vai fazer com o que eu disse? Vai me matar, me ridicularizar, me ajudar ou admirar? Aquele que se cala participa do relato daquele que fala.

Por que me pediam que contasse acontecimentos que eu preferia calar? Quando os expunha, eu me sentia anormal: orgulhoso ou envergonhado, segundo o olhar do outro. Eu me sentia apaziguado quando não tinha mais nada a esconder, mas, em geral, a reação das pessoas à minha volta me incentivava ao não dito. Quando um adulto não acreditava em mim, quando ele ria do meu “talento inventivo”, quando um amigo se recusava a brincar comigo, eu me resignava ao silêncio.

Nessa época eu tinha 9 anos e teria podido explicar que, em meio à desgraça da guerra, conhecera momentos felizes. Eu guardava na memória algumas imagens ternas e alegres com minha mãe, sentia orgulho do engajamento do meu pai na Legião Estrangeira. Teria podido contar a alegria das refeições familiares na casa dos Farges. Suzanne, que queria me ensinar a comer como um gato; Margot, que decretara que eu adorava as cabeças de coelho (de que eu tinha horror); a cômica Rádio Londres, o calor daquela família, até o dia em que foi preciso eu me isolar em um único cômodo.

Conheci belos momentos quando dormia em cima da palha no celeiro de Pondaurat, na companhia do garoto grande que me chamava de “Pirralho” e dos trabalhadores agrícolas que me embriagavam para se divertir. Isso não interessava a ninguém. Preferiam que eu falasse da fossa de esterco na qual era preciso chafurdar, da rudeza da rendeira e do meu quase afogamento durante a pesca. A desgraça dos outros é mais interessante.

Guardo boas lembranças de alguns dias de escola, para onde pude ir graças a meu nome protetor Jean Laborde (ou Bordes). O dia começava com uma festa, quando era preciso cantar “Maréchal, nous voilà” [Marechal, estamos aqui]. Ficava feliz em pensar que um marechal me esperava e esperava que eu trabalhasse para a grandeza da França.⁷

Em Castillon, eu era feliz quando corria pelo campo com meu amigo pobre e roubava uva-moscato até passar mal.

Passei noites magníficas no Roxy vendo Dora dançar com os americanos, conversar alegremente com acrobatas, e vendo Maurice, que, dizia-se, dançava melhor do que Fred Astaire.

Que alegria! Não estou mentindo, esses acontecimentos foram maravilhosos. Mas outro relato enchia minha alma, o de uma cascata de tragédias impossíveis de dizer porque as pessoas em torno de mim não queriam escutar.

Nem tudo era róseo em nossos reencontros. Dora não me criticava por eu ser mau aluno. O que lhe causava desgosto era que eu não dava cambalhotas e não pulava no pescoço dos seus amigos. Minha reserva a decepcionava. Na sua generosidade, ela sonhava em recolher o filho de sua irmã preferida. Para ela, significava o retorno da paz, a felicidade recuperada, o prosseguimento da vida familiar. Ela queria cuidar de um menino expansivo e afetuoso. Via-se com um pequeno velho de 9 anos.

Ela tinha muitos amigos entre os dançarinos. Quando um deles chegava, ela me empurrava dizendo: “Vá, corra, dê um beijo nele.” Eu não sabia fazer isso, mesmo que sentisse um grande prazer em ver “Fred Astaire” ou o “Corso Acrobático”, cujas fotografias eu admirava nas paredes dos cabarés de Pigalle. “Uma criança dá cambalhotas”, dizia-me ela, decepcionada. Eu não era uma criança havia muito tempo.

Foi então que Margot quis me adotar. Ela estava em posição favorável, pois tinha profissão, marido e uma família conhecida. Minhas duas mães substitutas

entraram em conflito. O caos voltou. A primeira consequência de uma desorganização do meio em torno de uma criança é que ela se torna incapaz de ordenar sua própria representação do tempo. Ainda hoje, a memória dessa época retorna por flashes, não vejo senão clichês superexpostos cercados de sombras calcinadas.

A beleza e os zumbis tristes

Eu me vejo em uma instituição cujo nome desconheço.⁸ A casa é grande, limpa e vazia. As crianças ainda não chegaram. Devo ser o primeiro. Os dois monitores nunca falam, nada está organizado, não há escola, não há atividades, não há lazer, nada. Em volta da casa, uma paisagem montanhosa, uma enorme parede rochosa do outro lado da estrada e, mais abaixo, um rio, que ouço chamar de “o Bourne”. Não sei onde estou. Ando à toa, sozinho, tento fazer alguma coisa. Nada me diverte. Recomeço a dar voltas e a me balançar.

Fui salvo pelas formigas. Perto da porta de entrada, no jardim, à esquerda, reparei em uma pedra que tremia. Ao me aproximar, constatei que se tratava de um castelo para formigas aladas. Podiam-se ver os túneis, onde os insetos se atarefavam, e, na superfície, bases de decolagem de onde as grandes formigas acobreadas levantavam voo em esquadrão. Foi estarrecedor: havia perto de mim, no meu deserto afetivo, um mundo apaixonante! No dia seguinte, como em um filme de grande espetáculo, pequenas formigas negras atacaram o campo de formigas voadoras para lhes roubar os ovos! Eu as vi entrar nos túneis e sair rolando enormes ovos brancos, que elas carregavam para longe. Movimento circular das formigas aladas, novo ataque das formigas negras, estocagem dos ovos, combates, fugas. Eu nunca vira um espetáculo tão fantástico. Nunca questionei tantos problemas humanos quanto ao observar as formigas: bastava, pois, estar vivo para se organizar em sociedade? Por que as formigas negras pegavam os filhos das formigas acobreadas? Quando se é pequeno, pode-se ainda assim ser forte? Graças às formigas, eu começava minha formação de fazedor de perguntas e descobria que o mundo às vezes é encantado.

Pouco a pouco, as crianças foram chegando àquela casa. Pequenos zumbis tristes, eu não me ligava a elas. Havia menos vida naquela morna instituição do

que em plena guerra, no celeiro de Pondaurat, nos campos de Castillon e, depois da Libertação, nas ruas de Paris. Difícil viver quando tudo está entorpecido.

Naquele ambiente vagaroso houve dois acontecimentos: descobri a beleza fantástica do sol nascendo e a extraordinária satisfação de trepar em tudo o que pudesse ser escalado.

Eu acordava muito cedo e subia em cima de uma pia para me agarrar a uma janelinha onde esperava o nascer do sol. Ficava assim bastante tempo, pois me lembro da dor que sentia nos joelhos apoiados no rebordo da janela e do cansaço das mãos agarradas à maçaneta. Por fim, o sol se levantava. Eu saboreava cada claridade e depois, maravilhado, voltava a me deitar.

Por que precisava trepar em tudo? Todas as crianças gostam de escalar coisas, simplesmente. E, naquela instituição, eu descobrira um corredor estreito que levava ao banheiro. Pondo os pés em uma parede e colando as costas do outro lado, conseguia me elevar até o teto, onde me mantinha sem esforço. A performance criava em mim um notável sentimento de segurança. Eu me pergunto se não teria pensado: ‘Enquanto eu puder escalar, posso me libertar.’ Não devo ter pensado assim, com estas palavras, mas o fato de escalar adquiria tal significado, ao qual, hoje, dou a forma verbal.

Seja como for, escalando, eu pensava na minha evasão. A quem vocês querem que eu fale disso? Aos adultos indiferentes? Aos meus colegas entorpecidos? Escalar adquiria para mim o significado de uma evasão possível, como se eu me fizesse um relato sem palavras: “Não tema nada, não existe prisão hermética.”

Então eu escalava no corredor dos banheiros, mas também ao longo das paredes e nas colunas de pedra tão largas que eu não conseguia abraçar. Chegava a alcançar o alto, correndo um risco enorme diante de alguns colegas mudos de admiração.

Quando ouvi falar do Oignon, uma parede rochosa, convexa a ponto de só os bons escaladores conseguirem enfrentá-la, decidi tentar. O portão da instituição era fechado, mas dava para sair sem dificuldade, suspendendo a grade que cercava o jardim. Levei comigo, na fuga, um coleguinha cuja amizade eu desejava obter porque a mãe dele vinha vê-lo de vez em quando. Se uma mãe o amava, eu tinha a impressão de que ele valia mais do que eu. O simples fato de estar perto dele dava importância à nossa amizade.

Creio que o nome dele era Capitão. É bem bonito. Vá saber, talvez seja verdade.

Seguimos o caminho de aproximação, ele ficou imobilizado em cima de um ressalto, incapaz de subir ou de descer. Eu o aconselhei a tirar os sapatos para sentir melhor a pedra sob os pés. Como ele não podia subir segurando-os na mão, quis jogá-los para mim. Eu me lembro da minha aflição ao não conseguir pegar os sapatos e vê-los cair lá embaixo, no meio do mato. Para ele, foi uma tragédia expressa em berros e choro. Tive de continuar sozinho até o topo, e depois desci correndo pelo estreito caminho atrás do Oignon para avisar os adultos. Ninguém me fez a menor reprimenda.

Que ideia esquisita contar essa lembrança! Talvez eu tenha desejado demonstrar que o significado que atribuímos ao presente se enraíza em um acontecimento passado. Escalar significava para mim “Existe sempre uma liberdade possível”, por causa da minha evasão. Para meu coleguinha, o significado era: “Mamãe vai ficar furiosa, perdi os sapatos. Este acontecimento é uma infelicidade para mim.”

Sofrer com o real não tem absolutamente o mesmo efeito que sofrer com a representação do real. Durante a guerra, eu estava inserido na urgência do contexto. Vivia em um mundo imediato no qual não tinha suficiente distanciamento para fazer uma representação. Quando mentalizamos, fazemos uma representação de imagens e de palavras, fazemos voltar para nosso cinema interior algumas sequências postas na memória. Esses filmes íntimos, ao nos contar nossa própria história, participam da construção de nossa identidade.

Em período de guerra, o processo de memória não é possível. É preciso ser rápido, compreender e decidir, passar ao ato em vez de mentalizar. A adaptação permite a sobrevivência, mas não a representação do acontecimento. Ouve-se uma informação inquietante à qual se reage no mesmo instante. Podemos resolver um problema sem verdadeiramente compreendê-lo, como quando se anda de bicicleta. Tratamos todas as informações sem tomar consciência delas. Sem emoção, sem mentalização, a frieza e a ação bastam para nos tornar fortes. E mais: depois da ação, experimentamos uma sensação de euforia, o prazer de ter enganado a morte. Que estranha associação entre a frieza da ação e a euforia que se segue...

Durante a guerra, nas minhas emoções, a anestesia da morte iminente se alternava com o prazer da vida recuperada. Era uma felicidade dormir sobre a palha, depois de quase ter morrido dentro de uma panela, era uma alegria deixar-se embriagar pelos adultos para entretê-los, depois de ter sido privado de relações, era divertido ser preso por homens com armas depois de ter ficado isolado durante meses.

Pequenos velhos de 10 anos

Quando a paz voltou, as transações mudaram de natureza. De agora em diante, a ideia que eu fazia de mim tinha de estar de acordo com a ideia que os outros faziam de mim. O real se tornava acessório, só o significado contava. A emoção do entorpecimento ou da alegria já não era provocada pela percepção de uma situação, mas pelos relatos que se faziam dela. Agora eu tinha um sentimento, ou seja, uma emoção provocada por uma representação.

Em todos os países em guerra, constata-se esta reação paradoxal: as crianças parecem fortes durante a guerra e desabam em seguida. Os libaneses têm o que dizer: “Em julho de 2006, durante os bombardeios israelenses, Ali, de 4 anos, está em Cana. O prédio onde ele se refugiou com os pais e com a irmã Zeinab desaba.”⁹ A mãe, Roula, é tirada dos escombros, mas Zeinab está morta e Ali, ferido na cabeça, está em coma. Um vizinho, tomando-o por morto, leva-o para uma casa onde são empilhados os cadáveres. A criança recupera a consciência, sozinha, no meio dos corpos destroçados e dos cães, que espreitam o monte de cadáveres.

Depois de 15 dias, o garotinho está alegre e ativo. Diz que sua irmã está feliz no paraíso. Dorme bem, fala gentilmente e desenha tanques israelenses atacados e destruídos pelos resistentes libaneses. Na escola, ele é muito bom aluno, orgulhoso de ter mártires na família. Quando for grande, será soldado. As pessoas próximas, admiradas, falam de resiliência.

Após dois anos, a paz voltou, os libaneses já estão reconstruindo. A mãe de Ali leva o menino ao centro médico-psicológico de Tiro. A criança não para no lugar, agita-se, rasga todos os desenhos, os seus e os dos coleguinhas, quebra os objetos e responde agressivamente. Tem medo de que matem sua mãe.

Essa evolução, frequente em crianças da guerra, permite pensar que *coping* não é resiliência. O *coping* consiste em enfrentar a provação no momento em que ela se apresenta. A criança desafia a tragédia com sua pequena personalidade já construída. Combate o que está em torno dela com o que está nela.

Só se pode falar de resiliência mais tarde, no pós-golpe, quando a criança tiver de enfrentar na memória a representação do que sofreu. O *coping* está na sincronia, a resiliência está na diacronia.

Enfrenta-se a provação com o que se é, naquele momento. Depois, repensando, procura-se compreender o que aconteceu para já não ficar confuso, para dominar a representação.

O acontecimento trágico é inscrito em um relato de si para dar a ele um sentido e para tomar um novo caminho de vida. Só então se pode falar de resiliência.

No momento do bombardeio, Ali sentia-se em segurança graças à família, aos amigos e à familiaridade de seu bairro. Estava em casa. A escola, o mercado, os vizinhos, tudo era estável e tranquilizador. Aos 4 anos, a ideia de morte não é adulta, a noção de irreversibilidade ainda não foi adquirida. Ali não pode, portanto, sofrer a morte da irmã, mas talvez possa sentir falta da presença dela e de suas brincadeiras.

Decorridos dois anos após os bombardeios, quando a paz já voltou, tudo desaba no nicho afetivo de Ali. O pai, ferido, já não pode trabalhar. A mãe, esgotada, deprimida, só pensa na morte da filha. O lar de Ali torna-se triste e doloroso. No bairro destruído, o discurso dos adultos só fala de ódio. O nicho afetivo que cerca Ali o acabrunha e não lhe permite dar início a um processo de resiliência.

Elissar e Khalil não param de repetir: “Detesto este país [o Líbano]. Ele não nos dá nada quando nossa família é inexistente... Não há amor... Eu sufoco... Os libaneses só sabem viver na guerra. Estão em guerra consigo mesmos. Quero ir embora.”¹⁰

Crianças na guerra não são crianças da guerra. Durante a batalha, elas se engajam se, nas suas memórias, tiver sido impregnado um vínculo seguro que lhes dê confiança e se, em torno delas, os pais preservam uma base de segurança: por que elas ficariam assustadas? A maioria das crianças londrinas adorava os bombardeios durante a 2ª- Guerra Mundial. Eram acordadas à noite,

embrulhadas afetuosamente em cobertores, desciam para o metrô, sentiam-se abrigadas junto dos que amavam. Cruzavam com desconhecidos que também protegiam seus filhos e lhes sorriam amavelmente. Voltavam a dormir depois do barulho das bombas, ao longe, bem acima delas. Eram acontecimentos tranquilos!

Chego a achar que esse tipo de agressão reforça os vínculos. Não se provoca o vínculo de uma criança empanturrando-a, provoca o enjoo, apenas isso. Transmitindo-lhe segurança e brincando com ela é que se tece o elo. Mas, para isso, é preciso que os pais se sintam, eles mesmos, seguros e não assustados, como os ingleses, durante os bombardeios de Londres, que desciam sorrindo para os abrigos no metrô. Ademais, para que a presença dos pais tenha um efeito tranquilizador, é preciso que, no contexto, haja uma agressão inquietante. A transação entre o efeito tranquilizador dos pais e a agressão do meio é o que reforça o vínculo.¹¹

Nós adorávamos os combates aéreos. Assim que escutávamos os aviões manobram e desenharem no céu curvas imprevistas, precipitávamo-nos para fora para assistir ao espetáculo. E, quando um deles era atingido, quando uma fumaça preta aparecia, precedendo as chamas, e a hélice do avião caía, ficávamos encantados! Que belo espetáculo! O real era perigoso, mas não nos inquietava porque tinham nos explicado que bastava ouvir o assovio das bombas para saber que iam cair ao longe. Sequer sentíamos medo!

Quando os americanos bombardeavam as belas cidades bretãs para nos libertar do nazismo, os pais aplaudiam e as crianças maravilhadas davam cambalhotas olhando o fogo cair. Então foi preciso protegê-las, enviando-as para suas famílias longínquas. Lá elas ficavam realmente protegidas mas privadas de suas bases de segurança parental e, ao ouvirem os aviões, tinham crises de angústia. Ao passo que, na presença de pais tranquilizadores, “o alerta significava [...] estar num abrigo abraçado à minha mãe, com a entrega ritualizada de um doce, um certo fascínio pelo barulho das explosões e a intensidade das luzes, depois uma espécie de alegria convivial [...], como uma bandeirinha triunfante: eles não nos pegaram”.¹²

A estrutura da agressão estrutura a reação traumática. Não se pode dizer: “O bombardeio provoca transtornos psíquicos.” Pode-se dizer: “O bombardeio

provoca morte, mutilações, ruína.” Mas, para que haja transtornos psíquicos, é preciso que haja uma desorganização familiar e social.

Todos os que acompanharam crianças durante as guerras se surpreenderam com a exatidão de suas observações. Quando os adultos tiram fotografias e depois pedem que as crianças “desenhem a guerra”,¹³ ficam abismados com sua precisão: “A objetividade de alguns desenhos nos surpreendeu [...]. A criança testemunha ocular encontra-se provavelmente em estado de transe, como se tudo se passasse longe, em outro mundo, ainda que ela esteja ali e veja.”¹⁴

O estado de transe corresponde à memória traumática: fascinada pelo acontecimento, a criança impregna a imagem na memória. O contexto sem interesse não é posto na memória. A memória, pela pontinha do binóculo, fixa uma imagem precisa cercada de indefinição. Quando o contexto é tranquilizador, o acontecimento não é traumatizante. Inversamente, quando a família e a cultura desmoronam, a mesma imagem torna-se perturbadora, angustiante. Ela se impõe durante o dia e volta durante a noite, em pesadelos que facilitam a marca mnésica.

Uma parte inteira de meu desenvolvimento, em um período sensível da existência, foi estruturada pela guerra. Mereci verdadeiramente a morte? Quem eu sou por ter conseguido sobreviver? Sou mais forte do que a morte? Eu traí para ter direito de viver? Como vou viver agora, se o que me aconteceu não pode ser compartilhado? Devo falar assim mesmo e provocar reações que me desorientam? Por que eles riem? Por que não me acreditam? Por que se zangam? Por que me mandam calar? Por que dizem: “Tudo isso não é nada... a vida continua... onde ele vai buscar tudo isso... nós também sofremos, não tínhamos manteiga.”

Alguns calvários íntimos

A discordância entre o sujeito preocupado com a própria história e seu círculo que não consegue escutá-lo é habitual, seja qual for a cultura. Depois do autogenocídio de Pol Pot no Camboja, quando um sobrevivente tentava contar como se morria de fome, de esgotamento e de desespero, as pessoas encolhiam os ombros e explicavam delicadamente: “Pare de se queixar, nós também sofremos, tínhamos de matar o porco às escondidas!”¹⁵

Quando a infelicidade dos outros é inimaginável, nós a comparamos com nossas pequenas misérias. Essa reação que protege as pessoas próximas isola o desafortunado. Eu poderia acrescentar: “[...] isolando nele a parte não compartilhável de sua história.” A “cripta” individual¹⁶ que se incrusta na alma do ferido lá se instala por causa da reação discordante de seus próximos e de sua cultura.

O ferido, fascinado por sua dilaceração muda, é obrigado a buscar sozinho as soluções para seu problema. Por isso eu me punha à prova para mostrar a mim mesmo que eu tinha direito de viver. Terminei entendendo, depois da Libertação, que me infligia pequenos calvários a fim de me provar que não me submetia à desgraça. Eu me punha em perigo para ter a oportunidade de provar a mim que a morte não era inexorável. Fui colocado em uma instituição em Tarnos, perto da bacia de Arcachon. Guardo de lá uma péssima lembrança. Os dormitórios eram imensos, quatro fileiras de dez a vinte camas, e refeitórios ainda maiores, onde centenas de crianças faziam tamanho barulho que os educadores tinham de ser repressores a fim de fazer reinar uma calma relativa.

O grande número provocava o anonimato. Brincávamos com facas em pequenos grupos, ou entrávamos em disputas de clãs que, longe dos adultos, resultavam em alguns acontecimentos, alguns ferimentos e algumas alianças. No decorrer dessas batalhas, eu adquirira uma especialidade: era preciso subir em uma árvore para espreitar a chegada de adversários, mas, em vez de descer ao longo do tronco, eu ia o mais longe possível na ponta dos galhos, até eles se dobrarem sob meu peso. Então me deixava cair, freando a queda agarrado à extremidade dos galhos. Fazia muito efeito. Os educadores vinham me ver realizar aquela proeza que me reconfortava, pois eu utilizava minhas qualidades de trepador para ser admirado e me provar que era sempre possível dominar uma situação, mesmo quando o risco fosse grande.

Eu tinha sido despersonalizado pela guerra. Tinham-me tirado os pais, tinham-me prendido, encerrado, fora condenado à morte, tinham-me escondido para me proteger, tinham-me encapuzado para me fazer fugir, tinham-me encerrado em salas escuras, em caldeirões, em casa de gente que eu não conhecia. Seja para me destruir ou me proteger, eu não era dono da minha vida. Desafiando a morte, eu me repersonalizava.

Às vezes nos levavam para tomar banho em Capbreton. Os adultos tinham nos dito que tomássemos cuidado com a maré baixa e os turbilhões que ela provocava. Então decidi me tornar bom nadador para mergulhar nos turbilhões a fim de... escapar deles!

Foi em Castillon que contei a adultos desconhecidos que eu me evadira segurando-me no teto e depois mergulhando debaixo do colchão de uma mulher moribunda. Um deles disse: “Ainda bem que você não espirrou. O soldado alemão o teria matado.” Na mesma hora decidi pôr ramos de mato dentro do nariz a fim de desencadear a vontade de espirrar e eu me controlar. Funcionava bem! Meus olhos se enchiam de lágrimas, e às vezes meu nariz sangrava, mas eu não espirrava. Provava a mim mesmo que eu era mais forte do que as circunstâncias. Podia trepar em árvores a toda a velocidade, deixar-me despencar da extremidade de galhos, mergulhar nos turbilhões e não espirrar. Eu era livre se eu decidisse. Bastava flertar com a morte. Esses calvários íntimos deviam parecer absurdos aos adultos observadores. Mas, na minha vida de criança destruída pela guerra, esses pequenos julgamentos de Deus me ajudavam a retomar posse de meu mundo.

Repeti durante muito tempo esses comportamentos estranhos que não falavam senão a mim mesmo, ao me fazerem correr riscos. Eu penso que, se depois ousei estudar, foi graças a essa coragem mórbida. Se tivesse sido equilibrado, eu teria me adaptado à existência de criança rebaixada que meu círculo me propunha: “Pobrezinho, como você pode querer ser jornalista ou médico com o que lhe aconteceu?” A compaixão teria sido mutilante.

“Do que falam as lágrimas?”¹⁷ Eu nunca chorei, nem pela morte dos meus pais, nem pela minha infância em agonia. Nada a dizer. Pequeno demais para fazer luto. As cicatrizes não doem, as carnes estão mortas, ponto final. As lágrimas apareceram depois, na casa de Dora, quando, graças a ela e ao lar que ela me propunha, a vida voltou em mim.

“Não se esqueça de que seu espírito é moldado pelas experiências mais banais. Dizer que um fato é banal é dizer que ele é dos que mais concorreram para a formação das ideias essenciais.”¹⁸ Quando os pais de Gabrielle desapareceram em 1943, a menina foi colocada no que se chamava de “depósito de crianças de Denfert-Rochereau”. Algum tempo depois, em agosto de 1945, ela foi enviada para uma fazenda do Morvan com outras crianças da Assistência.

“Uma camponesa chegou...”, o diretor da agência disse: “Pode escolher, há quatro meninos e uma menina.”¹⁹ No começo do ano escolar, vestida com o avental quadriculado de azul e branco das crianças da Assistência, uma menininha se aproxima dela e diz: “Não brinque com ela, ela é da Assistência.”

O que dá poder traumatizante a uma rejeição banal é seu significado, não é o ato. Rejeitar uma criança porque sua blusa é azul e branca pode irritar ou divertir. Mas, quando as cores da blusa querem dizer “Você vale menos do que nós porque não tem família”, a rejeição torna-se pesada de sentido.

As roupas são portadoras de um significado que vem de nossa história. Quando Amélie, educada em uma família muito religiosa, sofreu incesto, ela era pequena demais para entender o que lhe era infligido. Mas tinha uma vaga consciência de algo esmagador. Quando, com 14 anos, ouviu pronunciar a palavra “incesto”, não fez a reaproximação com o que acontecia na casa dela. Só aos 18 anos, em plena consciência, ela desmoronou. Mulher feita, ela explica: “Quando visto roupa de esporte, fico confiante. Quando me visto de mulher, sinto-me em perigo.”²⁰ O perigo não vem das roupas, mas do que elas evocam na memória: vestir-se de mulher é provocar um desejo que leva à transgressão.

Nossas roupas são carregadas de um significado que vem de nossa história. A blusa da infâmia para uma criança da Assistência quer dizer: “Valho menos do que os outros.” Os sapatos de salto alto são angustiantes porque anunciam a possibilidade de uma transgressão sexual. Nossa memória atribui aos objetos e aos acontecimentos presentes uma conotação de angústia ou de prazer vinda de nosso passado.

Compreendo muito bem a reação de Jean, jovem sobrevivente de Auschwitz. Ao voltar para casa, fantasma de pele e osso, arrastando consigo séculos de memória, ele conta: “Minha mãe me preparou uma cama normal com colchão, cobertas e travesseiros. Claro que não suportei fisicamente a maciez daquele leito e me deitei no chão.”²¹

O peso da memória colore o presente. Quando se sai de uma angústia de vários anos, não se pode dar saltos de alegria imediatamente. É preciso tempo para reaprender a deixar vir a felicidade.

Desde os 2 anos de idade, eu não conheci senão rupturas, dilaceramentos e ameaças. Longos períodos de amnésia corresponderam a momentos de vida

paralisada em torno de mim. A depressão provável da minha mãe, os isolamentos sensoriais, a ausência de estímulos não punham nada na memória!

Depois da guerra, as trocas incessantes de lugar, as mudanças de instituições impediam a tecedura de um vínculo. Todo princípio de elo era logo desfeito quando eu ia para outra instituição anônima. Uma cascata de colocações em lugares que eu não conhecia, junto de pessoas de que eu esquecia tudo, impedia qualquer representação coerente.

Não sei por quê, fui parar em Oloron-Sainte-Marie. Lembro-me de uma costa bem íngreme que levava a não sei onde: um pensionato? Um orfanato? Uma colônia de férias? Algumas lembranças de felicidade nessa incoerência, um bonito terraço com vista para o vale, algumas alegres transgressões quando fumávamos talos de urze, que nos faziam passar mal, e sobretudo uma noite em que aprendemos “*Tout va très bien Madame la marquise*”.* A música, gesticulada, me permitira descobrir meu talento de palhaço. É muito sério o papel de palhaço, nós nos sentimos reviver, somos aplaudidos, amados, a vida retorna docemente.

Não sei por que fui parar em Tarnos, em Hossegor, em Saint-Jean-Royan e em outras instituições onde fiquei não sei quanto tempo com não sei quem.

Uma lembrança absurda em Hossegor: um “inspetor” chama um “educador”²² para lhe dizer que recebeu um cupom que me autoriza a ir buscar roupas em Paris. Nós tomamos o trem, uma longa viagem silenciosa, pois o educador se entediava comigo e eu com ele. Chegamos perto da Bastilha, subimos uma escada bem no meio de uma rua, o educador entregou meu cupom, e eu recebi um suéter sem mangas, de listras marrons e verdes, bem feio. Retomamos o trem para um longo retorno silencioso.

Muitos momentos felizes no meio das outras crianças. Construir uma cabana, brincar de atirar facas, ser designado depois de uma refeição para o trabalho de limpar a mesa e assim poder recolher umas tantas migalhas suplementares para comer.

Nossas relações com os adultos se reduziam à autoridade e à humilhação. Um educador dormia conosco no imenso dormitório, mas seu “quarto” era simplesmente cercado por uma divisória de panos verticais. Uma noite, um deles me chamou e me mandou mergulhar a cabeça na bacia onde ele lavava os

pés. Eu fiz? Por sorte, outro educador entrou no “quarto” e teve tempo de lhe dizer palavras que o fizeram mudar de ideia.

Outro educador temia por sua autoridade. Nós devíamos marchar a passo no grande espaço entre os edifícios. Para não se dar ao trabalho de nos dirigir a palavra, Moric, era este seu nome, contentava-se com estalar a língua para informar que devíamos dar a largada, todos ao mesmo tempo, com o pé esquerdo. Nunca odiei os alemães, temia os milicianos, mas naquele dia decidi que devia ficar forte a fim de matar Moric. Aliás, outro dia, em um vilarejo da Provence onde eu passeava, vi a placa de um fisioterapeuta que trazia esse nome gravado. Por pouco não toquei a campainha.

O fato de os alemães quererem minha morte me parecia menos grave do que o desprezo de Moric. Além do mais, desde o final da guerra, eles tinham mudado inacreditavelmente. Nas fazendas onde eram prisioneiros de guerra, já não usavam uniforme. Trabalhavam frequentemente de peito nu e interpelavam-nos com gentileza. Tão logo tinham sido vencidos, os soldados alemães se reumanizaram. O uniforme os havia robotizado. Acalmava-me ver a gentileza daqueles prisioneiros de guerra. Creio que já tinha compreendido que aqueles homens tinham sido possuídos por uma influência maléfica. Hoje eu diria “alienados por sua submissão a uma ideologia, pervertidos por suas crenças”.

Minha memória não é uma bagunça quando representa os anos da guerra, mas se torna confusa assim que a paz retorna. Paradoxalmente, fugir dos perseguidores me fornecia uma linha de conduta, um objetivo por realizar. E, sobretudo, a estratégia de sobrevivência categorizava meu mundo com uma distinção evidente entre bondosos e malvados. Tinha orgulho de ter me evadido e ter conseguido escapar de um exército inteiro que queria minha pele. Esse mundo era claro para mim. Eu me sentia em confiança junto dos bondosos com quem eu falava despreocupadamente. Eles eram alegres, calorosos, benevolentes e perdoavam minhas besteiras de criança. Eu passava de um bondoso a outro ao sabor dos avanços das tropas alemães, mas sempre junto deles, e eu tinha a sensação de afetuosa segurança. Esses adultos compunham para mim uma figura de vínculo tranquilizador. Mesmo quando eu tinha repentinamente de partir à noite em uma caminhonete, escondido atrás de sacos de batata para atravessar a barreira, havia sempre um adulto benevolente que me falava sorrindo.

Não era muito angustiante, era até divertido, e, ao chegarmos ao novo esconderijo, compartilhávamos, os adultos e eu, a euforia da vitória. Os malvados tinham sido enganados! Eu me ligava a meus cúmplices desconhecidos. Durante a guerra, houve algumas breves angústias e muitas alegrias!

Tive uma sensação de libertação quando vi pessoas pularem de alegria depois de Hiroshima, quando a bonita enfermeira me levou para ver as bailarinas nuas no Grande Teatro de Bordeaux e quando acompanhei Pierre Saint-Picq, um amigo de Margot, tenente da FFI, durante o ataque de Bègles. Quando o carro dos resistentes entrou no vilarejo, ainda se ouviram tiros, mas bastou Saint-Picq sair do carro com sua braçadeira da FFI e a arma em punho para que o silêncio se impusesse. O inimigo invisível fugira, os resistentes cercaram meu grande amigo. Foi maravilhoso. Todos aqueles bondosos traziam a paz e a liberdade. A guerra acabara, eles voltaram para casa, nós éramos os vencedores.

Minha memória era clara antes da guerra, quando eu não tinha 3 anos. Ganhou furos durante a guerra, quando eu não tinha nada para pôr na memória. Tornou-se caótica e incoerente depois da guerra, durante os dois anos em que os juízes me puseram alternadamente na casa de Dora, em Paris, e na de Margot, em Bordeaux. E eu fui colocado pelo menos cinco ou seis vezes em instituições anônimas onde não havia malvados nem bondosos. Nada.

Não sofri a perda de meus pais porque no momento em que eles desapareceram eu era pequeno demais para ter acesso à noção da irreversibilidade da morte. Além disso, eles não estavam mortos, tinham desaparecido, e tive de ouvir a revelação, embaixo da mesa, pela senhora Farges, para entender que eles nunca mais voltariam. O fato de não ter sofrido a morte deles não quer dizer que a separação não tenha deixado traços na minha memória. Naquele estágio do meu desenvolvimento, eu já adquirira alguns fatores de proteção: antes da deflagração da guerra, a presença da minha mãe me dera autoconfiança. Ademais, diziam que eu era falante como um papagaio. Portanto, eu sabia mentalizar e compartilhar as palavras que fazem os mundos íntimos se encontrarem. Outro fator de proteção me foi oferecido durante a guerra por todos aqueles justos desconhecidos, cujo conjunto compôs para mim um substituto afetivo tranquilizador. Eu me sentia bem junto deles. E, depois, nós tínhamos ganhado a guerra!

Se tivesse perdido meus pais antes de completar 2 anos, teria adquirido grave fator de vulnerabilidade. Não teria tido à minha disposição a palavra, esse instrumento de regulação afetiva. Teria sido submetido às minhas emoções, não teria podido governar minhas relações, não teria podido suportar as provações que se seguiram.

Os períodos de isolamento não permitem a lembrança. Quando o mundo está vazio, o que você quer pôr na memória? Mas a marca da perda deixa um traço na representação de si. E, quando, em seguida, sobrevém outra separação, ela desperta aquela memória sem lembranças.

As separações são inevitáveis no curso da existência, são até benéficas quando preparam para a autonomia. Mas, quando uma perda precoce sobrevém antes da idade da palavra, impregna na memória uma aptidão para sofrer sentimento de perda, e a menor separação posterior pode desencadear uma depressão. Um simples afastamento da pessoa que dá segurança torna-se doloroso “para a criança fragilizada por uma separação antiga durante a infância”.²³ Mesmo uma perda simbólica basta para despertar a marca adquirida precocemente: o fracasso em um exame, um encontro frustrado, um rompimento amoroso. Os que foram precocemente tranquilizados sentem essas perdas como um sofrimento, mas muito depressa procuram compensar com um novo projeto. Ao contrário, os que foram isolados precocemente, antes da idade da palavra, por terem adquirido uma vulnerabilidade emocional, sentem os inevitáveis contratempos como uma perda irremediável.

A vulnerabilidade precocemente adquirida explica as curiosas estratégias de ligação das crianças abandonadas. Em um primeiro momento, protestam e choram indignadas por terem sido privadas da ligação que lhes é devida. E, quando o desencorajamento se instala, sentem a privação como um vazio onde não adianta chamar por ninguém. Enquanto têm força para esperar, basta que um substituto afetivo se apresente para que se precipitem e se agarrem a ele. A hiperligação ansiosa não é diferenciada. Essas crianças procuram se ligar a qualquer pessoa que passe ao seu alcance. Ligam-se a qualquer adulto como quem se afoga e se agarra a qualquer coisa que flutue. Isso salva a criança, evidentemente, mas o preço de tal desenvolvimento é elevado. Uma criança que foi tranquilizada antes orienta-se para figuras de vínculo que lhe convêm. Ela se aproxima, sorri e fala com o adulto. Ao contrário, a criança que adquiriu uma

vulnerabilidade efetiva orienta-se para qualquer adulto, ainda que ele não lhe sorria, ainda que ele a rejeite. Fica perto dele porque tem necessidade, ainda que o adulto a repila. A criança sente-se melhor, mas, tendo perdido a autonomia, aceita viver com alguém que não se interessa por ela. Ao se tornar adulta, dará uma forma verbal ao sentimento impregnado em sua infância e dirá: “Veja de onde eu venho, como querer que alguém me ame? Veja quem sou, eu lhe agradeço por querer que eu fique perto de você. Obrigada por ter se casado comigo.” Assim, existem crianças ou jovens que se ligam desesperadamente a pais ou cônjuges que os fazem infelizes. Esse estilo relacional organiza um desenvolvimento difícil que pode levá-los à depressão. Na adolescência, quando é preciso tornar-se autônomo, não têm suficiente confiança em si e preferem permanecer junto de quem os negligencia ou maltrata, até o dia em que os constrangimentos repetidos e as frustrações cotidianas acabam provocando uma depressão.

Em uma população de crianças cujo vínculo foi indiferenciado, constatam-se, na adolescência, quatro vezes mais depressões do que na população geral.²⁴ E, quando a precariedade social exacerba a vulnerabilidade acumulando as frustrações e os traumas, 68% dos adultos mal socializados, após terem sido crianças afetivamente vulnerabilizadas, têm depressão.²⁵

Portanto, não se pode dizer que “um fracasso escolar ou uma ruptura de noivado provoca depressão”. Mas pode-se explicar que, quando o indivíduo adquiriu vulnerabilidade afetiva por causa de perdas precoces sem substituto tranquilizador, uma perda posterior, real ou simbólica, terá forte probabilidade de desencadear depressão.

Quando a perda precoce sobrevém durante um período sensível do desenvolvimento e o meio não oferece nenhum substituto afetivo, a criança se vê em uma situação de isolamento sensorial onde nada é estimulado, nem seu cérebro, nem sua memória, nem sua história. E, se o isolamento dura muito tempo, o cérebro se resseca, a memória se apaga, a personalidade já não pode se desenvolver. Nesse caso, a resiliência torna-se difícil.

Aquisição de uma vulnerabilidade

O que não quer dizer que uma perda precoce provoque estragos inexoráveis. Com muita frequência, uma criança ferida encontra um substituto familiar que sente prazer em cuidar dela. Nesse caso, a vulnerabilidade afetiva da criança, sua dificuldade de suportar uma separação, sua hiperligação provocam uma estabilidade afetiva que facilita os outros desenvolvimentos: boa aluna, atenta, um pouco séria demais, todo mundo a louva sem saber que sua vulnerabilidade à separação é o que provoca os progressos e o relacionamento agradável.

Será que manifestei esse tipo de ligação, já que, durante a guerra, eu me aproximava de qualquer adulto tranquilizador e contava a ele um monte de histórias? A ladainha dos Justos que me cercaram naquele contexto perigoso compôs para mim uma base de segurança. Contudo, não teci com eles elos profundos, pois eu devia rapidamente deixá-los, e esqueci seus nomes e seus rostos. Eles deixaram uma marca em mim. Eu sabia que aquelas pessoas eram admiráveis e me sentia confortável com elas. Mas, visto que não eram meus pais, não me vinha o desejo de me identificar com elas. Quando as circunstâncias me propunham outra base de segurança, em outro lugar, eu me ligava a ela com indiferença.

A adaptação me salvou durante a guerra e provavelmente me fez recuperar o gosto de viver. Quando a paz voltou e eu encontrei os frangalhos da minha família, senti-me abandonado, pois esperava deles um verdadeiro nicho afetivo, rasgado pelos juízes a cada nova colocação.

Os sentimentos que experimentamos são provocados por representações, no sentido teatral do termo. Durante a guerra, os malvados me apossavam e os bondosos que me cercavam me ajudavam a passar a perna nos alemães. Tais representações são compostas de fragmentos de verdade arranjados para encenar o espetáculo do que me acontecia. Eu não mentia: descrevia simplesmente a quimera de mim.

Recentemente, eu me perguntei se esse teatro de mim, essa representação íntima que não tive a possibilidade de compartilhar, correspondia à verdade dos fatos. Deveria retornar aos lugares para verificar? Deveria descobrir testemunhas que tivessem compartilhado comigo o mesmo acontecimento?

Nunca tive coragem de tentar a verificação, como se temesse fazer voltar o passado. A reação prova que o sofrimento pós-traumático não estava distante. Não era repressão o que provocava amnésia no ponto precisamente mais

sensível da minha memória. Eu pensava todo o tempo na guerra, mas paralisava a emoção associada à sua representação. Tudo o que eu percebia em meu contexto adquiria sentido em referência ao que me acontecera. Eu me sentia próximo dos vietnamitas e dos argelinos que lutavam... contra o exército francês, o do meu país. Eu me identificava com os escravos negros e teria gostado de participar da sua libertação. Compreendia que se luta contra um exército para salvar a própria liberdade, e gostaria que o exército de meu país não se parecesse com o exército de ocupação alemão que eu conhecera.

Lembro-me de tudo com precisão, mas queria acreditar que não estava traumatizado uma vez que estava vivo. Quando os adultos me perguntavam se eu tinha pesadelos, eu me sentia forte ao responder que não, que eu não tinha esse problema. Eu o evitava, simplesmente. Eu fugia para adiante, refugiava-me na ação, no devaneio, no contato muito bom, no fluxo de palavras que serviam para mascarar o que era preciso não dizer. Não teria suportado o retorno da emoção, teria sucumbido sob a incredulidade e a incompreensão das pessoas. “A negação é um processo que não me parece ser raro nem perigoso na vida psíquica de uma criança.”²⁶ A negação protege do sofrimento traumático, mas altera a lembrança, paralisando a emoção associada à representação do acontecimento. Ainda hoje tenho vontade de dizer que não sofri com a guerra, mas sou obrigado a me perguntar se é de fato normal andar em volta de uma mesa, durante horas, em uma sala vazia, ou ficar anestesiado em situações nas quais seria lógico entrar em pânico.

Com a idade e o recuo do tempo, recuperei um pouco de força, tive vontade de verificar. Não podia voltar aos lugares simplesmente para revê-los, isso despertaria os traços do passado. Eu precisava de uma aposta, de um projeto para metamorfosear a emoção provocada pela percepção dos lugares. Decidi, pois, fazer uma investigação para verificar se a representação de meu passado correspondia aos fatos.

A intenção modifica o modo como percebemos os fatos. Eu me lembro de uma experiência na qual observávamos as expressões de uma pessoa diante da qual desfilavam participantes que deviam expressar por mímica a tristeza, a alegria ou a agitação desordenada. Quando um participante de rosto triste passava diante da pessoa, seu rosto imóvel parecia fascinado. Quando um participante alegre atravessava a sala, a pessoa sorria erguendo as sobrancelhas.

Quando o agitado surgia pulando e soltando grunhidos, ela franzia as sobrancelhas e torcia a boca com um ar irritado. Foi quando dissemos:²⁷ “Este agitado tomou anfetaminas.” Instantaneamente, as mímicas mudaram, expressando uma mudança nas emoções. A pessoa observada ergueu as sobrancelhas e torceu a boca, balançando a cabeça com ar condescendente. Obtínhamos a prova de que uma simples injunção verbal, ao remanejar as representações, modificava a maneira de perceber os fatos.

Em busca do passado

A injunção verbal me veio de um amigo,²⁸ um domingo em Bordeaux. Como a reunião terminara por volta de 12 horas, meu avião decolava só às 19 horas e eu tinha vagamente contado a ele que, durante a guerra, estivera em uma fazenda em Pondaurat, ele me disse: “Eu já toquei em bailes nesta cidade, não é longe, vamos até lá?”

Evidentemente, eu não reconheci nada. Entretanto, na minha memória tudo estava claro. Eu me lembrava das mesas coletivas de trabalhadores agrícolas na peça separada do estábulo onde, à noite, se abrigavam os carneiros. Tenho uma memória precisa do poço onde eu ia tirar água, do seu rebordo e de sua grande roldana. Lembro-me do celeiro de madeira escura, com seus raios de luz entre as pranchas. Não encontrei nada disso ao chegar ao vilarejo, onde só havia bonitas casinhas floridas. Meu amigo teve por mim uma intrepidez que nunca teria por si próprio. Saiu perguntando a todos os passantes, até o momento em que um senhor idoso nos indicou a fazenda da rendeira. Foi o nome “Marguerite” e de sua filha “Odette, a Corcunda” que orientaram a indicação do morador.

Quando eu disse à moça que estava perto dele que meu trabalho consistia em tirar água de manhã e trazer de volta os carneiros à noite, ela disse: “Você deve estar enganado, nunca houve carneiro aqui.” Foi então que o senhor idoso esclareceu: “Houve, sim, criamos carneiros até 1956, só depois é que passamos para as vacas.” Eu tinha minha prova! Encontramos a fazenda, conversamos com a nova proprietária, que a reformara caprichosamente, como fazem os citadinos quando compram uma casa de campo. O poço, tão claro na minha memória, estava atrás da casa, embora eu o visse claramente em frente da escadaria. O celeiro de madeira escura era imenso na minha memória e não podia

corresponder àquele que eu estava vendo. Mas a proprietária explicou: “Meu marido o achava grande demais, achava que escondia a casa, então mandou reduzir a altura.” Revi a ponte e o ressalto de pedra de onde eu caí na água, e tive uma sensação de familiaridade ao ver a praça do vilarejo, onde os meninos cochichavam olhando enviesadamente para mim: “Os judeus nunca dizem obrigado.”

Foi tudo: alguns indícios alimentavam minha representação com imagens claras, mas não congruentes com as coisas. As únicas referências confiáveis foram os nomes “Marguerite, a rendeira” e “Odete, a Corcunda”, cujo simples enunciado permitiu encontrar a fazenda.

As imagens de ontem gravadas na minha memória já não correspondiam às coisas de hoje. O poço, o celeiro e a casa construíam na minha memória outra representação, outra evidência para mim.

Então me perguntei se as palavras à nossa volta, as que ouvimos na vida cotidiana quando são ditas por nossa família, nossos amigos e nossa cultura, não teriam um efeito indutor de memória. Quando penso nos deslocamentos incessantes depois da minha evasão, revejo a caminhonete pseudoambulância, o caldeirão na cozinha da cantina, a cabeça da freira que passa pela porta entreaberta e se recusa a abri-la, as refeições alegres na casa de Margot, a austera gentileza do diretor da escola de Castillon, meus furtos de uva-moscato e um emaranhado de imagens felizes e infelizes, eu me pergunto: “Se eu tivesse ouvido outras palavras, teria posto as mesmas imagens na minha memória?” Se tivesse conhecido a palavra “acossado”, teria tido o mesmo sentimento ao desenrolar o filme desses acontecimentos? Não a conhecendo, era o assombro o que conotava a caminhonete, o caldeirão, a freira e a uva roubada. Se a palavra “acossado” tivesse evocado em mim a representação de um animal caçado e cercado para ser morto, o assombro não teria conotado a avalanche de acontecimentos, e um sentimento de pânico é que teria sido sugerido.

A representação do trauma seria influenciada pela maneira de falar? O simples fato de pronunciar uma palavra orienta a recordação de imagens e fatos.

Dois psicólogos americanos passaram um filme no qual se viam dois carros colidirem.²⁹ Para fazer a pergunta, eles escolheram as palavras: “Na sua opinião, em que velocidade andavam os carros quando se chocaram?” Os que assistiram ao filme avaliaram que os carros estavam a 140 quilômetros por hora.

Depois eles mostraram o mesmo filme a outros espectadores formulando a pergunta de maneira diferente: “Na sua opinião, em que velocidade andavam os carros quando bateram?” A velocidade dos carros foi então estimada em 90 quilômetros por hora, porque a palavra “bater” evocava menos violência do que a palavra “chocar”.

A maneira como eu ouvia contarem perto de mim o que tinha me acontecido provocava sentimentos diferentes. Em Castillon, ouvi adultos dizerem a meu respeito: “Este menino viu horrores.” O que eu tinha visto, portanto, eram horrores. O real representado por aquelas palavras era, pois, aterrador, e teria me dado razões para sofrer.

Mas eu também ouvi outras palavras e pus na memória outras imagens. Os inspetores que me prenderam de noite, com seus revólveres e óculos escuros, eu os achei ridículos. A enfermeira que me ajudara durante a evasão, eu a achei bonita e sorridente. Os Justos que se alternaram para me esconder durante muitos meses não falavam de horror nem de heroísmo, faziam tranquilamente seu trabalho cotidiano. Por que querer, em tal contexto, que os acontecimentos tivessem conotação de horror?

O abatimento surgiu com a paz, quando os adultos encarregados de cuidar das crianças sem família não se davam ao trabalho de falar com elas. Ou quando, apiedados, diziam: “Coitado, ele não tem família.” Ou quando eu surpreendia a frase: “Ele inventa histórias.” Ou quando uma assistente social encarregada de examinar meu dossiê começou a rir quando eu lhe disse que queria ser médico. Ou quando um funcionário a quem eu explicava que meu pai se inscrevera na Legião Estrangeira afirmou: “Com um nome desses não pode ter morrido pela França.”

Todas as palavras à minha volta, as pequenas frases e os estereótipos, constituíam um ambiente verbal a partir do qual eu conotava efetivamente o que me acontecera: vergonha ou orgulho, desespero ou alegria, sentimentos opostos que se juntavam a uma mesma lembrança segundo a maneira como meus próximos me falavam.

Na casa de Dora, não se falava disso. Só contavam as palavras da alegria: “dança”, “meias de náilon”, “Lucky Strike”, e “colegas”. Nada de guerra, nada de horrores, algumas evocações de prazeres imediatos. Nossa cultura, nos anos

do pós-guerra, não tinha suficiente distanciamento para entender que a negação protetora instalava na nossa alma uma bomba de efeito retardado.

Levei mais de cinquenta anos até ousar voltar à sinagoga. Muitas vezes andara pelo bairro da rue Labirat, vá saber por quê, sem jamais pegar a rua que levava a ela. Foi uma amiga que me fez ir: “É aqui do lado”, ela me disse, “vamos dar um pulo lá, conheço o rabino.” Fazia sol, o ar estava leve, a companhia era agradável, eu podia portanto ir até lá sem sentir um peso no peito.

A sinagoga era bonita, gostei de vê-la. O rabino nos recebeu com o irmão. O ambiente amistoso e os rostos sorridentes nos permitiram abordar o problema sem rodeios: “É a primeira vez que volta aqui?”

Primeira surpresa: a sinagoga é branca, enquanto na minha lembrança eu vejo muito vermelho. O tabernáculo é vermelho e, na minha memória, um homem abre a porta dele e tira de lá os rolos da Lei. Curioso? Profanação? Falsas lembranças? Eu me lembro do vermelho do altar e do vermelho das cadeiras ao longo das paredes, à esquerda de quem entra. Hoje as paredes são brancas e as cadeiras, de madeira. Eu conto ao rabino que, na entrada, havia duas pequenas mesas para a seleção. Uma condenava à morte, a outra autorizava a viver, mas nós não sabíamos qual era preciso escolher. Contei a ele que éramos acordados, à noite, para um café obrigatório, que devíamos ir buscar entre dois rolos de arame farpado.

O irmão do rabino me mostra em uma coluna, junto do capitel de uma pilastra do vestíbulo, uma marca na pedra, um buraco provocado por tiro de fuzil. “Você se lembra, não?” Eu não me lembro. De repente me veio a lembrança de uma redação que eu tinha feito no ginásio, alguns anos depois da guerra. Contei que uma criança, presa durante a guerra, assistiu a uma fuzilaria dentro de um templo. Se tivesse escrito minha autobiografia aos 13 anos, teria certamente descrito esse acontecimento impressionante. Sessenta anos depois, a lembrança apagada da minha memória já não conta as mesmas cenas.

Quando me deram o pequeno livro *La Synagogue de Bordeaux*,³⁰ pude ver um quadro de Jean Lubin Vauzelle datado de 1812, no qual o artista pintou o vermelho das tapeçarias acima do tabernáculo e cadeiras contra a parede, à esquerda de quem entra. Vejo também outra pintura de Auguste Bordes (decididamente), de 1845, que confirma a existência de tapeçarias e a disposição

longitudinal do altar. No chão, reconheço os mosaicos e, na direção do teto, colunatas de inspiração mourisca.

Certos pontos da minha memória são, logo, mais confiáveis do que os testemunhos de hoje, uma vez que os pintores do século XIX me dão razão. Mas a fuzilaria que, hoje, já não faz parte das minhas recordações estruturou meus relatos quando eu era criança. Apaguei a cena sob a pressão da incredulidade dos meus próximos?

Nós nos dirigimos agora para o local da minha sobrevivência: os banheiros! Reconheço o pequeno corredor que leva a eles, revejo a janelinha alta demais para se evadir e... decepção... o Z desenhado pelas tábuas dentro das portas já não existe. Passei anos revendo aquele Z no meu teatro íntimo e estou quase inquieto por já não encontrá-lo. Pergunto ao rabino e aos amigos que me acompanham: “Refizeram as portas?” O irmão diz: “Acho que foram refeitas.” Ele não parece convencido. E eu penso no risco de não me acreditarem, pois é a reação habitual. Teria gostado tanto de que o Z das portas confirmasse minha técnica de evasão! Sorriem à minha volta, mas eu percebo que eles também estão decepcionados.

O que me preocupa é a escadaria da sinagoga. Revejo na minha memória a porta toda aberta e o sol iluminando o interior. Os carros desapareceram levando os prisioneiros para a estação Saint-Jean. Estou sozinho no alto dos degraus e vejo embaixo a enfermeira que me faz sinal para correr para o veículo perto dela. Na minha lembrança, isso não é discutível, eu desço correndo os degraus em direção à ambulância. Ora, na escadaria não vejo senão três degraus cobertos de musgo! E, depois, como eu poderia ter mergulhado na caminhonete se o pátio da sinagoga é inteiramente cercado por uma forte grade trabalhada?

Contudo, eu me vejo descendo rápido os degraus na direção da ambulância, eu me vejo mergulhando sob o colchão que alguém suspendeu, lembro-me de terem me dito: “Não se mexa, não respire muito alto.” Sei que me disseram isso, mas não ouço. Talvez estivesse sem fôlego por ter corrido.

Na minha memória, desço uma escadaria tão grande quanto a do *Encouraçado Potemkin*. Na realidade, só vejo três degraus cobertos de musgo! Na minha memória, escalo o Z das pranchas da porta dos banheiros. Na realidade, ele não existe! Na minha memória, corro para a ambulância estacionada embaixo da

escada, ao longo da calçada. Na realidade, uma grossa grade fecha o espaço diante da sinagoga! Minhas lembranças são falsas?

Os arquivos, contudo, confirmam minha prisão. Vi meu nome em uma ordem de prisão em massa curiosamente datada: “Lista de filhos de judeus presos de noite, entre 1º- e 16 de julho de 1942.”³¹ Das quarenta crianças, a mais nova, Jacqueline, tinha 1 ano. Minha mãe, presa no dia 18 de julho de 1942, provavelmente me entregou à Assistência pública na véspera. Eu não fui preso nessa data.

Enquanto o real confunde, minha memória permanece clara. Com efeito, houve obras na sinagoga, repintaram as paredes e refizeram os banheiros. Com efeito, uma caminhonete podia estacionar ao longo da calçada, pois se pode ver em uma fotografia de antes da guerra que havia uma grade no meio do adro que deixava livre as laterais.³² Ufa! Tive medo de que vocês não me acreditassem.

Mas a escadaria do *Encouraçado Potemkin* não podia existir. Contudo, eu lhes garanto que desci correndo, eu lhes garanto. Esqueci a emoção que senti no momento em que corri para a enfermeira. Provavelmente correspondeu à emoção provocada pela imagem da escadaria imensa que vi, depois, no filme de Eisenstein: em um carrinho que rola a escadaria, um bebê sozinho vai morrer estatelado embaixo dos degraus. Condensei as duas lembranças em uma só. Esqueci a fonte dessa memória, mas não esqueci a forma imaginada que a escadaria do *Potemkin* dera à minha emoção.

Era, pois, verdade para mim, mesmo que as fontes de minha memória fossem diferentes. Na realidade, desci três degraus, mas na representação do real era a escadaria do *Encouraçado Potemkin*.

A palavra “representação” é a que verdadeiramente convém. As lembranças não fazem voltar o real: dispõem os pedaços de verdade para com eles fazer uma representação no nosso teatro íntimo. O filme que projetamos no mundo psíquico é resultado de nossa história e de nossas relações. Quando somos felizes, vamos buscar na memória alguns fragmentos de verdade que reunimos para dar coerência ao bem-estar que sentimos. Em caso de infelicidade, buscaremos outros pedaços de verdade que darão por sua vez outra coerência ao nosso sofrimento.

Em todos os casos, será verdade, como são verdadeiras as quimeras, monstros imaginários nos quais todos os elementos são verdadeiros.

Na memória de si, a verdade das coisas é parcial: não nos lembramos de quase nada dos bilhões e bilhões de informações que todos os dias nos penetram. Depois, fazemos uma representação com esses quase nada que dão uma forma imaginada ao que sentimos. É nesse teatro íntimo que respondemos aplaudindo, chorando ou com indignação, ainda que ignorando os traços não conscientes e as lembranças impedidas por nossas defesas.

A guerra acabou

Tenho uma clara consciência da libertação de Castillon, mas, perseguido pela confrontação entre minha lembrança e o real de minha evasão, decidi retornar a essa pequena cidade.

Na ocasião da entrega da medalha dos Justos a Margot, eu reparara em um homem idoso, ereto e ainda bonito cuja gravidade me intrigava. Fomos apresentados: “Sr. Lafaye, o diretor da escola que abrigou você ao final da guerra.” Nós conversamos brevemente. O que mais querem que eu diga? Trocamos nossos endereços e prometemos nos rever. Ele voltou para casa e morreu. Soube que tinha ficado feliz com nosso encontro.

Perto dele, durante a cerimônia dos Justos, uma mulher chorava sorrindo. Era sua filha, a senhora Sabatié. Lembro-me claramente de uma menina que às vezes levávamos eu e o meu companheiro para roubar moscatel. Ela não tinha nenhuma lembrança de mim, nem do moscatel, mas ouvira falar do menino que o pai escondera na escola de Castillon, bem no meio do exército alemão.

Nada reconheci de Castillon. O tempo estava fresco, nós conversávamos, passando por uma ruazinha, quando a senhora Villechenoux disse: “Olhe aí a escola!” Uma bela casa de paredes brancas, com vista para as colinas. Nada do que eu estava vendo ali correspondia à minha memória. Ao fundo, adiante, logicamente havia o prado. Era lá que eu conversava com Françoise, a moreninha de olhos azuis e dentes separados. Maravilhosa!

Ali onde eu estava vendo um jardim, havia mesas de madeira que os soldados tinham posto para fora, a fim de ficar ao ar livre. Eles me dirigiam a palavra em alemão, ofereciam-me uma fruta, brincavam de me jogar para cima, o que me assustava um pouco mas não era nada, pois eles riam.

Com meu companheiro de rapina, passeávamos entre eles, maravilhados com os fuzis. Bem no alto da casa havia uma espécie de observatório, uma pequena torre envidraçada, onde um soldado montava guarda. Ele nos expulsou a pontapés.

Eu lembro que, na estrada, algumas braçadas de palha formavam um obstáculo. Havia uma metralhadora diante de dois soldados. Meu companheiro e eu atravessávamos a barreira quando um soldado nos chamou sorrindo. Ele nos fez compreender por sinais que queria nos mostrar alguma coisa. Pegou seu fuzil e atirou em um muro, fazendo explodir uma grande pedra. Todo mundo riu. É bonita a guerra!

Algumas lembranças depois, vejo soldados descompostos andando em desordem pela estrada. Não têm armas nem capacetes. Estão sujos, mal barbeados, os colarinhos estão abertos, largados. Ouço dizer que cometeram uma falta militar ao se reunirem na praça do vilarejo. Nas colinas, em toda a volta, membros da Resistência os bombardearam sem dificuldade.

Quando conto essa lembrança a Françoise Villechenoux, ela promete me enviar os testemunhos de gente mais velha de Castillon que viveu o período, e leio: “Os resistentes tomaram posição em torno de Castillon, vindos das vertentes no alto da encosta de Castillon... Ausência de combates, ainda que alguns tiros tenham sido trocados.”³³ Foi Jean Collin, chefe de um grupo de resistentes FTP comunistas associados aos FFI gaullistas, e Pierre Druss, prefeito na época, que habilmente negociaram a rendição dos alemães. “O comandante... não era dos mais fanáticos, não era um hitlerista... porque já estava de s... cheio da guerra... e eles batiam em retirada em toda parte.”³⁴

Minhas lembranças adquirem sentido com esses testemunhos. Por muito tempo me perguntei por que os alemães não tinham me prendido uma segunda vez. Eu me lembro de estar dormindo uma noite, dormia em uma espécie de leito de campanha, no corredor da escola, quando a luz me despertou. Atrás das lanternas, oficiais alemães, com quem o senhor Lafaye falava em voz baixa. Eles foram embora, eu tornei a dormir. Hoje compreendo “o comandante... não era dos mais fanáticos, não era um hitlerista... porque já estava de s... cheio da guerra...”.

No dia seguinte ao da Libertação, quando vi um resistente com sua arma e sua braçadeira, falando com um morador, aproximei-me e escutei: “Eles cometeram

um erro reunindo-se no centro, na praça do vilarejo, um exército deve sempre controlar as alturas.” Os alemães tinham sido reunidos pelos resistentes naquela praça: “Eu vou à cidade e vejo, descendo pela avenida da estação, soldados descompostos caminhando em desordem. Os alemães [...] prisioneiros são levados para o pátio da estação. A oposição de um chefe resistente impede que sejam executados.”³⁵ Este resistente também impedirá que se insultem os prisioneiros.

O resistente que falava com os moradores provavelmente acabara de chegar após a rendição: “Imediatamente depois da Libertação, nos dias que se seguiram, numerosos maquis foram para Castillon [...], pensamos no maqui Janlou, dirigido pelo chefe de grupo Baruthel, no de Loiseau, dirigido por Moresée...”³⁶

Quando o resistente disse “Nós temos um morto e três feridos” e eu deixei escapar “Só isso! Não é muito!”, tratava-se provavelmente de um combate que ocorrera em um lugar que não era Castillon, pois aqueles resistentes tinham chegado no dia seguinte ao da Libertação. Acreditei que houvesse uma oposição entre minha lembrança de combate e os testemunhos de ausência de engajamento militar. Tratava-se mais uma vez de uma condensação de duas fontes.

Conheci os alemães, maravilhosos vencedores desfilando em Bordeaux. Os cavalos, os tambores, a música e a ordem impecável davam uma impressão de força e de beleza. Depois os conheci como ocupantes calorosos distribuindo balas, exibindo suas armas, sem quepe nem cinturão, de modo a dar impressão de simpatia, como exigia o contrato assinado com o governo de Vichy. Conheci-os em seguida como ocupantes, erguendo barreiras, verificando documentos, prendendo inocentes, batendo com cassetetes em mulheres inofensivas. Descobria agora os alemães vencidos, esgotados, descompostos, submetendo-se às ordens de alguns garotos.

Os mesmos homens tinham mudado de imagem, sem parar. Escolham a sua: um músico, um bom sujeito, um torturador ou um vencido? Seja qual for sua imagem, ela será verdadeira.

Os homens são estruturados pela organização de seus ambientes. Nossa principal liberdade consiste em procurar o ambiente onde possamos nos desenvolver segundo nossas esperanças ou em moldar o ambiente que vai nos

modelar. Quando estamos presos em um contexto, ele se impregna em nós e faz de nós o que somos... naquele momento.

Assim que se tornaram vencidos, os alemães voltaram a ser humanos. Os robôs super-homens se transformaram em bons sujeitos: “A Wehrmacht foi derrotada. Auschwitz está quase vazio. Os guardas SS partiram levando com eles alguns milhares de deportados, cadáveres ambulantes que vão morrer durante a caminhada alucinante. Alguns deportados permanecem no campo esvaziado. Estamos no bloco dos bombeiros e achamos um piano. E eu descubro que Henri é um pianista de jazz, excelente. A porta se abre. Um alemão entra. Todos os exércitos do mundo quando perdem a guerra se parecem. Tipos esfarrapados, tipos amedrontados, tipos sujos, tipos que fedem... Ele nos pede um pedaço de pão. Dei a ele metade de um pão... Ele tinha sapatos, eram destroços. Ele, alemão, pediu a nós, deportados: ‘Eu poderia pegar um par?’ Dissemos a ele: ‘Pegue.’ O sujeito foi embora, estava feliz. Bateu nas minhas costas e disse (estou traduzindo): ‘Não tenha medo, *Mensch*,³⁷ amanhã os russos chegam.’”

Quando os alemães eram vencedores, eles tinham mentalidade de super-homens, submetiam-se às ordens de seus chefes, legitimando seus crimes com a recitação de alguns slogans moralizadores. Tão logo vencidos, voltaram a ser tímidos, educados, respeitando os rituais que nos permitem viver juntos.

Germaine Tillion dá um testemunho dessa metamorfose quando conta que, chegando a Ravensbrück, em um domingo de tarde, em outubro de 1943, teve “a revelação brutal do campo, do cárcere [...] e da vivisseção de moças”.³⁸ Decide defender-se e apoiar os feridos, como sempre fizera. Para compreender esse “outro mundo”, ela observa, escreve e organiza uma “resistência pelo riso”. Ao fazer suas anotações de etnóloga, nota que, quando os guardas SS assumem suas funções, mantêm o aspecto humano por quatro dias. No quinto dia, desumanizam-se e tornam-se brutais, cruéis e desprovidos de empatia.

Na Libertação, alguns franceses, agora vencedores depois de terem sido oprimidos, liberaram suas pulsões sádicas. O fenômeno das mulheres de cabeça raspada é o sintoma mais visível. Os raspadores encontraram um pretexto moralizador a fim de se comprazer em humilhar as mulheres que, segundo eles, tinham praticado “colaboração horizontal”. Algumas eram pobres moças que se vendiam aqui e ali ao homem que se dispusesse a pagar, alemão ou francês, pouco importava. Outras mulheres, verdadeiras colaboradoras, não foram

raspadas porque moravam nos bairros chiques, onde eram protegidas. A maioria dessas francesas era de mulheres que se apaixonaram por um alemão. Hoje, isso seria considerado uma prova de abertura, um fator de paz na Europa. Ontem, no contexto da guerra, os encontros sexuais adquiriam o significado de uma traição.

A maioria dos franceses reagiu com dignidade. Quando eu ouvia falar de ajuste de contas na Libertação, de falsos tribunais de depuração que fuzilavam vizinhos e às vezes até tomavam seus bens, os adultos que me cercavam franziam o cenho e diziam: “Não há de que se orgulhar.” Alguns chegaram a se enfurecer e impediram que se humilhassem prisioneiros alemães. Eles não entraram para a história da Libertação. Não se faz relato de um não acontecimento.

A coerência depende também do que somos capazes de compreender. Há alguns dias, eu conversava com uma pequena filósofa de 7 anos cuja irmã mais velha acabara de fazer, na escola, um curso de educação sexual e havia falado dele em casa. Como a menina sabia que eu era médico, expressou-me sua raiva. O professor, segundo ela, dizia coisas absurdas! Quando eu me espantei, a pequena filósofa doutamente me explicou que o professor falara da sexualidade das plantas e, ora veja, “não existe margarida grávida!”, indignava-se.

Com 7 anos, a jovem filósofa compreendera perfeitamente que, por não ter pintinho, estava destinada, quando fosse grande, a se tornar mãe, o que lhe parecia um maravilhoso destino. Mas, com essa idade, ela ainda não tinha a representação do ato sexual, que ela conhecia vagamente e que lhe parecia “muito bobo”. Nesse estágio de seu desenvolvimento, ainda não adquirira os conhecimentos que lhe permitiriam fazer a representação da penetração sexual e menos ainda do zigue-zague dos espermatozoides na trompa uterina antes de entrar no óvulo. Para ela, a beleza da sexualidade consiste em encontrar um príncipe encantado e depois carregar uma criança na barriga, e não fusionar gametas. Nessas condições, há que admitir que o professor dizia absurdos. Dizer que as plantas tinham uma sexualidade parecia incoerente para minha pequena filósofa. A menina não podia alimentar sua representação senão com os conhecimentos de que dispunha. Não será assim que nós todos raciocinamos?

* Georges Perec (1936-1982): romancista, poeta, roteirista e ensaísta francês. (N. da T.)

CAPÍTULO 3

MEMÓRIA FERIDA

Aos 8 anos, moldado por esses curiosos acontecimentos,¹ ator das relações que eu estabelecia, fazia para mim mesmo a representação teatral do que me acontecera, o que me levava a estabelecer um curioso modo de socialização.²

A representação do drama passado depende tanto da pessoa que somos no momento em que pensamos nele quanto da pessoa com quem falamos.

A divisão do Eu ameaçado

A clivagem é uma solução que se impõe ao traumatizado: “A divisão do eu ou do objeto, sob a influência angustiante de uma ameaça, [faz] coexistirem as duas partes separadas que se desconhecem sem compromisso possível.”³ Uma metade fala em voz alta, enquanto a outra murmura o contrário.

Ao me dar o papel de herói em um relato íntimo que eu não podia compartilhar, eu me tornava sujeito da minha história. Eu não era uma coisa que queriam esmagar. Sentia-me melhor contando-me o que acontecera, mas não via o quanto essa defesa perturbava minhas relações. Eu mudava o modo como o passado agia sobre mim. Construía um novo passado remanejando minha história, o que me permitia escapar da memória traumática.⁴

Ter vivido uma experiência nada tem que ver com rememorar essa experiência. Contar uma satisfação passada não a faz voltar, mas dá o prazer de contar. Fazer o relato da própria infelicidade pode despertar o sentimento de infelicidade quando se reativa a memória dolorosa sem remanejá-la: isso se chama “queixar-se”. Mas, quando modificamos a representação buscando compreender e fazer-nos compreender, o relato compartilhado inflecte o sentimento: ruminar ou remanejar, eis os dois caminhos que nos são propostos após um trauma.

Alguns pesquisadores quiseram verificar o remanejamento da lembrança. Em 1962, Denis Offer⁵ pediu a 77 adolescentes de 14 anos que respondessem a um questionário de cinquenta pontos, permitindo descrever seu mundo atual: Você é religioso? É popular entre os colegas? Qual a sua principal aspiração? O que o faz sofrer mais?

Passados 34 anos, o psiquiatra encontrou 64 das 77 pessoas e fez a elas as mesmas perguntas.

Está infeliz na escola? Aos 14 anos, 28% dizem que sofrem. Mas, com 48 anos, 58% lembram-se de sofrimento.

Você é popular? Vinte e cinco por cento dos adolescentes estimam que são apreciados, ao passo que, depois de adultos, 50% se lembram o quanto eram amados.

O que sentiam depois de um castigo corporal? Isso se praticava na escola da época: uma reguada na ponta dos dedos e, na hora, o teorema de Pitágoras entrava na cabeça! Oitenta e dois por cento dos adolescentes afirmam que eram humilhados, mas, na idade adulta, não são mais que 33% os que dizem que sofreram. “Houve coisas piores”, esclarecem.

O prosseguimento de suas histórias remanejou a representação do passado. Quando pensamos no nosso passado e encontramos amigos de juventude, experimentamos um sentimento de amizade por

colegas de classe com quem mal falávamos. Quando se tem de aceitar um trabalho na fábrica ou na mina, onde cada gesto é uma tortura, relativizam-se os castigos corporais da escola. Muitas vezes até, quando somos felizes, explicamos nossa felicidade atual pelas boas recordações passadas: “Aqueles castigos corporais me tornaram forte, eu os superei.” Se somos infelizes aos 50 anos, estabelecemos uma mesma relação de causalidade, invertendo-a: “Aqueles castigos corporais me destruíram.”

O sentimento associado à lembrança pode variar: “Sentia vergonha quando minha mãe vinha me buscar na escola com seu avental sempre molhado”, diz um adulto. “Hoje, tenho vergonha de ter sentido vergonha, pois ela trabalhava duro para pagar meus estudos.” O simples desenrolar da história remaneja a representação do passado.

Não somos sensíveis a todos os objetos e acontecimentos que nos cercam. Se tivéssemos de tratar todas as informações, nada adquiriria forma, ficaríamos confusos. Para ter ideias claras, precisamos esquecer.⁶ Para fazer a representação de nosso passado de maneira indubitável, só precisamos destacar as lembranças que correspondem ao estado em que estamos quando fazemos o esforço de evocá-las.

O passado torna-se coerente graças a nossos esquecimentos e remanejamentos afetivos. Quando o mundo é claro, tornamo-nos capazes de decidir que sonhos sempre desejamos realizar quando éramos crianças. Podemos até nos indignar com as feridas passadas que acreditávamos indolores.

O vinho da lembrança

A partir do presente, “embriagamo-nos com o vinho da lembrança e do passado restaurado”,⁷ escreve Baudelaire, grande *expert* em memória.

A memória traumática é composta de uma coleção de imagens precisas, cercadas por um halo de palavras e sentimentos incertos que devemos remanejar para não nos deprimirmos. É dentro dessa zona em reconstrução que a criatividade nos dá o instrumental de resiliência. Quando tudo é claro demais, somos submetidos à repetição, não podemos senão recitar. Em meio ao assombro é que sentimos o prazer de elucidar. A parte luminosa nos fornece arquivos verificáveis, enquanto a zona de sombra nos convida à criatividade.

Tão longe quanto remonta minha memória, eu sempre soube que queria ser psiquiatra. As pessoas se surpreendiam, diziam que era uma falsa lembrança, pois no pós-guerra ninguém falava de psiquiatria. Em 1970, já psiquiatra, fui mexer por acaso em uma mala largada no sótão da casa que Dora e Adolphe tinham acabado de comprar em Sannois. Achei um maço de “redações”, como se dizia na época. O professor perguntava: “O que você quer fazer quando for adulto?” Li com surpresa que queria me tornar psiquiatra para compreender a alma dos seres humanos. Eu tinha 11 anos. Tenho uma lembrança clara do dia em que, com 10 anos de idade, quis me tornar escritor porque um professor tinha me parabenizado. Lembro-me até da frase da redação que provocara o elogio: “Ele saltava por cima das poças geladas, com as mãos nos bolsos do casaco grande demais para ele.” Eu sabia aos 11 anos que queria me tornar psiquiatra, só tive a prova vinte anos depois.

O que junta e coordena os pedaços verdadeiros da minha quimera é o sentido que hoje dou aos acontecimentos passados. A narração permite o trabalho de harmonização das minhas lembranças e orienta o galope da quimera. Sem ela, cada pedaço de verdade iria em sua própria direção e nada adquiriria sentido. Eu não poderia saber quem eu sou, o que amo e a que aspiro.

Depois da guerra, eu vivia em uma assembleia de faladores cacofônicos, alguns tonitruantes relatavam sua resistência, outros cochichavam alusões a “tribunais de depuração”, eu ouvia palavras suaves, amargas, humilhantes ou reconfortantes que falavam da guerra, da alegria recuperada e da coragem dos

franceses que reconstruíam o país. O cinema, toda semana, era um acontecimento extraordinário. As pessoas se vestiam como nos domingos, iam em família ou em grupo, ouviam os jovens cantores tentar a sorte antes do filme, saíam no intervalo, tomavam sorvete, o cinema era uma festa.

Lembro-me dos operários que dormiam em cabanas na porta Clignancourt saindo de manhã, caminhando sobre tábuas para evitar a lama, indo para o trabalho de camisa branca e gravata, impecáveis!

A CGT pedia aos empregados que fizessem horas extras e aos operários que trabalhassem sábado e domingo para restabelecer a rede elétrica, de graça evidentemente, uma vez que o governo não podia pagar.

Naquele entusiasmo cotidiano de pobreza, de ajuda mútua, de empenho e alegria, eu não tinha a palavra. Pequeno demais. O que às vezes eu contava, uma frase aqui outra ali, provocava o pesado silêncio dos que me rodeavam. Não durava muito tempo, a vida recomeçava, eu só estragara uns poucos minutos da sua felicidade recuperada.

Não era fácil atribuir um sentido ao que tinha me acontecido, já que o parlamento de faladores que me rodeava evitava abordar o problema.⁸ Quando há tantos relatos como pessoas, a máquina de produzir sentido torna-se cacofônica. Sem narração não há sentido, mas quando há relatos demais nossa quimera não sabe para que lado deve galopar. Um relato acaba se impondo, uma verdade se instala como se tivesse havido um destino inexorável: é um mito.

A experiência coletiva da guerra foi penosa, humilhante, sufocante. Alguns escolheram a colaboração. De início, usufruíram de seu poder e riqueza. As festas elegantes eram diárias nos restaurantes do mercado negro, nos teatros, prefeituras e Kommandantur. O humor desses vencedores consistia em esmagar, fazer rir com a humilhação que infligiam aos negros, aos judeus, aos pobres. Ria-se muito entre super-homens.

Durante esse tempo, um grande número de resistentes descobria a tortura e a solidariedade para enfrentar o inimigo.

A ausência de relato, tanto quanto a cacofonia, impede a representação de si que dá sentido à existência. Durante os anos do pós-guerra, eu não tive escolha senão entre o torpor e a balbúrdia.

O passado restaurado

Por sorte, dois tutores de resiliência se colocaram em torno de mim: o encontro entre Dora e Émile e o mito comunista.

Quando Dora me apresentou Émile, ele ficou em pé, perto da porta, porque a peça era pequena demais para comportar muitas cadeiras. Por que eu imediatamente me encantei com sua força e gentileza? De fato, eu hoje diria que sua aparência denotava algo que eu esperava para mim: força e gentileza. Émile revelava aquilo em que eu esperava me tornar um dia, quando fosse grande. Não era assim que se expressava o Édipo “quando dramatizava a identificação com um adulto de mesmo sexo, com sua configuração afetiva reveladora do sonho de si ao qual aspiramos”⁹ Não senti a mesma emoção quando Dora me apresentou seus amigos, um curso dançarino acrobático ou Maurice, o Fred Astaire de Montmartre. Eu os achei simpáticos, alegres e admiráveis dançarinos. O curso me aconselhava a ser militar: “Vai conhecer o mundo”, ele me dizia, “e estará bem-vestido.” Isso não me dizia nada. Eu gostava bastante dos dois, mas o caminho deles não era o meu.

Ao me apresentar Émile, Dora disse: “Nós vamos viver juntos. Émile é cientista e joga rúgbi.” Eu não sabia o que eram ciência e rúgbi, mas adotei-o imediatamente.

Ocorreu então um fenômeno estranho. Durante os meses em que Dora e Émile procuravam uma moradia maior, eu me tornei excelente aluno, como se meu mundo íntimo de repente se iluminasse.

Estava matriculado na escola da rue Turgot, aquela onde eu, antes, fora medíocre. Os dois anos de fracasso escolar tinham correspondido às rupturas administrativas que me atribuíam alternadamente a Margot e a Dora. Os cortes repetidos entre as instituições bordelesas e os retornos parisienses tinham impossibilitado qualquer escolarização e qualquer tecedura de elo.

Tão logo (digo bem “tão logo”) soube que Dora, a bela dançarina, ia viver com Émile, o parrudo cientista, a escola se tornou um lugar de felicidade.¹⁰ Lembro-me do rosto e do nome dos meus coleguinhas, lembro-me dos professores que nos falavam com gentileza, cheguei a guardar na memória as maravilhosas brincadeiras com bola de gude, as brincadeiras de “polícia e ladrão” e, sobretudo, os roteiros que eu inventava para meus colegas de classe interpretarem.

Na mesma hora passei a ser o primeiro da classe, inclusive em desenho. Tive de pular um ano para me preparar para o exame de entrada no ginásio, que, em 1848, era reservado a uma minoria. Mancheron, um colega de escola, recentemente me contou que, de uma classe de 44 crianças, somente três tinham conseguido entrar no ginásio.

A rapidez dessa metamorfose intelectual ainda hoje me intriga. Provavelmente, foi o encontro de dois fenômenos o que a tornou possível:

- incorporação, dentro de mim, da segurança afetiva oferecida por Dora e Émile;
- alguns acontecimentos que seduziram os professores.

Minha vida mental parara com a idade de 2 anos, quando minha mãe ficara sozinha depois do engajamento do meu pai no exército francês, angustiada diante da iminência de sua prisão. Depois, seguiram-se para mim alguns anos de perseguição, de vizinhança da morte e isolamento sensorial. As rupturas afetivas, repetidas sem cessar, a proibição de sair ou ir à escola, o sentimento de ser um monstro impossibilitaram qualquer desenvolvimento. Eu não sofri durante a guerra, porque minha alma estava gelada. Não sentimos nada quando estamos em “agonia psíquica”,¹¹ respiramos um pouco, só isso.

“O que caracteriza essa época é antes de tudo a ausência de referências. As lembranças são nacos de vida arrancados do vazio, nenhuma amarra... não havia começo nem fim. Já não existia passado, e por muito tempo também não existiu futuro, aquilo simplesmente durava... As coisas ou os lugares não tinham nome; as pessoas não tinham rosto.”¹²

Joseph Bialot, adolescente que sobreviveu a Auschwitz, faz a mesma constatação: “Não há nada por compreender em um mundo incompreensível onde não existe senão uma lei, a do cassetete, uma sanção, a da morte, uma razão, a da insanidade.”¹³ Quando o real é louco, como querer que o mundo mental de uma criança se organize? Para estruturar uma alma, é preciso ter um sonho, tornar-se escritor, procurar compreender ou reparar as ruínas.

Bastou que a existência dispusesse à minha volta um substituto afetivo, uma bela dançarina e um parrudo cientista, para que a vida retornasse a mim como uma lufada de felicidade. Eu vivia, era mais forte do que a morte, driblara o exército alemão, encontrara uma nova família e na escola inventava o tempo todo roteiros com animais, índios e caubóis que permitiam cercar-me de uma multidão de pequenos candidatos a ator dentre os quais eu escolhia quem faria o cavalo indomável, o índio esperto ou o malvado caubói.

Uma cascata de felicidades!

Os recreios se tornavam muito curtos para realizar as minhas produções. Contudo, foi lá que sobrevieram alguns minúsculos acontecimentos que orientaram meu novo modo de viver.

Creio que o nome dele era Hugues ou algo assim, era bom quando brincávamos de índio! Eu falei a ele do meu orgulho de ter uma madrinha, uma segunda mãe dançarina, ele me ouviu com gravidade, depois

começamos uma partida de bola de gude na qual o lançador devia ficar a 3 metros, a distância mais difícil. Enquanto eu me preparava para lançar minhas bolas, vi-o conversar com o garoto que exibía uma bela ágata.¹⁴ Os dois colegas falavam baixinho ao ouvido um do outro, olhando-me e dando risada. Compreendi que falavam mal de Dora. A ágata que eu tinha na mão alcançou-o em pleno crânio. Posso assegurar que ele parou de falar. Orgulhei-me da precisão do meu tiro, mas o incidente confirmou, mais uma vez, a que ponto o silêncio era protetor. Quando lançamos uma ideia no ar, não sabemos como ela vai cair, não sabemos o que o ouvinte fará com ela. Vai usá-la para zombar de você, para rebaixar ou fazê-lo ser preso pela Gestapo? O que para mim era uma beleza e uma felicidade tornava-se para ele uma arma para me humilhar.

Mesmo em tempos de paz não se pode dizer tudo. Eu prosseguia o processo mental que, muito tempo depois, me levou a pensar: “Admiro os silenciosos. Os que sabem calar-se estão protegidos, são invulneráveis.”

Todos os feridos da alma experimentam o efeito protetor do silêncio. Vão precisar de muito tempo para descobrir que essa legítima defesa cria uma relação particular. Ao voltarem do outro mundo, as lembranças e as palavras adquiriram um significado difícil de compartilhar. Quem vai entender a euforia que se sente ao ser preso pela Gestapo após vários meses de isolamento? Quem vai entender que as pancadas não são traumatismos? Doem na hora, mas quando não têm significado não são uma dor moral. Quem vai entender que uma dançarina pode ser bonita, alegre e perfeitamente moral?

Os pós-guerras são revoluções culturais em que tudo deve ser repensado. Novos valores surgiam, mas o pensamento preguiçoso nos convidava à submissão aos discursos de antes da guerra. O casamento naquela época tinha objetivo social, servia à proteção mútua, não era fruto de sentimento amoroso. As dançarinas eram mulheres fora da cultura, como tinham sido antes delas os atores e os romancistas.

Um traumatizado não escolhe sempre o silêncio. Com frequência, é a cultura que o faz se calar. Ao voltar do outro mundo, “em que língua, com que palavras a experiência poderá ser falada [...], o silêncio em todas as suas formas – mutismo intermitente, recusa de retorno [...], suspensão de qualquer linguagem – oferece ao sobrevivente a única resposta”.¹⁵ Quando nada do que se diz é escutado, quando todas as palavras são deformadas, como não querer se calar? A personalidade separa-se em camadas: uma parte socializável e, subitamente, um mutismo no qual a pessoa se sente na segurança do silêncio, protegida entre paredes. O ouvinte desorientado sente uma estranheza provocada por ele mesmo, mas que atribui ao outro, pois bem vê ser o outro quem se cala com uma subitaneidade que chama a atenção: “Eu voltei de entre os mortos e acreditei que isso me dava o direito de falar, mas quando me vi diante dos outros não tive nada a lhes dizer porque aprendi, lá onde eu estava, que não se pode falar com os outros.”¹⁶

O direito de falar

Durante a guerra, fazemos segredo para não morrer. Depois da guerra, continuamos calados para não compartilhar com os outros o que eles não são capazes de escutar. É curiosa a cultura que critica os feridos por não falar, embora seja ela que os faz calar-se.

Quando eu inventava roteiros com índios que passavam a perna no exército de caubóis, reparava, entre meus espectadores, um interessado professor que ficava na primeira fila, atento e divertido com as peripécias do roteiro. Ao final da apresentação, via como ele comentava minhas apresentações com os colegas.

Um dia, ao chegar à escola, descobri que me esquecera completamente de estudar minha lição. Corro para me desculpar com a professora, dizendo a ela que não tinha tido tempo de estudar por ter jogado o dia inteiro com Émile. Gargalhadas gerais na classe, resposta imparcial da professora, que diz que sua caneta apontada ao acaso para a folha de presença designará o aluno a ser interrogado. Durante o recreio, nem pensar em abrir mão da apresentação que eu havia programado! Meus pequenos atores aguardavam, bem como o professor, espectador da primeira fila.

Por sorte, a sala de aula era no segundo andar e a multidão de alunos subia lentamente. Tive, pois, tempo de preparar a lição. A caneta da professora me designou por acaso, mas, como eu acabara de ler o trecho, tirei nota dez. “Achei que você não tivesse estudado a lição”, ela me disse. “Estudei enquanto subia as escadas”, respondi. Notei que ela franziu as sobrancelhas e acenou com a cabeça admirativamente.

Algum tempo depois, o diretor e essa professora me chamaram para dizer que alguém me acompanharia no dia do exame de admissão ao ginásio.

Três foram admitidos. As outras crianças continuariam até a obtenção do certificado e, logo em seguida, iriam trabalhar nos campos, na fábrica ou seguiriam cursos profissionalizantes, com 13 anos de idade.

Na minha memória, há um encadeamento pouco visível de acontecimentos pouco falados que, contudo, tenho certeza, me permitiram chegar ao ginásio Jacques-Decour. Eu era decerto bom aluno, roteirista prolífico, porém...¹⁷

Se tivesse sido uma criança bem comportada na escola, vivendo em uma família estável, a professora não precisaria me acompanhar no dia do exame. Eu seguiria a corrente que teria me orientado para o ginásio ou para a fábrica. Uma criança bem comportada é transparente, deixa-se levar. “Meu” trauma, mesmo não dito, tinha me personalizado! Por sorte, a ferida identitária, que me impedia de saber quem eu era, provocara um superinvestimento imaginário no qual eu me construía. Eu não sabia o que era ser judeu. É visível? É invisível? Eu não sabia de quem nascera. Logicamente, meus pais eram judeus, uma vez que desapareceram em Auschwitz. Que prova inquietante! Como se faz para ser judeu?

Com uma história dessas, a autoafirmação torna-se angustiante, uma vez que se trata de... declarar que se é... alguma coisa que não se sabe... Por sorte, a clivagem me dera a possibilidade do duplo pensamento, o sentimento do duplo pertencimento.¹⁸ Eu pertencia às pessoas a que me ligava: Dora, a dançarina, e Émile, o cientista. Essa sustentação me punha no eixo, me apoiava pelo exterior. Eu me aproximava amistosamente dos colegas de escola, dos professores que me estimulavam e dos vizinhos que me pediam que falasse da guerra, fazendo-os rir um pouco. Mas eu organizava meu pensamento em torno de um mundo duplo: um compartilhável, no qual eu contava histórias que divertiam os que me rodeavam, e o outro, intenso, que não saía da minha cripta. Dora dizia rindo que meu talento de oratória faria de mim um bisbilhoteiro ou um advogado. Meus colegas de escola interpretavam comédias que eu inventava, e os professores espectadores aplaudiam sorrindo.

Eu achava que contar histórias me permitiria não contar a minha história. Esperava me esconder atrás do que eu inventava, na verdade encenando o que eu não podia dizer.

Adivinhem em quem eu pensava quando inventava o papel do índio que escapa da perseguição dos caubóis que querem matá-lo... Por que imaginar moças maravilhosas que protegem o índio? Por que razão elas se chamam Margaret?

Outras representações do meu mundo íntimo não podiam ser compartilhadas. À noite, adormecendo, tentava achar o sonho da noite anterior: eu me via na floresta, escondido no fundo de uma grande caverna cheia de luz, onde só tinha por companhia alguns animais. Ao menos eles não desejavam minha

morte, não me julgavam e não zombavam de mim. Trocávamos nossas afeições, sem ter de nos justificar. Nós nos amávamos e pronto. Juntos, ficávamos bem.

A verdade narrativa não é a verdade histórica, o remanejamento é que torna a existência suportável. Quando o real é louco, o rearranjo da memória torna-o coerente. Certas histórias que eu inventava a fim de expressar meu mundo íntimo e torná-lo compartilhável davam aos adultos uma impressão curiosa: “De onde ele tira tudo isso?”, diziam sorrindo. Gostava de que eles se maravilhassem com minha imaginação, mas ficava aturdido quando via em seu rosto uma expressão de dúvida. Suas reações mudas participavam da construção de meu relato.

Eis por que o relato rearranjado do que me acontecera era mais coerente do que a verdade dos fatos: as escadas que eu descera em disparada para fugir eram menores do que as do *Encouraçado Potemkin*; a ambulância onde eu havia mergulhado para me esconder era uma simples caminhonete; o oficial alemão que dera autorização de partir não manifestara senão ódio pela mulher que morria sobre mim.

Convinha-me que meus próximos me fizessem calar, facilitava minha negação, ajudava-me a realizar a estratégia de existência da senhora Lot: “Para a frente... para a frente... não se volte para o passado.”

Esse salve-se quem puder psicológico me permitia não sofrer, mas dava aos que me rodeavam uma curiosa imagem de mim. Com frequência alegre, ativo e inventivo, subitamente torna-se sombrio, ensimesmado e às vezes enfurecido: eu era duplo!

Nenhuma história é inocente. Contar é pôr-se em perigo. Calar-se é isolar-se.

Calvários íntimos e relatos coletivos

Graças ao desvio dos relatos, eu conseguia achar um lugar entre as pessoas. Algumas historietas luminosas que interessavam os adultos me permitiam deixar na sombra o que eu não podia dizer. Eu falava da guerra encenando-a alegremente. Falava da glória do meu pai, ferido em Soissons ao deter sozinho o avanço do exército alemão. Detalhava a coragem da minha mãe ao devolver bombons ao soldado, insultando-o em alemão. O relato da minha epopeia familiar me permitia não dizer o que os outros eram incapazes de entender. Foi a incredulidade deles que instalou na minha alma a cripta silenciosa que atrapalhava nossas relações.

Meus comportamentos também eram criptografados. Eles tornavam possível a expressão pré-verbal do que os outros me impediam de dizer. Alguns roteiros eram difíceis de decodificar. Ninguém conseguia entender por que eu “brincava” frequentemente de enfiar ramos de mato no nariz. Acho que foi em Castillon que uma vez contei minha evasão embaixo da mulher moribunda. Um adulto disse: “Se você tivesse espirrado, teria morrido.” As outras pessoas concordaram. Eu devia portanto provar a mim mesmo que se quisesse viver teria de me tornar capaz de prender um espirro. Então, com ramos de mato, eu fazia cócegas no fundo do nariz, ficava vermelho, contraía-me, meus olhos se enchiam de lágrimas, mas eu não espirrava! Com esse comportamento criptografado, eu me fornecia a prova de que a liberdade é possível. Um adulto, baseando-se no que estava vendo, teria achado o comportamento idiota. Para mim, queria dizer: “Você não se submete às circunstâncias.”

Nos calvários íntimos, eu precisava me provar que era sempre possível não capitular diante da morte. É possível escapar dela escalando paredes lisas, impedindo-se de espirrar, mergulhando nas ondas da entrada do porto de Capbreton, deixando-se cair da extremidade dos galhos. Não era uma erotização do risco, um flerte com a morte. Era, sim, a construção da prova de que é possível ganhar a própria liberdade. Argumento pré-verbal, roteiro comportamental que tinha a função de me dizer: “Eis como é preciso fazer para dominar a infelicidade.”

A infelicidade, eu a sentia. O sentimento de merecer a morte por um crime que eu ia cometer, as rupturas afetivas incessantes tinham deixado na minha memória uma representação de si alterada. Eu a combatia graças aos calvários íntimos que deviam parecer sem sentido para um adulto equilibrado.

Depois da guerra, mantive o hábito dos testes secretos. Depois que Dora abandonou a dança para se tornar comerciante, eu costumava acompanhá-la nas compras nos mercados de Creil, de Argenteuil e de Châteaudun, atrasando-me consideravelmente no ginásio. Então eu me fazia o desafio de aprender em uma noite o que tinha sido ensinado durante a semana. Gostava dos esforços custosos que me permitiam conseguir boas notas,¹⁹ apesar do *handicap* das ausências. O treinamento de enfrentar provas me deu uma coragem mórbida que me permitiu, depois, estudar medicina em condições materiais verdadeiramente desarrazoadas. Dora não se espantava com meus comportamentos estranhos. Ela não me pedia nenhuma explicação. Era assim.

O fim da guerra não trouxe a paz. O contexto cultural, os noticiários filmados, o cinema, os romances, as conversas preferiam falar da alegria dos reencontros com 2 milhões de prisioneiros voltando finalmente para casa. Os 2 ou 3 mil espectros chegados dos campos deambulavam como fantasmas. Via-se a infelicidade que habitava neles, mas eles não diziam nada. Nas famílias enlutadas, suportavam-se mal os relatos de horror que estragavam as noites e envenenavam o retorno da vida. Os únicos relatos encorajados eram os da França resistente durante a guerra e laboriosa em tempos de paz. Era preciso calar o horror e encenar a coragem.

Os resistentes sobreviventes também não falavam muito. Permanecendo unidos depois da guerra, constituíram grupos de amigos, quase familiares, tornando-se padrinhos dos filhos um do outro, ajudando-se mutuamente, militando ou saindo de férias juntos.

Um irmão da minha mãe, meu tio Jacques, alistou-se nas FTP²⁰ aos 16 anos. Quando o conheci, ele me pareceu adolescente e achei normal que tivesse combatido o nazismo. Meu pai fizera o mesmo, alistando-se no exército. Não se falava da *Shoah*²¹ nessa época, também não se falava de genocídio, só se falava da França combatente e de sua reconstrução. Relatos coletivos cantavam loas a De Gaulle, a Leclerc, à Resistência comunista e até a pessoas comuns que tinham resistido às escondidas. Esses discursos, contando uma grande parte da verdade, permitiam que se incluíssem os que não tinham combatido. Eu me lembro de um filme que todo o mundo adorou: *Le Père tranquille*.²² Um amável ator que nada tinha de herói encarnava um funcionário humilde que todo o mundo pensava que se escondesse. Pois bem, estão enganados, afirmava a ficção, todo mundo resistiu, mesmo os tímidos, mesmo os anti-heróis. A simpática representação ensinava muita conversa. Cada um trazia um testemunho análogo: tinham conhecido um carteiro que pensavam ser colaborador e que na verdade fornecera armas aos resistentes; todo o mundo citava um camponês que escondera um paraquedista; um empregado da prefeitura que fabricara falsas carteiras de identidade. Frequentemente era verdade. As conversas provocadas pelo filme redouravam a imagem da França, vencida e colaboradora.

Dos judeus não se falava. Havia muito poucos (240 mil em 1945), eles se fizeram cúmplices dos relatos coletivos. “A vontade dos judeus de não se singularizar da nação francesa impediu a tomada de consciência da *Shoah*.”²³ Contudo, muitos judeus foram para a Espanha para alistar-se nas Forças Francesas Livres: “Eu esperava a Igreja”, disse De Gaulle, “vi chegar a Sinagoga.” Os *Éclaireurs Israélites* [associação francesa de escotismo] formaram os maquis de Toulouse e do Tarn. No regimento de voluntários estrangeiros do exército francês, onde combateu meu pai, só havia republicanos espanhóis e judeus da Europa central. No Oriente próximo, 40 mil judeus palestinos (que ainda não eram israelenses) alistaram-se no exército francês do general Koenig e tiveram um papel tão importante na derrota dos exércitos alemães de Rommel em Bir-Hakeim que o general os convidou para desfilar ao lado da bandeira francesa.

De fato, grande número de judeus em idade de combater engajou-se contra o nazismo.²⁴ Mas o que passou para a memória coletiva foram as prisões em massa, com suas imagens de colunas de homens, mulheres e crianças desamparados, amontoados em vagões, sendo levados aos fornos e às pilhas de ossos.

Os judeus combateram como franceses, embora tenham sido caçados como judeus. Tudo é verdade, nos dois casos, mas a quimera coletiva só guardou as imagens dos que “se deixaram conduzir ao abatedouro como carneiros”.

Élisabeth de Fontenay,²⁵ Claude Lévi-Strauss e Marguerite Yourcenar queriam simplesmente dizer que, para aquele cuja visão de mundo é hierarquizada, não é crime abater um judeu como a um carneiro. Pode-se matá-los sem vergonha nem culpa, uma vez que não são seres humanos. A imagem de carneiros conduzidos ao abatedouro não é falsa, mas ela só fala das prisões em massa e não dos combates. Os relatos coletivos se apropriam de uma verdade parcial para generalizá-la abusivamente ao conjunto do povo judeu. O que é parcialmente verdade torna-se totalmente falso. É assim que galopam as quimeras coletivas.

Também os espectros se fizeram cúmplices do silêncio. Ao voltarem livres para a França, não tinham nada para se dizer, e os que encontraram alguns restos de suas famílias “sentaram-se a uma mesa onde havia mais mortos do que vivos”.²⁶ Os *dibuks*²⁷ da Cabala habitaram as casas onde todo mundo pensava nos desaparecidos sem poder falar deles.

No cinema, viam-se nas telas os problemas da comunidade. Os operários organizam suas lutas sociais e, nas comunidades mineiras, tratados como heróis por suas famílias, os homens morriam instantaneamente com o grisú... as pessoas os admiravam, choravam. Os ferroviários, em *La Bataille du rail* [A Batalha nos trilhos],²⁸ sabotavam as instalações alemãs, e os burgueses com suas boas maneiras ridículas exploravam o povo bom. O cinema do pós-guerra assumia a função democrática do teatro na Grécia antiga. Era preciso ir, para ver na tela as cenas da vida cotidiana e depois poder comentar. Esses encontros constituíam maravilhosos acontecimentos. Uma campanha forte anunciava no bairro que a sessão ia começar. As pessoas se precipitavam, assistiam primeiro a um pequeno concerto de órgão no Gaumont Palace, ou a um recital de canções de Marcadet. No intervalo, vendedoras passavam pelas fileiras e nos mandavam “comprar *esquimaux*”.* Depois a luz se apagava, a magia começava e voltávamos para casa para discutir interminavelmente nossos problemas e nossas concepções da sociedade, que os atores tinham acabado de encarnar na tela.

Paradoxalmente, essa alegria necessária fazia os sobreviventes calarem-se: “Henri voltou a Paris, mas rapidamente cortei relações com ele [...], sempre à espreita, não conseguia se adaptar à sua nova condição [...]. Revi Armand três ou quatro vezes [...], um rapaz simpático, mas não tínhamos mais nada para nos dizer.”²⁹ O que unira os homens no enfrentamento do horror separava-os quando a paz retornava. Teria sido possível compartilhar as lembranças das humilhações, das roupas imundas, da diarreias incontroláveis, das covardias inconfessáveis? Era um alívio não nos ver mais.

Seria por essa razão, depois que fui morar em Paris com Dora e Émile, que eu sentia cada vez mais dificuldade em escrever a Margot?

Quando a ficção diz a verdade

No contexto de paz, quando os relatos coletivos falavam das bravuras diante do ocupante e do ardor no trabalho de construir uma sociedade melhor, os testemunhos dos sobreviventes pareciam obscenos. Então eles se calavam... e era melhor assim.

Encontrei recentemente pessoas que foram adolescentes em Auschwitz. Esses jovens sobreviventes pensavam: “Ninguém poderá acreditar em nós, então permaneçamos juntos, casemo-nos.” Os casamentos do desespero, em meio à incompreensão dos próximos, engendraram pequenos grupos afetivos em que, com efeito, eles se compreendiam e formavam casais estáveis. Falavam livremente do pesadelo passado... e seus filhos os acusaram de tê-los feito viver no horror do que lhes acontecera!

Era preciso calar-se para já não viver na vergonha e no pavor, para não estragar a festa do país que renascia e para não transmitir nossa monstruosidade aos que amávamos. A enorme negação enquistou no fundo de nossa alma uma cripta onde murmuravam fantasmas. Nós nos engajamos em nossas relações com uma imagem estranha, frequentemente alegre, ativa e afirmativa. Quando, de repente, uma sombra negra alterava a relação: “O que deu nele? O que está escondendo? Certamente está se culpando de alguma coisa!” Falar transmitia o horror, calar-se difundia a angústia: não é fácil viver quando se é sobrevivente.

Quando encontrei o que restara da minha família, eu era sobrevivente entre sobreviventes. Como querer que falássemos claramente?

Os que tinham orgulho de sua guerra estavam ao lado dos que ainda sofriam, mas os dois grupos tinham um discurso estranho. Os que não tinham nada de que se culpar, a gente honesta, os gaullistas e os comunistas, aos quais pertencia Jacques, tinham também uma estranha maneira de falar. Eles se expressavam claramente em grupo, mas seu discurso em casa permanecia distante, abstrato, filosófico ou político, jamais íntimo ou afetivo.

Eu tinha orgulho da resistência de Jacques, mas nada sabia do que ele fizera no dia a dia. Ele contava a grandeza do “partido dos 100 mil fuzilados”,³⁰ militava com seus antigos camaradas de combate, eles se amavam, riam e recitavam slogans que eu aprovava, mas que nada diziam de sua vida de todos os dias. Levei muito tempo para compreender que aquele refúgio na teoria era uma maneira de não expor a intimidade. Muito lentamente fiquei sabendo como Jacques tinha se engajado fisicamente no combate.³¹

Falavam da *Shoah* à minha volta, mas falavam de longe, jamais na intimidade. Comentavam simplesmente o que se escrevia sobre a guerra. Os alemães tinham arquivos, produziam filmes de propaganda, enviavam à sua família fotos de férias em Auschwitz ou de homens descarnados que os faziam rir.

Os perseguidos escreviam sem cessar, tomavam notas a fim de preparar suas futuras memórias e testemunhos. Alguns cadernos acumulavam datas, fatos, palavras pronunciadas, nomes de executores e de vítimas. Como explicar essa fome de escrever? Deve-se à cultura do povo do Livro, à sua injunção de lembrar e testemunhar? As anotações eram análogas a declarações em cartório: sem poesia, sem reflexão, só os fatos acumulados. Há também escritos que tinham a intenção de tornar o horror suportável. As metáforas, compondo uma imagem estetizada, permitiam dominar a emoção e dizer a verdade sem perturbar o ouvinte. As reflexões políticas ou filosóficas, intelectualizando o pesadelo, tentavam entender como homens podiam ter feito aquilo a outros homens.

Eu era muito politizado aos 11 anos. Conhecia as teorias, tomava posição, mas ignorava os escritos que testemunhavam a perseguição. Só me interessava pelos filmes ou pelos relatos que transformavam os fatos. Minha experiência íntima permanecia no fundo de mim. Jamais falava dela, ninguém me perguntava nada, eu pensava nela o tempo todo.

A escrita dos testemunhos não entrava na cultura. Os que escreveram em ídiche não foram traduzidos. Os textos russos, poloneses e húngaros foram abafados pelos regimes comunistas. Numerosos testemunhos ficaram dentro de gavetas, ignorados do público.

O cinema não falava melhor. Fiquei contente ao ouvir falar de *Nuit et brouillard* [Noite e neblina].³² Temia as imagens, mas tinha a impressão de que o público, graças a esse filme, reconhecia a morte de

meus pais e o massacre dos judeus: uma oração fúnebre, de alguma maneira. Eu tinha 18 anos na ocasião. Não notara que a palavra “judeu” tinha sido pronunciada apenas uma vez no filme. A simples evocação de genocídio me bastava, pois a pronúncia da palavra oferecia uma sepultura a meus pais.

Charles Chaplin me encantava com *O grande ditador*,³³ cujo roteiro correspondia às minhas fantasias mais loucas, na época em que, criança, eu sonhava que um dia ridicularizaria Hitler.

Foi o *Diário de Anne Frank*³⁴ que mais me apaziguou. Ele só punha em cena o que era representável: uma simpática família na qual as pessoas se amavam e brigavam à espera das batidas da Gestapo à porta. Nada que ver com as pilhas de ossos, nem com Auschwitz nem com as prisões em massa. O simples fato de não judeus em volta de mim falarem da emoção que sentiram no momento em que compreenderam que a menina grande ia desaparecer com sua família fazia nascer em mim uma gratidão muda. Então era possível reconhecer nossa morte? As obras de arte, convidando a falar da tragédia, ofereciam uma lápide aos meus pais. Eles não tinham desaparecido totalmente, já que era possível falar de seu desaparecimento. Eu me sentia acalmado, serenado, feliz quase, graças às ficções que punham em cena um momento da tragédia. Os romances, os filmes, as peças de teatro não mostravam senão o que a cultura era capaz de aceitar, mas essa acolhida provocava em mim um surpreendente sentimento: eu já não era um monstro! Eu era como todas as pessoas que, comentando as ficções em torno de mim, me cercavam de palavras que significavam: “Nós teríamos reagido como você se uma mesma desgraça nos tivesse atingido.”

A literatura dos campos de concentração não me acalmava. Ao contrário, ela confirmava minha monstruosidade. Ninguém suportava ler ou ouvir tais testemunhos. Foi a ficção o que pôs um bálsamo em minhas feridas. Não era uma ofensa à dor, mas encenava-se uma representação suportável do sofrimento. Um imaginário compartilhável indicava o lugar da desolação, ao mesmo tempo preservando o pudor dos feridos.

André Schwartz-Bart contava como era possível defender-se. No seu romance *Le Dernier des Justes* [O último dos justos], ele inventou a história de Ernie, cuja existência despedaçada terminava em uma câmara de gás: “Louvado. Auschwitz. Seja. Maïdanek. O Eterno...”³⁵ Sua linguagem se desconjuntou ao escrever. Apresentar uma história verdadeira como um romance permitia dominar a perturbação interior e comunicar a emoção, sob a forma de um belo acontecimento compartilhável. Vocês leram bem: “belo acontecimento”. O leitor emocionado e não brutalizado interessava-se por um destino que poderia ser o dele próprio ou o meu. Quando o real era louco, indecente, vergonhoso de dizer, a ficção concedia a Ernie um lugar entre os homens, convidando-me com ele a mudar a representação que eu fazia da minha infância. Um documento da justiça teria o mesmo efeito? Um papel timbrado teria perturbado nossa alma? Foi a ficção o que abrandou nossa consciência e nos ajudou a considerar o impensável.

É de fato ficção? Já não tenho certeza. Eu mal lera o livro, eu o percorrera, mas ficava feliz ao ouvir falar dele. Por causa dele, eu ouvia palavras antes impossíveis de pronunciar. Graças a elas, o massacre da minha família, a pilhagem da minha infância se expressavam docemente com a ponta dos lábios. Eu já não me sentia sozinho, banido da cultura.

Não se pode contrapor uma ficção em que tudo é inventado ao testemunho que diz a verdade. Acho até que a imaginação é próxima da lembrança. Quando quero contar o que me aconteceu, vou buscar no meu passado o episódio que poderá participar “do edifício imenso da lembrança”.³⁶ O tema que abre este livro (a prisão, a perseguição, as rupturas afetivas repetidas)³⁷ serve-me de estrela do Pastor. É ela que dá a direção, o sentido que organiza a construção da minha memória. Primeiro flutuo um pouco, tentando uma imagem, uma sensação ou uma palavra, e de repente acho! Uma imagem surge e dá forma ao que eu esperava. Posso então detalhá-la, colocá-la em seu contexto e achar algumas palavras para comunicá-la. Nesse processo que acabo de detalhar, há uma forte intencionalidade da memória.³⁸ Quando sou obrigado

a me calar, quando já não tenho força nem desejo de me entender com você, posso ainda viver no presente ou sobreviver em uma existência imediata na qual nada tem sentido.

Em compensação, se tenho vontade de viver com você, de compartilhar as emoções provocadas por minhas lembranças, vou fazer o relato e o destinarei a você. Mais uma vez, há uma intencionalidade: a antecipação do meu passado vai organizar a futura exposição da minha memória.³⁹

Quando imagino um romance, um filme ou qualquer outra ficção, vou buscar no meu passado, em mim e em torno de mim, alguns acontecimentos pessoais ou relacionais que vou organizar a fim de dar a eles uma forma artística que confiarei a você. Se meu talento corresponde ao que você espera, passaremos juntos um momento agradável e edificante. Ao contrário, se eu juntar mal minhas lembranças ou se fizer delas uma representação que não lhe convém, você vai se entediar e eu ficarei decepcionado. Em todos os casos, nós seremos, você e eu, autores do prazer ou do tédio que o livro lhe dará.

Em toda obra de imaginação há um relato de si. Em toda autobiografia há um remanejamento imaginário. A quimera nomeada “Ficção” é irmã gêmea de “Relato de si”. Eu nunca menti, eu trabalhei, simplesmente dispus representações do passado que restou nas minhas lembranças a fim de fazer dele um ser vivo, uma representação compartilhável.

A beleza, a guerra e o sofrimento

Por muito tempo me perguntei por que sofrera menos durante a guerra do que durante a paz. Não perdi meu pai, pois eu tinha 2 anos quando ele se alistou, e, como minha mãe estava junto de mim, eu ainda não podia tomar consciência da falta dele. Quando minha mãe desapareceu, depois de me deixar na Assistência para que eu não fosse preso junto com ela, creio não ter sofrido, pois a minha vida mental se apagou. Não sofremos quando estamos em coma. Sofremos só se estamos vivos. Não sofri com a minha prisão, pois a vivi como um dia de festa, quando a vida retorna depois de longos meses de isolamento. Não sofri enquanto me apossavam, pois eu admirava os Justos que me cercavam e protegiam. Não sofri com os tapas que me deram sem ódio, do nada, *en passant*, pois só doem na hora.

Quando a paz voltou e eu encontrei os sobreviventes da minha família, sofri com as decisões dos juízes que me colocavam alternadamente na casa de Margot, em Bordeaux, e na casa de Dora, em Paris. Cada vez que eu tomava o trem, sozinho ou entregue a um viajante anônimo, sofria com o corte de um elo que começava a se tecer. Cada vez que me via, por algumas semanas ou alguns meses, em uma instituição onde os adultos não dirigiam a palavra às crianças, eu me sentia abandonado. Não estava sozinho, pois junto comigo havia outras crianças para preencher o vazio, mas mesmo assim me sentia abandonado, já que, pela primeira vez na vida, me propunham um elo que a sociedade cortava.

Dos 7 aos 9 anos, sofri bastante a perda que não sentira durante a guerra. Aturdido, a cada aflição eu descobria um surpreendente prazer: eu contava a mim mesmo minha história!

Antes da idade de 7 anos, eu não tinha possibilidade de fazer um relato de mim. Pequeno demais, eu me desenvolvia como podia, ao sabor das pessoas que me cercavam. Como não tinha representação do tempo, não podia construir uma história.

Depois dos 7 anos, em plena ruína afetiva, descobria o surpreendente prazer de me contar o que não podia dizer. Assim que ficava sozinho, assim que sentia uma aflição, eu me contava a glória do meu pai soldado, a beleza da minha mãe corajosa, o heroísmo do pequeno Boris preso e evadido, a nobreza dos Bondosos que hoje chamam de “Justos”, a vitória militar de meu colega tenente Pierre Saint-Picq libertando Bègles, e a batalha de Castillon de que eu corajosamente participara tocando os sinos da igreja

de Saint-Magne. Que prazer contar a mim mesmo a epopeia que eu conhecia melhor do que ninguém! Que desespero não ser um verdadeiro ser humano!

No meu mundo interior, eu projetava o filme do meu passado, surpreendia-me, revisava-o, ajustava-o, e quanto mais o repetia mais o deformava, esquematizando-o. Tinha necessidade dessa cripta secreta e luminosa, desse sepulcro subterrâneo onde eu me refugiava durante os momentos difíceis. Quando as lembranças tristes invadiam minha alma, o relato que eu me fazia dava alívio: contando a mim minha tristeza, projetando para mim o roteiro da causa do meu desespero, sentia o prazer que se sente no cinema ao chorar com o herói. O desvio pelo espetáculo interior, no qual eu me via sofrendo e triunfando sobre a desgraça, atenuava meu sofrimento. Buscando as palavras, acomodando as imagens, compondo roteiros, eu acabava experimentando um sentimento de beleza. Vocês se dão conta? Eu transformava em beleza a guerra e o desgosto!

A impossibilidade de testemunhar sujeitava-me à cripta.⁴⁰ Eu não era suficientemente forte para falar daquilo tranquilamente. Pode-se falar calmamente dessas coisas? A frieza administrativa na qual me precipitaram provocava minha hostilidade. Tinha raiva dos relatórios nos quais eu devia expor minha situação familiar. Quando eu deixava as lembranças invadirem minha alma, sentia o peso do começo da tristeza. Contudo, quando as reacomodava para me oferecer um espetáculo interior, quando as arrumava para imaginar minha quimera íntima, eu me sentia feliz. O que provocava meu bem-estar não era a infelicidade passada, era a representação da infelicidade dominada.

Nem todos os feridos da alma reagiram da mesma maneira. Alguns permaneceram em agonia psíquica, prisioneiros do passado, submetidos às imagens repetidas dentro deles. Outros se defenderam pelo ódio, como se a raiva pudesse protegê-los da depressão. Sentimo-nos menos mal quando agredimos aqueles a quem atribuímos a causa de nossas desgraças.

“Eu gostava muito da cultura alemã”, dizia-me Frédéric. “Recitávamos as poesias, comentávamos os filósofos, visitávamos as cidadezinhas. Nas orquestras familiares, só tocávamos música ídiche e alemã. Todos os homens da minha família combateram no exército deste país durante a Primeira Guerra Mundial. Quando um primo nos falou do crescimento do antissemitismo, nós o xingamos, não quisemos acreditar. Depois da Noite de Cristal,⁴¹ fugimos para a França, onde, anos depois, o exército alemão nos perseguiu e destruiu grande parte da minha família. Cinquenta anos depois, não suporto a ideia de ver desfilar jovens soldados alemães nos Champs-Élysées. Não passa pela minha cabeça comprar um único produto alemão. Aliás, esqueci a língua.”

Outros adultos, acometidos pela fúria de testemunhar, quiseram simplesmente descrever a série inacreditável de proibições e maus-tratos. Quase ninguém leu a litania de leis que proibiam aos judeus serem humanos.

Uma informação que se repete termina não sendo uma informação. O amontoado de cadáveres impede a tomada de consciência de que se trata de corpos humanos. Ao ver a prótese de uma amiga, é que Charlotte Delbo compreende que é o corpo dela que está na pilha.⁴²

Escrever para testemunhar

Escrever para testemunhar não é uma receita. Quando a escrita faz voltar a angústia do passado, desperta a memória do horror. “A escrita me fazia mergulhar de novo na morte, submergir nela. Eu sufocava no ar irrespirável dos meus rascunhos.”⁴³ O tempo da negação é necessário.

Quando o relato ajuda a dominar um acontecimento vivido com estupor, o ferido delega seu trauma a um porta-voz: “Eu vivi os acontecimentos, eu, eu, eu, entretanto precisava [...] transformar o ‘eu’ em

‘ele’. Sentia-me dividido, pouco à vontade, estrangeiro [...], sabia que, se não escrevesse na terceira pessoa, não escreveria coisa nenhuma.”⁴⁴

Como de hábito, a expressão de si depende de uma transação entre o que é o sujeito e o que é seu entorno. Algumas pessoas traumatizadas que, durante a infância, adquiriram uma força do ego e que, após o trauma, foram apoiadas sentiram-se suficientemente tranquilas para testemunhar sem floreios e simplesmente acusar.

Outras, menos fortalecidas e não acompanhadas depois do tumulto, permaneceram prisioneiras de seu passado. A maioria precisou negar, evitar a evocação do passado, antes de conseguir ter força para dizer: “ele” é o herói do meu romance, o porta-voz do “eu” a quem tudo aconteceu.

As crianças que precisaram se esconder para não serem mortas foram obrigadas a “criptografar”,⁴⁵ como dizia Georges Perec, meu irmão de alma. Demasiado pequenas para serem fortes, cercadas de relatos coletivos em que ouviam sua condenação à morte, pouco tranquilizadas por pessoas que, para salvá-las, as isolavam e lhes pediam que não dissessem o próprio nome, adaptaram-se à estranha transação “compondo uma cripta absolutamente privada, invisível para a imensa maioria dos leitores”.⁴⁶

O romance seria para elas uma forma suportável de testemunho, uma acusação cifrada, uma confissão enigmática? Quando Perec escreve *W ou le Souvenir d'enfance*,⁴⁷ faz uma narração de si na terceira pessoa e uma acusação ao nazismo, descrito por ele nesses Jogos Olímpicos idiotas em que o último é morto por ser o último. E é para “eles, meus pais desaparecidos”, que escreve *La Disparition*, no qual a vogal “e” desaparece.

Ao final de seu livro-testemunho criptografado, Perec escreve que “Lans [Villard-de-Lans] é um lugar de penosa lembrança. Ali ele descobriu ao mesmo tempo sua judeidade, a violência ligada à judeidade e a culpa ligada à judeidade”.⁴⁸

Foi nesse vilarejo que também eu descobri minha judeidade, sua violência e sua culpa, que convidam tão fortemente à aventura intelectual e ao engajamento social.

Eu gostaria muito que essas tomadas de consciência, comuns a Perec e a mim, tivessem ocorrido no Gai Logis, sombria pensão atrás da igreja onde a simples designação pelo nome “judeu” me obrigara a ficar de pé, atrás das outras crianças ajoelhadas, autorizadas a rezar. Não poderei compartilhar a lembrança com Perec, pois fico sabendo que ele morava “numa pousada [...] subindo à esquerda, logo depois da praça [...], numa rua estreita”. Éramos vizinhos, o Igloo “não é longe da igreja. Foi lá que Georges Perec, no outono de 1941, foi morar com sua tia Esther”.⁴⁹

Durante a guerra, corri perigo por uma palavra que designava não sei quê. Depois da guerra, a mesma palavra, pronunciada quando minha tia sobrevivente me encontrou, excluiu-me outra vez do grupo. O que a palavra queria dizer? O que designava? A própria existência era criptografada.

A palavra “judeu”, pronunciada em um meio judeu, teria provocado um delicioso sentimento de pertencimento. A mesma palavra, pronunciada em um meio não judeu, provocava um sentimento de exclusão (eu não era como os outros), com uma ponta de estranho orgulho (eu não era como os outros). Privado de minha família e de minhas origens, o trauma tornava minha identidade secreta. Privado de raízes, sentia o prazer que se sente ao viajar por um país desconhecido. Sentindo-me estrangeiro, tudo se tornava surpreendente. Meteco viajante, estranhamente na própria casa, eu não podia ter nascido em outro lugar senão Bordeaux, ser impregnado por outra cultura senão a da França, não ter sido expulso do país da minha infância senão pelos gestapistas, pelos nazistas e “pelos vizinhos propensos a me denunciar”. Meu olhar exterior fazia de mim um visitante em meu próprio país, um marginal apaixonado pelo mundo dos outros.

Durante a guerra, tinha sido obrigado ao segredo para não morrer. Depois da guerra, a “criptografia” forçada permitia que eu me adaptasse às reações mórbidas das pessoas normais. Eu me calava porque

ninguém podia ouvir o que eu tinha para dizer. As reações das pessoas me cortavam a palavra. Às vezes, a coisa me escapava como uma tagarelice banal: “Eu fui preso... libertei Castillon tocando os sinos... entreguei flores ao general De Gaulle...” De que esse menino está falando?

Como querem que meu testemunho dê impressão de coerência? Os adultos integravam minhas tentativas de palavras na banalidade de seu cotidiano e diziam: “Pare de se queixar, nós também não tínhamos manteiga.” A interpretação dos ouvintes, o rebaixamento dos fatos evocados descoloria meu testemunho. Distância demais para percorrer... Palavras demais para pronunciar... Provas demais para dar... Melhor não dizer nada, é mais fácil.

Relatos desarmonizados

Primeiro precisei calar-me para não morrer, depois me calei para ficar tranquilo.⁵⁰ Quando sucedeu eu ser ouvido, não foi melhor. “Coitadinho”, diziam os adultos, e a piedade deles me esmagava. Às vezes, as perguntas excessivamente precisas sobre minha evasão me faziam compreender que o ouvinte duvidava e tentava me pegar. Uma vizinha, muito gentil, pediu que eu lhe contasse como tinha sido violado pelos pedófilos: “Uma criança sozinha, pense bem!” O verdureiro da rue Ordener disse a uma cliente: “Peça a este menino que conte como os alemães eram malvados.” O homem me pedia que relatasse um horror para divertir a cliente. Uma moça me fulminou: “Eu, no seu lugar, teria morrido com minha família.” Ela estava indignada, acusava-me de ter sobrevivido, de ter abandonado os meus! Durante uma das minhas idas e voltas de trem entre Paris e Bordeaux, Dora pediu a um padre sentado do meu lado que cuidasse de mim. Durante o trajeto, eu disse a ele duas ou três palavras sobre minha história, e ele me explicou: “Para ser punido dessa maneira tão terrível, seus pais devem ter cometido faltas enormes.”

Mais vale calar-se.

As interpretações dos outros me faziam compreender que eu não era como os outros. Eu devia calar-me para parecer normal, mas calando-me não me sentia normal.

Por ter triunfado sobre a morte, eu era iniciado. Mas minha vitória devia permanecer muda para que eu pudesse permanecer no mundo com os outros. Então prometi a mim mesmo que um dia eu contaria. Mas era preciso que, antes, fosse capaz de falar. Muito cedo acreditei que a psiquiatria legitimaria minha palavra, explicando a loucura das sociedades. Levei muito tempo para compreender que, antes de me arriscar a falar, era preciso tornar os outros capazes de ouvir: “Uma vez que vi o rosto da morte, que os outros não tiveram a oportunidade de ver, um dia lhes direi como ela é.”⁵¹

Eu não tinha ódio dos alemães, pois já entendera que o que os tornara cruéis não fora a malvadez, mas sua submissão a uma teoria absurda: “Enquanto uma instituição se apoia em instintos fortes, ela não admite inimigos nem hereges: massacra-os, queima-os ou encerra-os. Fogueiras, cadafalsos, prisões! Não foi a malvadez que os inventou, foi a convicção, qualquer convicção total.”⁵² Cioran sabe do que está falando, pois conheceu o prazer de se submeter a um fanatismo absurdo, na época em que saudava Hitler recitando *slogans* antissemitas. Depois, assustado com a felicidade aterradora, evoluiu para uma liberdade anárquica talentosa na qual seu autocinismo se tornou uma forma de humor.

Calar-se é fazer-se cúmplice dos assassinos, mas falar é denunciar a própria intimidade, “desnudarse”, como às vezes se diz. Pode-se “morrer de dizer”,⁵³ explica-nos Rachel Rosenblum. Não dizer é uma mentira, e dizer é um sofrimento. Por isso falava-se do passado tão mal na minha família recomposta.

Eu sentia o sofrimento de Dora quando, em uma curta frase, ela mencionava Rose ou Nadia, minha mãe, suas duas irmãs desaparecidas em Auschwitz. Sua agonia era maior quando murmurava: “Jeannette

desapareceu totalmente, tinha 15 anos.” Eu entendia, naquele “totalmente”, que ela sequer desaparecera em Auschwitz. Nada para ser representado.

Nada.

Dora contava sua guerra com uma única passagem cem vezes repetida: ela trocara comida por alguns cigarros.

Sabia-se que Jacquot entrara para a Resistência aos 18 anos, e que participara de várias ações gloriosas. Ele falava dos outros, “seus companheiros de Resistência”, que ele via regularmente durante manifestações comunistas e reuniões de célula, mas nada se sabia do que ele tinha feito. Quarenta anos depois, uma de minhas pacientes, também resistente aos 15 anos de idade, temendo que eu não acreditasse nela, me trouxe um livro grosso no qual estavam consignados os nomes dos resistentes reconhecidos e suas ações mais marcantes. Eu li então que, com a idade de 20 anos, à frente de um batalhão, Jacquot participara da insurreição de Villeurbanne.

Sobre Émile, nem uma palavra, nem sequer uma alusão. No meu espírito de criança, eu pensava, como ele não era judeu, que não tinha nada para contar.

Eis como se compunha meu nicho verbal depois da guerra, em 1947. Margot e sua família permaneciam na minha memória, mas se afastavam no cotidiano por causa do conflito com Dora. Achei há alguns meses um documento no qual Margot, desejando me adotar, explicava ao juiz que não era possível confiar uma criança a uma dançarina solteira. Dora ressentiu-se dela, foi nomeada tutora e designou Émile como tutor sub-rogado. Fiquei contente por não ter sido adotado, isso me permitia permanecer fiel a meus pais. Com esse julgamento, eu me tornava a fonte da união oficial de Dora e Émile. Momento de grande felicidade!

Dora, na Polônia, fora à escola. Mas em Paris, com 14 anos, precisara ajudar os pais. Em seguida, a guerra impedira os estudos. Ela me dizia às vezes “Margot é uma intelectual”, o que não era bom sinal. Na presença de Émile, ela se calava: imagine, um diretor de laboratório! Com os amigos dançarinos ela ria e falava, mas com os colegas de Émile ela se mantinha afastada.

Assim que Jacquot chegava à rue Ordener, do outro lado da butte Montmartre para onde nos mudáramos, a alegria, o calor e os discursos políticos entravam com ele. Émile falava de seu laboratório na LMT, perto dos Invalides. Explicava seus trabalhos sobre centrais telefônicas e sobre os oscilógrafos catódicos que preparavam a televisão. Eu ouvia muito falar de Svoboda, um emigrado tcheco que, se eu entendia bem, trabalhava como porteiro no laboratório para pagar o curso de engenharia. Émile falava dele com estima, ajudava-o a preparar-se para o concurso, mas nunca o convidava para vir a casa. Eu me encantava com os enigmas científicos, com as fotos de esquí, de rúgbi, e com os relatos das viagens que ele fazia para dar conferências nos Estados Unidos e no Brasil. Era assim que se devia viver, sendo alegre como Dora, comunista como Jacquot e cientista como Émile.

Os colegas de Jacquot, antigos resistentes, me pareciam pouco mais velhos do que os garotos grandes que, no ginásio, se preparavam para o *bac** ou para as grandes escolas. Esses “antigos” combatentes me levavam a reuniões do Partido Comunista, comentavam para mim os artigos de *L’Humanité* e me apresentavam, como quem apresenta um herói, Henri Martin, que apertava as mãos olhando para outro lugar. Este marinheiro, mandado para a guerra do Vietnã embora militasse contra o colonialismo, tornou-se um ídolo para os comunistas. O militar corria grande risco por ter escrito: “Nosso sangue não está à venda [...], marinheiros de Toulon, não nos engajamos para ir morrer na Indochina em proveito dos banqueiros franceses.”⁵⁴

Eu não tinha consciência do não dito do pós-guerra, pois o que define a negação é justamente não dizer, escamotear, relativizar a fim de orientar a consciência para acontecimentos mais agradáveis de compartilhar. Devíamos, para recomeçar a viver, evitar o passado e projetar o futuro. Para não sofrer a

sorte da senhora Lot, era preciso sobretudo não olhar para trás, para as ruínas do passado, onde ainda flamejavam alguns problemas não resolvidos.

O contexto relacional ilustra o que a criança põe na memória. Mas, para fazer uma história, é preciso harmonia entre os relatos de si e os relatos do entorno, uma “coerência narrativa”.⁵⁵ “Pertencer a uma cultura é [...] realizá-la, aceitá-la ou perceber seus objetivos através dos aspectos sociais que propõem um ordenamento.”⁵⁶ Quando o entorno não está pronto para ouvir você, ou quando os relatos do entorno contam uma coisa diferente do que você viveu, é difícil e até perigoso testemunhar.⁵⁷ Dizer é ser excluído. Calar-se é aceitar a amputação de uma parte da própria alma.

Eu tinha 10 anos quando fiquei sabendo que Pôncio Pilatos lavara as mãos. Nesse dia, descobri também que eu pertencia ao povo que matara Cristo. De imediato, o argumento me pareceu discutível: uma vez que tinham me dito que Deus era todo-poderoso, era ele, portanto, que ordenara aos judeus matarem seu filho. Ele não era tão bom assim. Ou então se devia admitir que os judeus eram mais poderosos do que ele! O olhar dos outros acabara de me fundar judeu. Eu ainda não sabia o que a palavra designava, mas tinha compreendido que na minha origem havia um enigma trágico e apaixonante, suficiente para tornar megalômano qualquer menino!

Ainda hoje fico chocado com a incapacidade de limitarmos nosso pensamento. Mal descobrimos um fato, já o generalizamos até o absurdo. Nosso desejo de descobrir as leis gerais que regerão nossas condutas nos leva a inventar fábulas às quais nos submetemos.

* Canção humorística em voga nos anos 1930, acabou por se tornar expressão proverbial para designar a atitude de cegueira diante de uma situação desesperada. (N. da T.)

* Sorvete de creme coberto de chocolate. (N. da T.)

CAPÍTULO 4

A MARCA DOS OUTROS

No dia do assassinato do presidente Kennedy, eu estava em Montpellier, na casa do tio da minha mulher. Quando o rádio anunciou a abismante notícia, eu estava de pé na sala, entre o pesado armário normando e uma toalhinha em cima da mesa. A toalhinha era de renda e ficava por baixo de um vaso. Vejam como é uma lembrança. Eu já não ouço a voz no rádio, mas sei que ela anunciou o assassinato do presidente. Em compensação, vejo a imagem da toalhinha sob um vaso, mas já não vejo o vaso, lembro-me também do volume escuro do armário. Um fato chocante pode, portanto, ter um efeito de contágio emocional: percebi a toalhinha e a pus na memória a fim de contextualizar a informação sonora de um acontecimento excepcional.

Relato do trauma e contexto cultural

Algum tempo depois do assassinato, as rádios, os jornais e os rumores repetiam, como slogans cotidianos, que os moradores de Dallas tinham vigiado mal o trajeto do presidente Kennedy. Eram portanto responsáveis pela tragédia. Depois de protestarem, eles constataram que aquela pressão acusatória provocara uma surpreendente solidariedade. Nos três anos que se seguiram à morte de Kennedy, a cidade conheceu uma surpreendente expansão.¹ Limparam-se as ruas, construíram-se prédios com aparência caprichada, e sobretudo a fraternidade dos habitantes foi claramente reforçada. Generosos doadores financiaram associações que cuidavam dos pobres e atividades culturais. A ajuda mútua coletiva era provavelmente resultado de um mecanismo de proteção diante de um estresse cultural, uma vez que, ao mesmo tempo, os arquivos mostravam um aumento dos infartos e dos suicídios. Diante da agressão, cada um protegendo o outro dinamizava a cidade. O efeito de tranquilização estimulante cessou após o assassinato de Martin Luther King. Foi então a cidade de Memphis que se beneficiou do mesmo fenômeno!

Seja coletiva ou individual, a memória é intencional: ela vai buscar no passado os fatos que dão forma ao que se experimenta no presente. Quando, em um grupo, se compartilha um mesmo relato, cada um é tranquilizado pela presença do outro. Contar a mesma história, acreditar nas mesmas representações, cria um sentimento de grande familiaridade. É por isso que os relatos compartilhados, os mitos relatados, as preces recitadas lado a lado são excelentes tranquilizantes culturais.

O trauma coletivo solidariza os membros do grupo que se reúnem para enfrentar o agressor, ao passo que o trauma individual dessolidariza ao ensejar relatos impossíveis de compartilhar. O destino do trauma difere, portanto, segundo o contexto verbal: “Um acontecimento

traumático coletivo é inevitavelmente intermediado, filtrado pelo grupo, pela família, pela cultura e pela sociedade, diferentemente de uma agressão individual, que tende a isolar o indivíduo em seu sofrimento.”² Depois de um drama coletivo, constatam-se frequentemente um elã de solidariedade e a tecedura de elos afetivos entre as vítimas. Porém, “quando o trauma é individual, o relato coletivo impede até a elaboração individual”.³

Schaul Harel teve uma infância comparável à minha. Nascido na Bélgica, órfão da Segunda Guerra Mundial, foi recolhido por uma instituição belga que, na Libertação, o enviou para Israel. Quando a criança conta aos colegas de escola ou aos companheiros do exército o que lhe aconteceu, é apelidada de *soap* (sabão), em referência ao rumor de que os nazistas faziam sabão com a gordura dos deportados. Schaul, obrigado a se calar para não ser desprezado pelos amigos, estuda raivosamente medicina e se torna professor de neuropediatria em Tel Aviv.

Os jovens judeus nascidos na Palestina antes de 1948 ou em Israel depois da Guerra de Independência⁴ tinham orgulho de suas vitórias militares. Primeiro tinham combatido os exércitos árabes pró-nazistas⁵ organizados sob as ordens de Rommel desde 1941 e derrotados em Bir-Hakeim em 1942. Depois tinham conquistado territórios em 1949, quando os exércitos árabes invadiram o Estado de Israel acabado de nascer, em 1948. Os orgulhosos sabras ouviram estereótipos que diziam que os judeus europeus se deixaram levar para o abatedouro como carneiros. Ignorando seus combates, eles os desprezavam.

Foi só ao final do ano de 1961 que o processo Eichmann, “pela primeira vez, chamou a atenção da opinião pública internacional para a *Shoah*”.⁶ O processo, que tornou público o assassinato de quase 6 milhões de pessoas graças a uma perfeita administração e a uma indústria eficiente, mudou a opinião israelense. Os companheiros de Schaul passaram a achar que a “ascensão” de Israel fazia daqueles carneiros soldados vitoriosos: “Mitologia tranquilizadora... insuflavam-nos ao heroísmo.”⁷

Meu amigo Henri Parens, expulso da Bélgica pela administração militar, é encerrado junto com a mãe no “centro de reagrupamento familiar” de Rivesaltes, perto de Perpignan. Tem 11 anos de idade quando consegue fugir. Pega o trem que passa por Marselha e o leva a Saint-Raphael, onde a mãe lhe deu o endereço de uma casa da OSE,* que o envia para os Estados Unidos. A família que o acolhe calorosamente indica-lhe o endereço da sinagoga, no caso de ele querer ir até lá.⁸ Excelente músico, paga o próprio curso de medicina e torna-se professor de psiquiatria na Filadélfia. A cripta de Henri mal chegou a existir, pois o novo contexto familiar e cultural lhe permitiu tomar a palavra.

Para Schaul, a cripta durou alguns anos, quando o chamavam de “sabão” para indicar que ele pertencia ao grupo dos vencidos. Mas, assim que a cultura israelense mudou, assim que Schaul foi cercado por relatos coletivos que explicavam a necessidade de se solidarizar para enfrentar os países árabes, os estudantes, os soldados e a mídia lhe devolveram a palavra.

No meu contexto familiar do pós-guerra, todo mundo estava ferido. A menor alusão à perseguição fazia mudar o curso das discussões. Na cultura que me cercava, só se escutavam relatos de resistência, de coragem e de desenvoltura. Nenhuma queixa. Falar do que me acontecera teria me ajudado a compreender, a tornar coerente aquele real louco, a não me

sentir mais um monstro, expulso da condição humana. Calar os anos de morte e rupturas repetidas era “ver-se sozinho, submetido ao acontecimento”.⁹

A história se esclarece à luz do presente

O que me espanta, hoje que me convidam para contar, é a dificuldade que meus ouvintes têm de seguir minhas exposições:

- Então Margot se casou com um colaborador?
- Não, não, ao contrário, ela se casou com um resistente.
- Foi Margot que educou você?
- Não, foi Dora.
- Você fugiu de Auschwitz com 5 anos?
- Não, eu estava em Bordeaux com 6 anos e meio.

Até meus cordiais amigos se perdem no encadeamento dos acontecimentos e no papel dos adultos. Confundem os salvadores com os agressores, os lugares e as datas. O real da guerra é tão incoerente que compõe para eles uma representação confusa.

Levei muito tempo para ser claro. Eu me enganava com as datas e os lugares. Achava que Ponderat era perto de Avignon. Acreditava ter sido preso com 2 anos e meio, mas um dia, vendo minha filha da mesma idade chorar chamando a mãe, compreendi que era impossível. Só ao ver um arquivo que Michel Slitinsky¹⁰ me enviou, pude calcular que, durante a prisão em massa de 10 de janeiro de 1944, eu tinha 6 anos e meio. Precisei ler documentos e escutar relatos exteriores ao meu para me tornar capaz de dar coerência à representação do meu passado.

A história se esclarece à luz do presente, e o próprio presente é estruturado por seu contexto. Os relatos do entorno constituem um conjunto de crenças, de lembranças e de comportamentos que podem evoluir segundo os encontros. A chave do passado é o presente. E o que estrutura o presente é nossa relação.¹¹

Uma guerra é uma guerra, vocês me dirão. Eu responderei que é seu significado o que atribui conotação afetiva às lembranças. Os soldados israelenses mortos durante a Guerra dos Seis Dias¹² foram sacrificados por suas famílias e pela cultura do país porque sua morte significava: “Graças a você, nós afastamos a invasão dos exércitos árabes que queriam a destruição de Israel. Você morreu para nós vivermos.”

Essa “heroicização” não foi possível durante a Guerra do Líbano em 1982, e menos ainda durante os bombardeios que se seguiram. A morte dos soldados provocou um luto doloroso e não um êxtase místico: “Suas mortes são estúpidas, não há sentido morrer assim, deveríamos ter negociado.” Em tal contexto, a morte dos jovens já não é um ato heroico, é um acidente desolador.

“Os filhos de sobreviventes nascidos na América do Norte, do Sul ou em Israel, ou seja, longe dos locais estigmatizados pela *Shoah*, nunca tiveram de enfrentar as mesmas crises de identidade [...]. Os jovens franceses parecem bem mais perturbados do que os jovens

americanos cujos pais não passaram por situações que os obrigaram a dissimular a origem judaica.”¹³

As crianças que cresceram nos Estados Unidos, na Inglaterra ou na América do Sul ouviram problemas “bons de pensar”, ao passo que os pequenos franceses ouviram o silêncio, a palavra retida, que elas interpretavam como uma “proibição de pensar”.¹⁴ A conotação afetiva da *Shoah* dependia dos relatos do entorno: terrível e glorificada nos Estados Unidos, o mesmo vozerio tornava-se opressor e vergonhoso na França.

Ninguém falava daquilo. Mesmo os psicanalistas, habituados porém a ouvir relatos de exceção, não propunham nenhuma reflexão sobre o tema, como se seus analisandos nunca tivessem falado ou como se os psicanalistas nunca os tivessem ouvido. Os mudos falavam aos surdos, mesmo no divã.

Por sorte, eu tinha à minha disposição um *patchwork* de identificação. Estava cercado de figuras de afeição que compunham um trabalho de costura com cores e tecidos diferentes. Cada um me oferecia um pedaço de modelo. Dora me trazia uma pontinha de família: era a irmã da minha mãe, sabia coisas; um dia me contaria. Jacquot tinha sido herói da Resistência. No meu espírito, ele era próximo do meu pai, ferido em Soissons, na Legião Estrangeira. Émile representava o futuro: “Quando eu crescer, vou ser cientista, jogador de rúgbi e viajante.”

Eu gostava de Dora por sua proximidade afetiva e sua alegria, apesar das explosões cada vez mais frequentes. Gostava de Émile pelo que representavam sua imagem e sua aventura. O substituto familiar funcionava bem.

O jazz e a Resistência

Nós agora morávamos na rue Ordener. Ele morava conosco? Estava frequentemente lá, na ponta da mesa. Estava frequentemente lá? Não tínhamos atividades familiares fora de casa, não saíamos ou tirávamos férias, nem cinemas, nem trabalho, nem amigos, nem famílias em comum. Nessa época, entre 10 e 12 anos, eu não me dava conta, de tão ávido que era da afeição que eles me davam.

Conheci Émile assim que Dora me recolheu depois da Libertação, por volta de 1946. Nessa época, ele morava em Lyon, na rue Jacquard, em um apartamento sem móveis em cima do pequeno laboratório que ele dirigia. Eu ouvia dizer: “Tão jovem e já diretor de pesquisa! Entrou na Central tão cedo!” Não sabia o que isso significava, mas, como eu percebia admiração nessas frases, ficava feliz.

Frequentemente, Émile punha para tocar numa vitrola um grande disco de jazz que se chamava *Ragtime*. Então gostei de jazz. Uma noite, nós fomos dançar na place Bellecour. Dançava-se muito na rua depois da guerra, nas praças das cidades ou fechando as ruas com mesas e cadeiras. Fazia-se um círculo em volta dos dançarinos e de alguns músicos, e eles eram encorajados com batidas de mãos. Era um grande momento.

Quando as mulheres rodavam, seus vestidos voavam; quase todas usavam um chapéu pequenininho que chamavam de *bibi*. Émile também dançava muito bem. Seus gestos eram flexíveis e rápidos, como convém ao jazz, mas sobretudo fazia exhibições com as mãos: apontava o indicador para o céu e batia o ritmo. Todo mundo aplaudia. Eu ficava maravilhado.

O jazz durante a guerra adquirira um significado de resistência, ele desdenhava das ordens da prefeitura. Já que os judeus tinham a obrigação de costurar no peito uma estrela amarela que os designava à população e à polícia, algumas pessoas não judias decidiram também usá-las. Porém, em vez de colocar a palavra “judeu” dentro dela, escreviam “papua”, “budista”, “auvério” ou “*swing*”. A maior parte dos jovens não sabia que aquela palavra condenava à morte. Eles simplesmente brincavam com a proibição: “Domingo que vem, vamos nos divertir bastante, mesmo os não judeus entre nós usarão (*sic*) a estrela.”¹⁵ Algumas pessoas revoltadas com as medidas antijudaicas usavam a estrela de Davi, como um cartaz durante uma manifestação. Não era raro cristãos se inclinarem ou tirarem o chapéu para saudar uma família judia que passeava com dignidade excessiva.

Os “*swingers*” eram os mais numerosos, a ponto de o simples fato de se vestir de *zazou**, com paletós compridos e sapatos bicolores, tornar-se uma manifestação de simpatia pelos judeus, o que provocava a intervenção da polícia: “Passei a noite nos porões da delegacia de polícia, numa cela com grades, como um criminoso”, testemunha Michel Reyssat, “condenado por ‘porte ilegal de estrela amarela’.”¹⁶

“Uma França *swing* em uma Europa *zazou*”: essa frase, para mim, valia como um ato de resistência. Então, na place Bellecour, quando eu via Émile dançando *swing* com o indicador no ar, pode-se bem imaginar que eu sentia por ele a admiração merecida pelos heróis.

Eu me pergunto por que todas as ditaduras consideram a arte e a psicologia atividades suspeitas. Minha amiga Élide Romano, psicóloga em Buenos Aires, e seu marido, diretor do Opéra, contam que a polícia baixava frequentemente nos consultórios para confiscar agendas de consultas a fim de descobrir pacientes considerados cúmplices. Ela teve de fugir com o marido músico, este necessariamente revolucionário.

Na Romênia, “verificações nas escolas e até verdadeiras batidas policiais eram organizadas para identificar os rapazes que usavam cabelo muito comprido ou as moças que usavam saia muito curta”.¹⁷

A primeira vez que fui a Bucareste, fiquei encantado com a acolhida afetuosa dada pelos romenos aos franceses. Nas livrarias, nas escolas, lia-se muito Émile Zola, André Gide e André Stil porque, diziam, descreviam a decomposição da sociedade capitalista.

Fazia-se fila para ir ao teatro ver excelentes peças. Antes das três pancadas do contrarregra, que anunciavam o começo da peça, dois rapazes e uma moça entraram no palco suinando uma música de jazz. Aquilo me lembrou momentos felizes. Alguns espectadores começaram a estalar os dedos e a marcar o ritmo balançando a cabeça. Os três jovens então ficaram de costas ao mesmo tempo, e cada um levava nas costas um cartaz onde se podia ler: “Eu... sou... um asno.” A sala caiu na gargalhada. Todos os normais, submetidos à ditadura, aplaudiram,

humilhando os que começavam a marcar a cadência da música. Quando se suingava na Romênia, o conformismo compactuava com a ditadura.

A afeição ou a ideologia

Às vezes, Dora, com pequenas frases, me contava duas ou três coisas sobre a guerra. Um dia, em Lyon, onde ela morava com Émile, ela estava esperando por Jacquot, já engajado nas FTP. As batidas na porta não eram as de seu irmão. Émile abriu e viu-se diante de dois agentes da Gestapo, que entraram empurrando-o: “Viemos prender a judia Dora Smulewicz.”¹⁸ Émile levou-os para longe de Dora, cochichou coisas certamente importantes. Os agentes o repreenderam, dizendo que não era certo proteger uma judia. Émile pediu a eles que esperassem dois minutos, subiu pelas escadas por onde Jacquot chegara para o encontro e fez-lhe sinal para que fugisse. Émile tinha portanto salvado Dora e Jacquot, mas eu pressenti uma espécie de sombra.

Eu acabara de voltar do ginásio quando Dora me disse aquelas duas ou três frases. Émile frequentemente estava lá, mas não consigo me lembrar se morava conosco. Lembro-me, isto sim, de que, ao final daquele ano feliz, Dora me anunciou que eles estavam separando-se...

Um imenso torpor tomou conta de mim. Dora me disse que eu poderia continuar a vê-lo, pois ele acabara de comprar um estúdio na rue Vanneau, perto do laboratório dele. Eu ia até lá de quando em quando, mas já não tínhamos muita coisa para nos dizer. Temia fazê-lo sofrer falando do novo relacionamento de Dora, um homem basicamente simpático, um comerciante que só falava de esporte, de bicicleta principalmente. Eu me calei como de hábito.

Émile trabalhava cada vez mais. Levantava-se tarde, deixava cair água quente da torneira dentro de uma xícara com café instantâneo, ia para o laboratório por volta das 10 horas, trabalhava sem interrupção até as 10 horas da noite, depois ia até um pequeno restaurante onde pedia um único prato antes da hora de fechar. O que mais posso dizer?

O vínculo afrouxara-se, mas no imaginário continuava presente. Nos meus relatos mudos, eu continuava a contar para ele os acontecimentos marcantes da minha nova vida, mas ele não sabia de nada porque eu me calava.

Eu ligava para ele de quando em quando. Um dia, a secretária recusou-se a transferir minha ligação. Depois de várias tentativas, ela terminou por me dizer que ele estava hospitalizado no Pitié, na neurocirurgia. Na época, eu estava no segundo ano de medicina. Ia vê-lo todas as manhãs. Estava afásico e falava cada vez menos, mas, quando conseguiu gaguejar para uma enfermeira “Sou tutor dele”, Émile me deu seu último presente.

Uma manhã, quando cheguei, o leito estava vazio, o cobertor virado. Ninguém me avisou, eu não era da família.

A cerimônia aconteceu na igreja de Saint-Philippe-du-Roule. Junto do caixão estavam pessoas que eu não conhecia, sua família provavelmente. Havia também um homem de bela aparência com um adolescente louro que chorava. Compreendi que se tratava de Svoboda, o

engenheiro tcheco, e o adolescente que chorava era o afilhado de Émile. Permaneci na entrada da igreja. Não nos falamos.

Fui embora. Sozinho. Foi algumas semanas antes do exame de segundo ano de medicina. Não tinha comparecido mais às aulas desde que passara a visitar Émile todas as manhãs, na sala Berger, de neurocirurgia. Eu me sentava junto da cama, ele afásico e eu mudo. Dava muita importância àquele adeus, eu que não dissera “adeus” aos meus pais. Já não ia à faculdade, já não abria um livro, consegui ser reprovado no exame de final de ano. Não teria suportado ser feliz depois da sua morte.

Anos depois, fui nomeado interno naquele mesmo serviço de neurocirurgia. No momento da distribuição dos leitos de que nos encarregaríamos, um jovem externo recusou-se a ir para a sala Berger porque seu pai morreria lá. Eu aceitei encarregar-me daquela sala pensando que seria uma maneira de ainda visitar Émile. O fato é menos importante do que o que evoca na memória: para o jovem externo era a perda do pai, para mim era um último adeus que eu não podia deixar de dar.

Há alguns anos, quando Dora passou dos 90 anos, finalmente contamos um ao outro nossas infâncias. Gostei de que ela me descrevesse os rios gelados da Polônia, a festa no vilarejo, o perigo do degelo, a rivalidade afetuosa entre as irmãs e as aulas de hebraico que a aborreciam. Gostei de que ela me contasse como tio Stern, como ela dizia, explicava que a França era o país da felicidade. Gostei de que ela evocasse a vida cotidiana antes da guerra em Belleville, onde a rua era um lugar de encontros, de jogos e de socialização.

Então contei a Dora o papel importante que Émile desempenhara na minha infância. Apesar de sua presença rara, eu me identificara muito com ele. Eu me tornei médico porque Dora me disse que era o desejo da minha mãe e achei também que era suficientemente cientista para estar próximo de Émile. Joguei rúgbi para falar do jogo com ele... duas ou três vezes.

E depois, acrescentei, durante a guerra, ele também fora um herói. Ele salvou a sua vida e a de Jacquot. Na Libertação, respondeu Dora, os dois agentes da Gestapo foram presos por ter levado para a morte um número grande de lioneses. Émile, chamado a depor, voou em socorro deles e declarou que os dois policiais tinham salvado dois judeus. Eles não foram condenados. Émile dizia que fizera aquilo “por caridade cristã”. E então Dora acrescentou: “Ele lia *Gringoire*¹⁹ e vivia em um meio antisemita. Foi o que ele explicou aos dois agentes da Gestapo quando pediu a eles que não me prendessem.”

À noite, ao chegar a casa, não pude olhar para sua fotografia emoldurada na escada. Também não consegui retirá-la. Para apagar essa sombra, é preciso que eu a compreenda.

Perder-se em utopia

A senhora Descoubès, a enfermeira que me ajudou a fugir, me contou que antes da libertação de Bordeaux ela havia sido convocada pela prefeitura. Seus amigos lhe diziam: “Não vá. Fuja.” É difícil deixar a família e a casa, em plena guerra. Ao chegar à prefeitura, Maurice Papon²⁰ recebeu-a muito bem. Ele se levantou, deu a volta à mesa e apertou a mão da moça

dizendo-lhe: “Nós sabemos o que a senhora fez. Meus parabéns.” Estou certo de que ele era sincero ao admirar aquela enfermeira tanto quanto deve ter sido ao participar, como alto funcionário, do “Departamento de Questões Judias” que mandou prender e deportar mais de 1,6 mil pessoas, entre as quais uma centena de crianças.²¹

Claro, o vento tinha virado, e, pressentindo a derrocada da Alemanha, numerosos altos funcionários preparavam a própria reconversão.²² Mas como entender que um homem possa se aproximar de Gaston Cusin, Jacques Soustelle e de outros verdadeiros resistentes e, no mesmo dia, assinar o ato de prisão de milhares de pessoas inocentes? Depois de efetuar seu trabalho mortífero, como podia dar parabéns à jovem enfermeira que se opunha às suas decisões?

Quando nos submetemos a uma representação, a ponto de cortá-la de qualquer percepção real, realizamos uma abstração utópica. Quando sonhamos em morar em um não lugar, uma cidade ideal onde as almas seriam perfeitas, experimentamos um sentimento de euforia e de onipotente beleza. Tal idealização é diferente do refúgio no devaneio,²³ no qual se sofre menos fugindo de um real insuportável. Eu me refugiava no devaneio quando, criança, fugia da sociedade perseguidora dos homens para me isolar em um subterrâneo luminoso, afetuosamente protegido por meus amigos animais. Ao contrário, um utopista imagina: “Seria maravilhoso vivermos juntos em uma cidade pura e justa da qual o mal seria erradicado. Nossas relações seriam angelicais. Seríamos transparentes, pois, todos iguais, sem diferenças, sem estrangeiros, nada teríamos por esconder, pensaríamos com uma só alma.”

Em Utopia, toda manifestação íntima é um ato de dessolidarização. Aquele que faz segredo é um destruidor de sonho, ou até um criminoso, pois certamente está escondendo uma transgressão. Ele não é dos nossos, ele nos destrói. Morte ao estrangeiro, ao negro, ao judeu, ao louco, ao aidético, ao outro, ao diferente que não pensa como nós! Uma vez que pensamos o Bem, a sociedade perfeita, a igualdade das almas e a pureza, os outros diferentes nos conspurcam e destroem nossa utopia, ao não recitarem nossas preces e nossos *slogans*.

Assim funcionam as sociedades totalitárias, onde qualquer aventura pessoal, como a arte ou a psicologia, é considerada uma blasfêmia contra Aquele que concebeu a Cidade Ideal. O relato utópico é um enunciado de receitas de felicidade, às quais se opõem o romance exaltado ou a autobiografia obscena que revelam problemas pessoais. O privado não existe em Utopia, visto que, em nome da Moral, é preciso eliminar, torturar e reeducar todos os que, por sua diferença, são blasfemadores.

O discurso das crianças é tão afirmativo quanto uma utopia. A nuance vem com a idade. Quanto menos conhecimentos temos, mais temos certezas. Em Utopia não há senão uma representação do mundo, a do Chefe venerado que programa nossa bem-aventurança, os amanhãs que cantam e mil anos de felicidade. Assim falam as seitas. Nós adoramos o Estado e nos submetemos com alegria Àquele que sabe tudo. Em troca, ele nos desresponsabiliza, o que nos protege da culpa e da vergonha. O fato de sermos todos iguais, normais, usando a mesma máscara e recitando os mesmos slogans, nos dá um delicioso sentimento de pertencimento. Podemos então destruir o outro, o diferente, com desenvoltura. Em um mundo sem outro,

como o dos perversos, a culpa não existe. Não é culpável pisar em cima de um inseto ou esmagar uma cobra.

Na relação pessoal, quando somos somente dois ou três e um de nós tem um mal-estar, é difícil não socorrer,²⁴ mas numa relação anônima, numa multidão ou massa coletiva, é quase moral abandonar aquele que retarda a marcha para a frente. Nos livros escolares da época nazista, as crianças tinham de resolver o seguinte problema: sabendo-se que cuidar de um débil mental, cuja vida não tem valor, custa o preço de três moradias para três casais de belos jovens, que decisão é preciso tomar?

As crianças indignadas decidem abandonar o débil, o inútil, o malvado, para os quais a desgraça chega quando eles impedem três casais virtuosos de conhecer a felicidade: o que foi uma “incitação ao ódio e ao extermínio é a tradução de uma promessa estatal de felicidade e igualdade social”.²⁵ Foi, pois, em nome da humanidade que se cometeram todos os crimes contra a humanidade.

Causa espanto que crianças perseguidas tenham se ligado a adultos partidários da perseguição. Tratava-se de alguma maneira de adultos clivados: uma parte de suas personalidades ligava-se à criança real da qual cuidavam afetuosamente, e outra submetia-se a uma representação utópica que nada tinha que ver com aquela criança. Quanto à criança, ela se ligava a um adulto com quem partilhava o cotidiano, ignorando tudo de sua utopia. Como não se tecer um elo entre duas pessoas que estabelecem uma relação real, uma vez que a utopia é cortada desse real?

A utopia criminosa expressava-se frequentemente por uma atitude, uma mímica ou um slogan que escapava da alma do utopista: “Não temos nada para comer porque os judeus desencadearam a guerra para ganhar mais dinheiro ainda”, dizia o cordial camponês que cuidava ternamente da menina judia que ele escondia.²⁶ Um indício minúsculo, uma frase inesperada não impediam a criança judia de se ligar ao simpático avô antissemita.²⁷

Inicialmente, os pais são envoltórios afetivos. É preciso esperar anos para que a criança se torne capaz de representar para si as representações do adulto que cuida dela. Primeiro há o contato entre os dois. Depois, ela terá acesso aos mundos mentais. Uma criança diz “papai”, maneira afetiva de designar um homem. Só bem depois descobrirá que papai se chama “Pol Pot”, ou “Stalin”, ou “Himmler”. “Papai queria que eu estudasse bastante na escola”, diz Mea Sith, filha de Pol Pot, que ficará sabendo anos depois que foi ele quem mandou fechar sua escola e deportar os professores. O doutor Mengele, que, em Auschwitz, torturou grande número de crianças, meninas sobretudo, era um adorável pai de família, “como desejava o Führer”.

Quando a identificação traz felicidade, é doloroso destruir a imagem daquele com que a pessoa se constrói. A sobrinha de Stalin, Kira Allilouïeva, aos 87 anos de idade, continuava a amar de todo o coração o tio adorado que destruíra sua família e a atirara na prisão: “Quando criança, vivi uma época maravilhosa e depois repentinamente tudo [...] se transformou. Passei brutalmente do sonho ao pesadelo [...], não tínhamos ideia do que se passava do lado de fora”,²⁸ dizia ela, continuando a amá-lo.

Alexandra Mussolini adorava o avô Benito, o fascista, que na vida cotidiana era um homem caloroso e alegre. “Seu único erro foi fazer guerra ao lado da Alemanha.”²⁹ O relato do entorno, familiar ou cultural, fez a criança descobrir que o “pai social era diferente do pai afetivo que ela conheceu”.

Quando a criança descobre esse outro pai, sua reação afetiva revela a estrutura do elo. Se o elo, antes, foi mal tecido, a revelação serve de explicação para a alteração: “Agora sei por que eu não gostava dele.” Quando a filha de Castro descobre aos 12 anos que aquele “homem malvado em casa” é seu pai, ela se opõe ao regime ditatorial como se opusera àquele homem, seu pai. Quando o pequeno Niklas Frank fica sabendo que seu pai queimou com lança-chamas os 50 mil sobreviventes do gueto de Varsóvia, ele crê compreender a razão da ira de sua mãe. Quando a criança se torna capaz de entender os relatos do entorno, a carga afetiva por ela atribuída ao que lhe contam depende da qualidade do elo tecido anteriormente.

Na Argentina, na época da ditadura militar (1976-1983), muitos torturadores adotaram os filhos dos pais que eles mataram. Deram-lhes outro nome, educaram bem as crianças, e elas se ligaram profundamente a eles.

Victoria tem 27 anos quando uma queixa apresentada pelas “avós da Praça de Maio” a faz descobrir que não é filha natural de Graciela e Raul. Ela não nasceu em Buenos Aires como acreditava, mas na Escola Mecânica da Marinha, transformada em centro de tortura. Sua mãe, Maria Hilda Perez, foi torturada até a morte, e um oficial do centro de detenção recolheu o bebê. Foi um choque para Victoria: “Mentiram para mim. Fui traída.”³⁰ Para algumas crianças, a ligação distante que elas sentiam subitamente tem uma explicação: “Meus pais interpretavam uma comédia, fingiam me amar.” Alguns filhos preferiram romper: “Eu amei monstros, já não quero amá-los.” A reação mais frequente foi a negação da revelação: “Não acredito em você. Eles são meus verdadeiros pais. Jamais fariam uma coisa dessas. Sinto raiva de você por me fazer essa revelação mentirosa.”

Tal situação não é rara. Os janízaros, no século XV, compunham a infantaria otomana. Os soldados eram crianças cristãs (búlgaras, russas, armênias) que tinham sido roubadas dos pais e criadas na religião muçulmana para transformá-las em guerreiros. Elas se ligaram aos pais-sequestradores que, até o século XIX, algumas vezes as enviaram para combater seus próprios pais naturais. Esses combatentes amavam seus educadores turcos que os transformaram em guerreiros, adestradores de cães ou até altos funcionários.

Durante a guerra civil na Espanha, estima-se em 250 mil o número de bebês sequestrados de seus pais republicanos para serem dados a famílias franquistas.³¹ As crianças educadas dentro dos princípios burgueses se ligaram aos pais educadores. Imagino que hoje elas não sejam comunistas.

Compartilhar uma crença

Mesmo quando uma crença não tem nenhuma relação com a realidade, desempenha um papel importante na tessitura do elo. Compartilhar uma crença é fazer uma declaração de amor e

trabalhar um sentimento de familiaridade. Acreditando no mesmo deus ou no mesmo filósofo, juntos nos sentimos em segurança, nos encontramos com regularidade para efetuar nossos ritos religiosos ou laicos, organizamos eventos que favorecem encontros entre jovens casadouros, usando assim a pulsão sexual para estruturar o social. Organizamos refeições e festas musicais, ocasiões em que relatos de mais velhos atribuem sentido aos acontecimentos de nossa existência: nascimentos, batismos, casamentos, lutos e comemorações.

As representações de si num grupo de pertencimento inscrevem-nos em uma filiação: “Sou a mulher de Jean, o filho do padeiro. Somos cristãos e, portanto, conservadores.” Os rituais lembram a história do grupo, participam da identidade coletiva e, em caso de desgraça, organizam apoio afetivo e social: crer não é nada! O vínculo do grupo é o que nos dá segurança e nos identifica.

Os conteúdos de crença são diferentes. Os janízaros, os bebês roubados na Espanha ou recuperados na Argentina nos demonstram que mudamos de crença quando mudamos de meio, “já não vemos as coisas como antes”. Assim, podemos aceitar morrer por uma causa que não teríamos combatido se nossos encontros nos tivessem feito viver em outro meio.

Compartilhei com Émile maravilhosas crenças: o amor pelas aventuras intelectuais, as relações humanas e as alegrias do esporte. Nada compartilhei das representações que ele escondia e que contudo transmitiam uma sombra, o silêncio de suas origens, de sua família, seu passado. Preferi me interessar por problemas acessíveis e agradáveis. Eu já estava predisposto para a negação.

A crença mais tranquilizadora, mais bela e mais dinamizadora me foi trazida por Jacquot: o comunismo! Essa ideia constituía não apenas uma utopia maravilhosa, generosa e moral: ela também estruturava o tempo, os encontros e os projetos de existência.

Jacquot era para mim um herói da Resistência. Ele costumava me levar às reuniões do partido, nas quais eu ouvia jovens simpáticos inflamarem-se falando de igualdade, de liberdade, de teatro, de leituras e esportes da natureza.

Como querer que eu não ficasse encantado? Graças a eles, o mundo se tornava bonito. Os “progressistas”, como eles se nomeavam, iam trazer o progresso (é óbvio, pois eles eram progressistas), enquanto os reacionários se opunham à felicidade do povo, defendendo as próprias posses, fonte de todas as desgraças. Eu tinha necessidade de uma visão clara do mundo: ali estava ela. Era a continuação da imagem impregnada na minha memória, adquirida durante a guerra, quando a sociedade era cindida entre os bondosos que me salvavam e os malvados que desejavam minha morte.

Esse engajamento numa crença encantou minha adolescência e serviu de escora para um novo desenvolvimento. Eu me beneficiava do efeito tranquilizador e fortalecedor que a certeza produz. Podia tentar uma reconstrução.

Infelizmente, muito jovem tive gosto pela dúvida. Isso dá o prazer de não se submeter à recitação comum, mas priva ao mesmo tempo do prazer de se submeter à recitação comum. Pensar por si mesmo é uma grande satisfação. É uma pena que esse esforço nos prive da alegria de ser sustentado por um mito compartilhável. Ficamos pouco à vontade quando

devemos escolher entre a felicidade na servidão que nos tranquiliza e o prazer do encaminhamento pessoal que nos isola.

Eu devia ter 11 anos quando dei a Dora, no aniversário dela, um livro de Georges Duhamel de que um professor no ginásio havia falado.³² Que ideia estranha! Eu achava que devia haver nos livros tesouros de felicidade e queria oferecer uma parte a Dora.

Gentilmente, ela se abaixou na minha direção para me agradecer e me explicar que não era necessário lhe dar livros, que não valia a pena. Eu me lembro da minha decepção. Durante a guerra, eu tivera de esconder um fantasma na alma. Eu podia falar de tudo, espontaneamente, com a condição de calar minha judeidade desconhecida. A sociedade, naquela época, estava cindida entre salvadores e assassinos. Precisei aprender a estabelecer relações diferentes com cada um deles: calorosa com os bondosos, vigilante e gelada com os matadores. Depois da guerra, o fervor comunista resultou na continuação da oposição entre os progressistas, que queriam o Bem, e os reacionários, partidários do Mal. Ao me pedir que não mais lhe desse livros, Dora me encorajava sem querer a estabelecer com ela uma relação compartilhável, enquanto a outra, mais intelectual, poderia se desenvolver em outro lugar, em segredo para não entediá-la. A estrutura de meu meio estruturou minha alma.

Dora começava a vender junto com o marido e gostava de falar de moda e de roupas. Com eles aprendi a sentir com a mão a qualidade de um tecido, a tomar as medidas de uma calça, a me levantar de manhã cedo, montar uma barraca de venda, vigiar a mercadoria exposta e lanchar junto com os vendedores do lado.

Ao mesmo tempo, eu lia *L'Humanité*, *L'Avant-Garde* e *Vaillant*, o jornal mais cativante, sem jamais falar a respeito com ela. Eu devorava à noite, sob os lençóis e com uma lâmpada, Émile Zola e Jules Vallès, que reforçavam minha visão bastante clara do mundo. Uma distância intelectual instalava-se entre nós. Foi só muito recentemente, alguns anos antes de sua morte, ocorrida na idade em que se pode dizer tudo, que ela me confessou docemente: “Você nos vexava com seus livros.” Compreendi que, sem querer, fizera com ela o mesmo que Émile: ela se calava quando estava perto de cientistas, mas ria e se afirmava na companhia de seus amigos dançarinos ou vendedores.

Não sabia falar com ela sobre o ginásio de que eu gostava, sobre as versões latinas que sempre exigiam que carregássemos o grande dicionário Gaffiot, sobre o rúgbi, que eu começava a praticar para me identificar com Émile, e sobre a UJRF,³³ onde eu me engajara para me inscrever na filiação de Jacquot. O vínculo se tecia, evidentemente, mas amputado de toda a parte compartilhável de nossas representações. Não sabíamos nos contar nossas histórias de vida. Nem sequer uma palavra acerca da guerra que atravessáramos separadamente, nem mesmo sobre nossa origem no entanto comum. Ela sabia vagamente o que me acontecera; eu ignorava tudo de sua infância polonesa e de sua família, que era também a minha. Um curioso modo de comunicação estabelecia-se entre nós, afetuoso mas perturbado pelo murmúrio de nossos fantasmas. Sucedia-nos encontrar os restos de uma família parisiense, aqui e ali. Ela dizia que seus desaparecidos ainda a atormentavam. Eu não

tinha nada que dizer sobre meus pais, dos quais me restavam duas ou três imagens no meu mundo sem palavras. Eu me empenhava para jamais falar de Margot a fim de não ferir Dora.

O discurso das crianças muito velhas

Fazer segredo em tempo de guerra me salvara a vida, mas pouco dizer em tempo de paz alterava nossa afeição. Às vezes encontrávamos uma tia afastada que eu não conseguia situar na minha estrutura familiar despedaçada. Ela me olhava um pouco e dizia afastando-se: “*Scheine Ynk.*”³⁴ Um dia ela deixou escapar que o simples fato de me ver lhe lembrava a guerra e os desaparecidos da sua família. Eu era o filho dos mortos.

O único discurso compartilhável era o dos pequenos velhos. Com 11 anos, quando eu explicava a Dora que o marxismo era preferível ao capitalismo, ela ia embora, eu a entediava.

Ela preferia as declarações afetivas: “Assim que eu soube que estava vivo, quis encontrar você. Eu gostava muito da sua mãe.” Gostei de que ela gostasse da minha mãe, mas deduzia daquela declaração de afeição que ela me imaginava morto antes de me encontrar. Dora estava ali com sua sede de felicidade, e eu, em vez de me comportar como o filho de sua irmã, raciocinava como um pequeno velho. Eu não pulava de alegria, falava de marxismo. Eu era um peso para ela, embora tenha sido junto dela que encontrei a estabilidade afetiva que permitiu que eu lentamente me reconstruísse. Foi o que ela me deu, mas não era o que ela esperava.

A maturidade precoce não é sinal de bom desenvolvimento; é na verdade uma prova de gravidade anormal para uma criança. Os adultos se enganam quando creem que a criança amadureceu muito depressa. Não é experiência, é perda de vitalidade. Sob o golpe do trauma, as crianças se apagam, e os adultos admiram sua “maturidade”. Pode-se pensar que é um contrassenso. A criança acabrunhada não brinca e procura dar uma forma verbal a seu abatimento. Observei o mesmo fenômeno na República Democrática do Congo com os meninos-soldados. Eram polidos, anormalmente gentis, ficavam horas sentados discutindo conosco sobre a sociedade ou sobre Deus, não sobre a guerra deles é claro, ela teria evocado feridas ainda frescas ou crimes recentes. Alguns pequenos velhos, de 10 a 12 anos de idade, com faces cavadas e olhares febris, perguntavam-se por que as pessoas só se sentiam bem na igreja. Queriam se tornar padres ou motoristas dos belos carros das ONGs. Um só garoto tinha faces redondas, olhar sorridente e queria ser jogador de futebol. Os outros estavam acabrunhados por uma gravidade precoce que nós confundíamos com maturidade.

“Essas crianças se tornam ‘cientistas políticos’, ‘filósofos’ que afirmam suas ideias sobre coisas essenciais.”³⁵ A maturidade precoce das crianças feridas por doença grave, desgraça familiar ou colapso social estimula capacidades intelectuais não habituais em uma criança. Essa performance demonstra seu acabrunhamento. “O que chama a atenção é que as crianças não balançam os braços ao andar [...], têm as sobrancelhas carregadas, uma espécie de tensão que dá a elas uma máscara de seriedade.”³⁶ Quando uma desgraça social despedaça seu mundo íntimo, a criança perde o prazer de viver, mas, antes de afundar por sua vez na agonia psíquica, refugia-se no que ainda permanece com vida: a intelectualidade. Depois da guerra

civil na Espanha, depois da Segunda Guerra Mundial, as crianças que não tinham sido protegidas manifestaram essa maturidade mórbida.³⁷ Não sentiam prazer de viver, já não brincavam de explorar a existência, eram obrigadas a decifrar o mundo a fim de não morrer totalmente.

Nesse torpor psíquico persistem duas brasas de resiliência que o meio pode soprar para fazer voltar a chama: compreender e sonhar.

Quando a existência é dolorosa, quando o contexto é perigoso, enquanto a vida psíquica não estiver completamente apagada, a intelectualização pode ainda construir um mundo abstrato que ajuda a lutar contra a tristeza. Enquanto tentamos compreender, ainda sentimos algum prazer de viver. Mas, quando somos criança, generalizamos muito depressa, não vivemos suficientemente para conhecer a nuance.

Quando o trauma isola a criança duradouramente ou as condições adversas desgastam sua alma, o laço se apaga. O caos dos acontecimentos, a falta de estabilidade afetiva, a ruptura repetida das colocações sucessivas anestesiam a afetividade, o que permite sofrer menos.³⁸ Enquanto o prazer de compreender persistir, a brasa de resiliência espera que alguém se disponha a soprá-la a fim de fazer voltar o calor da existência.

A outra brasa é constituída por um frenesi de sonhos. Quando o real é desencorajador e sofremos para encontrar o caminho, refugiamo-nos em um devaneio diurno excessivo. Quando o real é amargo, proporcionamo-nos sonhos doces.

Durante muito tempo acreditei que o deleite do sonho impedia o enfrentamento do real. Hoje penso que esse refúgio no devaneio oferece um substituto de identificação. Quando um meio não propõe modelo de felicidade, o sonho corrige esse mundo intolerável e inventa um romance que encena um ideal por realizar. Os livros, os filmes e as belas histórias tornam-se então os “mestres do sonho”,³⁹ oferecendo algumas amostras de felicidade.

Durante os anos da guerra, a indiferença me protegeu do trauma. Não tendo ninguém para quem viver, eu não temia a morte. Os adultos falavam da minha coragem ou da minha força de caráter. Eu sabia no meu íntimo que minha morte não feriria ninguém, meu desaparecimento não deixaria nenhuma saudade. Sem importância, a morte. Eu simplesmente pedia ao deus que eu inventava que me deixasse viver só até 10 anos, para ter tempo de conhecer a vida.

Então eu sonhava e teorizava. Contava muitas histórias de guerra na quais encenava a aventura dos outros. Eu não contava a minha guerra, já que não me acreditavam, mas inventava histórias loucas, exageradas, romanceadas, que surpreendiam os adultos, os faziam rir e pensar: “Mas onde é que ele vai buscar tudo isso?” Quando travestia minha desgraça em histórias engraçadas ou em epopeias exageradas, era aceito nas relações humanas, eu me socializava. Quando queria testemunhar ou simplesmente dizer, eu me via sozinho, rejeitado, e às vezes desprezado.

As fabulosas quimeras me faziam tão feliz que eu pensava nelas de dia e sonhava com elas de noite. O tapa-miséria romanesco me oferecia uma breve compensação, alguns momentos de felicidades imaginárias que me ajudavam a suportar um real desolado.

Uma cultura proletária

Assim, modelado por minha história, entrei no ginásio Jacques-Decour, admiravelmente situado entre os desordeiros de Barbès e as prostitutas de Pigalle. Ele acolhia a maioria de crianças do norte de Paris, da porte Clignancourt, da zona não urbanizada dos terrenos vagos de Saint-Ouen e dos “bairros tenebrosos de la Chapelle e suas vias férreas”.⁴⁰ Pesadamente bombardeado por nossos libertadores, o bairro era verdadeiramente mágico. O circo Medrano a dois passos do Élysée-Montmartre, aonde íamos ver as lutas de boxe, Pigalle com suas mulheres disfarçadas de guloseimas sexuais que nos importunavam quando passávamos perto delas, os cabarés e suas imagens de dançarinas acrobáticas fotografadas artisticamente por Harcourt. O Café de la Poste nos servia de “sala de estudo” quando cabulávamos as aulas ou quando um professor estava ausente. Nós éramos imantados pelo ginásio de meninas, Edgar-Quinet e Jules-Ferry. As classes não eram mistas nessa época, e, antes de ousarmos falar com uma menina, íamos nos lavar e pentear, esperando que uma delas aceitasse vir conversar nos jardins do Sacré-Cœur, onde mantínhamos nosso quartel-general.

Entrando naquele ginásio, senti felicidade. Havia uma estrutura, um projeto, colegas e professores que frequentemente estimulávamos.

É estranho dizer que “eu me sentia forte”. É paradoxal, o que não quer dizer “contraditório”. Eu era um paradoxo, um oximoro ambulante, uma aliança de contrários que se reforçam e se opõem. Tinha me sentido tão pequeno, tão sozinho, tão monstro, que compensava refugiando-me na intelectualidade e no devaneio. Tinha sido tão fraco e coisa perseguida, que o simples fato de ser sobrevivente me fazia acreditar que eu era mais forte do que a morte. Tinha ficado tão anestesiado durante a guerra, e sobretudo depois dela, que o simples fato de sentir a vida retornar a mim propiciava o intenso prazer dos começos e a convicção de ser capaz de suportar todas as feridas. Minha infância me dera uma coragem mórbida. Eu achava que bastava sonhar, decidir e trabalhar para realizar meus desejos. O restante não passa de sofrimento banal.

Um grupo que não sabe se definir não dá apoio aos membros do grupo.⁴¹ Na época em que entrei para o ginásio, o apoio me vinha das definições diferentes e opostas que me reforçavam: Émile me reforçava com sua gentileza, seu amor pela ciência. Dora me reforçava com sua presença e sua afeição. Jacquot me reforçava com seu comunismo generoso. E o ginásio de pobres para onde eu entrara me reforçava com seu bairro surpreendentemente culto e os professores que estimulávamos.

Entre Pigalle e Barbès, as centenas de prostitutas, os cáftens elegantes e as boates agitadas eram vizinhos do Trianon lírico, bem em frente do ginásio. Nos dias de festa, as barracas se instalavam no boulevard Rochechouart e ouvia-se o animador gritar no seu alto-falante: “Com quem vocês querem lutar?” Havia sempre um cliente que levantava a mão para receber a luva, o que significava que ele encararia o desafio. Com frequência ia embora com um olho inchado e o nariz sangrando em troca de um dinheirinho e de uma bela lembrança da briga.

Havia no mínimo vinte cinemas no bairro popular onde íamos ver *A batalha nos trilhos*, que glorificava os ferroviários, *O boulevard do crime* e os filmes americanos em que Orson Welles encarnava o sucesso social, enquanto os comediantes Abbot e Costello costumavam nos decepcionar quando os comparávamos com Charles Chaplin ou com Laurel e Hardy, que não parávamos de imitar. François Truffaut vinha ao ginásio a pé de Pigalle, onde morava, e imagino que aqueles cinemas tenham sido suas primeiras universidades.

No bairro havia teatros por todo lado: o teatro Fontaine, rue Blanche, e sobretudo o Atelier, subindo a butte Montmartre, onde esperávamos cruzar com Jean-Louis Barrault.

Dançava-se muito nessa época. O Moulin-Rouge concorria com o Moulin de la Galette e a Crémaillère na place du Tertre. Com 14 anos, eu ia para lá todos os domingos. Nós nos cotizávamos para pagar aulas de dança ao mais intrépido de nós, Gérard Gauvain, que, em troca, nos transmitia gratuitamente o que lhe ensinava a professora de dança. Eu me lembro de tangos intensos na pequena cozinha de Gilbert Ozun, transformada em sala de dança: os móveis sofreram!

Perambulávamos pelas ruas, trocando algumas considerações sobre Picasso ao passar em frente ao Bateau-Lavoir, na rue Lepic. Falávamos de poesia descendo em direção à rue Saint-Vincent ao lado do “Lapin à Gilles”. Lembrávamo-nos de Paul Éluard na rue Ordener, e às vezes nos reuníamos na casa de Mathilde Casadesus, acima do square d’Anvers, quando éramos convidados por Martine, sua filha.

Estou convencido de que esse fervilhar artístico desempenhou papel importante no excelente desenvolvimento das crianças pobres que nós éramos.

Éramos muito politizados nos anos do pós-guerra. A filosofia não nos metia medo, e entrávamos em discussões muito acima de nossos meios. O que acabo de escrever é falso: nós tínhamos os meios! Eu me lembro de Blumenthal, na sexta série do ginásio, explicando-me que o progresso científico não trazia apenas benefícios. Gostaria muito de saber o que ele acha disso hoje. Eu me lembro de Béranger, sempre à procura do belo e do engraçado. Tornou-se cantor. Acabo de ler cartas que as crianças da OSE⁴² trocavam depois da guerra: “O massacre dos judeus não pode recomeçar. Para isso, sejamos fortes e corajosos no mundo que se abre para nós... Precisamos ser capazes de criar aquilo com que o mundo sonha, a igualdade entre os homens, a liberdade de consciência, a supressão das classes.”⁴³ Assim falava Charles Lew, 13 anos, do lar “Les Glycines”.

Edgar Morin, que foi aluno do Jacques-Decour no período anterior à guerra, quando ainda se chamava Lycée Rollin, escreve: “A política irrompeu na nossa classe de quinta série, em fevereiro de 1934. Nós tínhamos 13 anos [...]. Alguns usavam insígnias na lapela, foice e martelo comunistas... [outros] a flor-de-lis monarquista.”⁴⁴

Professores e destinos

Os professores participavam dessa efervescência. Sabíamos situar nossos professores no leque das opiniões políticas. Impressiona-me o número de crianças que foram marcadas por Jean

Baby. Ele era professor de história e membro do Comitê Central do Partido Comunista. Eu me pergunto por que ele era tão amado. Seria sua magreza, sua distinção natural, sua gentil autoridade? Bastava que falasse. Creio que era isto o que provocava a afeição: sua maneira de falar. Ele dava a aula, tranquilamente, e nós não sentíamos nenhuma impaciência. Às vezes ele se interrompia para fazer uma pergunta a um aluno, para saber se ele se sentia melhor, se tinha tido tempo de estudar a lição, apanhava um papel, punha um pouco de ordem na mesa desarrumada. Eu me lembro com encantamento das conversas pessoais que ele me oferecia (é isso mesmo: “oferecia”). “Você tem o senso da história”, ele me dizia, “devia estudar ciência política, é interessante.” Eu não sabia o que era ciência política, informei-me, explicaram-me que era possível tornar-se chefe de estação de trem ou chefe de produção em uma fábrica de sutiãs! Apesar do meu amor pela história e da minha afeição por Baby, preferi sonhar com outros projetos.

“O bom professor é aquele que marcou nosso destino”,⁴⁵ testemunha Camus, que depois de receber o Prêmio Nobel escreveu uma carta ao senhor Germain: “Pois bem, eu pensei em minha mãe, mas teria ela compreendido? Não conheci meu pai, e disso o senhor sabe. Mas pensei no senhor.”

O meu senhor Germain chamava-se Mouzel. De imediato, tive prazer em ouvi-lo. Ele nos falava de latim e de literatura com uma felicidade contagiante. Nossas relações começaram curiosamente. Minha primeira “dissertação”, como se dizia na época, foi sobre as relações entre os homens e as mulheres. Nós tínhamos 16 ou 17 anos, chegáramos à idade em que esse problema se coloca. Mouzel nos disse: “Saibam que a mulher com quem vão se casar já nasceu. Ela existe em algum lugar e vocês vão viver juntos. Já pensaram nisso?” Eu não tinha pensado, mas achava que as meninas eram seres maravilhosos, elas eram bonitas de olhar e agradáveis de ter por perto. Quanto ao mais, veríamos depois. Foi por isso que organizei minha redação em torno dos quadros que vira no Louvre (era lá que estava exposto o *Olympia*, de Manet?). Comparando os retratos de damas sólidas, de vigorosas lavadeiras e de soldados nas barricadas de todas as revoluções, evitei os estereótipos que tornavam insosso o problema e impediam que se pensasse nele.

Ao devolver as cópias, Mouzel disse: “Não dei nota à sua redação. Se a próxima for boa, vou lhe dar 18 em vinte, se for ruim, vou lhe dar dois zeros. É impossível que você tenha escrito esta redação sozinho.” Creio lembrar-me de ter sentido uma emoção que misturava orgulho e preocupação: prazer de ter zero (minha melhor nota) e preocupação em confirmar o bom resultado. Ele foi confirmado.

Eu gostava de ouvir Mouzel falar de literatura ou contar-nos em latim a vida cotidiana de Roma. Gostava de sua nostálgica gentileza, quase dolorida. Ao me indicar para o *Concours général*,* ele não sabia que me dava um presente para o resto da vida. Alguém reconhecia meu valor, alguém autenticava meus sonhos!

Eu morava sozinho em Paris nessa época, ano do *bac*. Convidava amigos todas as noites, a fim de que chegassem com biscoitos e garrafas, o que constituía meu jantar. De manhã, eu esperava a abertura da loja do comerciante de vinhos da rue Ordener para entregar a ele as

garrafas em consignação, cujo reembolso me permitia comprar um pedaço de pão, que eu mergulhava na água quente temperada com caldo em cubo. Eu aguentava o dia com isso.

Na manhã do *Concours général*, o boulevard Saint-Michel estava fresco e silencioso. Lembro-me do cansaço de uma noite sem sono. Eu estava adiantado. Entrei no café que ficava na esquina do boulevard Saint-Germain com o boulevard Saint-Michel, e, incrivelmente feliz, esperei. Os candidatos estavam reunidos na sala da entrada principal da Sorbonne. Um funcionário nos chamava pelo nome, e nós subíamos um por um a escada que levava à sala do concurso, magnífica, teto de madeira esculpida, quadros edificantes, pomposos.

Escrevi durante seis horas. Não ganhei nenhum prêmio, mas o essencial me tinha sido dado.

No dia seguinte, Mouzel me disse: “Era um tema para você. ‘Compare Balzac e Dostoievski.’” Eu aceitava tudo dele, mas fiquei surpreso ao ouvir que, na sua cabeça, eu vivia na França com Balzac, mas era ligado às minhas origens russas com Dostoievski. Eu, que sempre me imaginara apenas francês, descobria que, na cabeça dos outros, podia não ser tido como totalmente francês. Entendia por que meus colegas de classe, antes de uma partida de futebol França-URSS, tinham me perguntado: “Você torce para quem? Para a França ou para a Rússia?” Eu nada sabia sobre este país nem sobre minhas raízes russas, mas na cabeça dos outros elas deviam ser minha referência.

Foi uma menina de 16 anos que ganhou o primeiro prêmio, e sua dissertação foi publicada em uma página inteira do *Figaro*. De pé, perto do square d’Anvers, eu a li diversas vezes. Era extraordinária, clara, simples, e de uma originalidade que me encantava. A laureada explicava que, quando se inventa um personagem de romance, já na segunda linha é ele que nos leva. Basta segui-lo e comentar o que ele faz. Teria a maior curiosidade de reler o artigo sessenta anos depois. Ela, de fato, escreveu aquilo? Ou fui eu que lhe atribuí essa ideia? Não importa, pois ela era maravilhosa e laureada.

Algumas semanas depois, Mouzel, professor principal, devia recolher o dinheiro da inscrição para o *bac*: mil francos da época, creio. Era pouco, mas eu não tinha. Ele virou o chapéu, procurou nos bolsos e pôs algumas moedas. Depois circulou pela sala e todas as crianças fizeram o mesmo.

Não sei o que fazer dessa lembrança. Nunca me senti pobre. Contudo, quando Max me trazia roupa usada do pai, quando meus colegas de classe se cotizavam para pagar minha taxa de inscrição no *bac*, quando depois, na rue de Rochechouart, eu estudava para o exame de medicina à noite, junto da janela, à luz da Lua, porque não tinha podido pagar a conta de luz, logicamente eu devia ser pobre! Mas na minha alma eu não era. Eu era rico graças aos meus sonhos e ao apoio de Dora e Adolphe. Quando ficava muito difícil, eu me refugiava na casa deles, em Sannois, na periferia de Paris. Sem uma palavra, sem eu precisar prestar contas, eles me abriam a porta.

Em 1948, ao entrar no ginásio, eu não conhecia os dramas que tinham se desenrolado. Eu começava, finalmente, a ter uma vida normal, a encontrar colegas de 11 anos que tinham os mesmos professores, as mesmas brincadeiras e as mesmas lições para estudar. Eu não suspeitava que os adolescentes das classes adiantadas também tinham conhecido a guerra.

Quase todos esses filhos de pobres tinham pais imigrados judeus da Europa central, armênios e refugiados espanhóis. Nunca falávamos disso, éramos apenas franceses. Quase todos os garotos grandes das últimas séries tinham se engajado em lutas sociais, inicialmente com palavras, depois com armas. Ao final da guerra, uma criança em cada três desaparecera. Os judeus tinham sido deportados ou fuzilados durante a Resistência. Muitos cristãos que militavam nas JEC⁴⁶ pagaram com sua vida, nos campos de concentração e sob as balas dos pelotões de execução. Alguns adolescentes, desejosos de se engajar, hesitaram entre os FTP comunistas e as Waffen SS. Esta escolha, hoje surpreendente, não era rara. Doriot, dirigente do Partido Comunista, fundou o PPF (Partido Popular Francês), partidário da colaboração com Pétain e com os nazistas. Depois, entusiasmado com a guerra, engajou-se no exército alemão, levando consigo muitos jovens franceses. Um ginásiano está na idade em que a exaltação é tão grande que ele pode aceitar morrer por uma causa que não teve tempo de estudar.⁴⁷ Vários garotos do ginásio Jacques-Decour se engajaram nas Waffen SS. Quase todos morreram, abatidos em Lyon, onde a Resistência era forte, ou enviados para o *front* do Leste, onde o frio e o Exército Vermelho mataram os que sobraram. Na volta às aulas, ao final da guerra, um banco em cada três já não estava ocupado.⁴⁸

Nesse contexto cultural, a coragem física era um grande valor. Melhor morrer do que confessar o medo. A coragem mórbida tinha uma função de reparação para crianças que necessitavam provar que não eram sub-homens. Os pais louvavam seu corpo musculoso de proletário, as mães ganhavam a vida com seus braços de faxineira, era preciso que as crianças também dessem prova de coragem. Os pequenos moradores das periferias não se queixavam das quatro horas de transporte cotidiano. Não se tocava no assunto, e pronto. Eu me pergunto se não havia uma ponta de orgulho em ser pobre e combater em silêncio. Ser ajudado é confessar a própria fraqueza, não é?

Como tive uma infância anormal, não me dava conta de que minha adolescência não o era. Anormal não quer dizer patológica. Todos nós temos uma taxa de açúcar no sangue que deve estar compreendida entre 0,90 e 1,10 gramas por litro de sangue. A maioria de nós terá crise hipoglicêmica com 0,70 por litro. Alguns, com 0,20 grama por litro, continuarão a viver como se não fosse nada. É uma impressão deste tipo que eu sentia: eu tinha uma história anormal, mas não me sentia malsão. Muito pelo contrário: sentia uma espécie de orgulho (mudo, evidentemente) de ter escapado, o que não era verdade. Aquela infância tinha me empurrado em uma direção onde ainda havia toneladas de problemas por resolver. Mas a vizinhança constante da morte me dera uma coragem mórbida: eu era iniciado. Eu vira a morte e voltara dela. Impossível falar disso, os normais temem a morte, têm medo de assombração.

* OSE (Œuvre de Secours aux Enfants): instituição humanitária que ajudou e salvou crianças judias refugiadas durante a guerra. (N. da T.)

* *Zazou*: durante a 2ª Guerra e nos anos que se seguiram, é como eram chamados os jovens apaixonados pelo jazz americano e pela elegância extravagante. (N. da T.)

* Concours général: concurso anual destinado a premiar os melhores alunos de curso secundário, em diferentes áreas do conhecimento. (N. da T.)

CAPÍTULO 5

PALAVRAS DEGELADAS

A família Auriol encantou o começo dos meus estudos de medicina. Florence, que viria a ser minha mulher, era amiga de Jean-Claude, que nos convidava para aquele bando familiar. Tudo era bonito na casa deles. Os olhos azuis, as explosões de riso, os gestos, as discussões, a maneira de falar, os móveis, as acomodações, tudo era bonito na casa deles. Nós nos encontrávamos com regularidade no cais Gesvres, à beira do Sena, para trabalhar, rir, discutir política. Um mainá¹ dentro da gaiola imitava a campainha do telefone, seguia-se a voz de Jacqueline Auriol chamando o filho: “Jean-Paul! Telefone!” O filho vinha correndo, todo mundo ria, o passarinho impassível não acrescentava uma palavra.

A marca do passado dá um gosto ao presente

Uma vez por ano, Vincent Auriol recebia de Luret, sua cidade natal perto de Toulouse, um enorme *cassoulet* que ele nos convidava a compartilhar. Ele se sentava em uma poltrona, alguém o servia, os adultos pegavam as cadeiras, e os jovens se instalavam onde podiam. A festa culinária, afetuosa, amistosa, e as discussões se estendiam até 2 da madrugada.

Eu voltava a pé para o meu quatinho da rue Rochechouart, perto de Barbès. Para dormir, enrolava uma perna da calça no pescoço, a outra em torno da cabeça, pois as paredes eram geladas. O despertador tocava às 4 horas, e eu ia encontrar Adolphe no mercado de Argenteuil. Eu gostava muito desse contraste, que me dava a impressão de viver intensamente. Uma situação sublinhava a outra, mas com quem falar delas? Os Auriol se interessariam pela minha infância. Teríamos falado de guerra, de nazismo, de perseguição, de orfandade e miséria. Eu ainda não era capaz, e teria quebrado o encanto. Dora e Adolphe também teriam se interessado. Teriam me feito algumas perguntas e, intimidados, teriam pensado que eu os traía por já não pertencer ao mundo deles. Então eu não compartilhava essa experiência agradável. No mercado, eu era comerciante. E na casa dos Auriol bancava o intelectual, comentava o vinho como convém e chorava de rir quando o mainá imitava a campainha do telefone.

Eu era duplo. Depois de alguns anos difíceis no começo dos meus estudos, acabei me tornando médico e especialista em neuropsiquiatria, como sonhara. Esse sucesso pode ser atribuído ao benefício secundário da minha clivagem neurótica. Se eu tivesse sido equilibrado, não teria estudado, não naquelas condições pelo menos. Não tinha medo de adoecer trabalhando demais, suportando duras condições de existência. A marca do passado me ensinara que superar o sofrimento leva à liberdade: “Sofrer torna-se uma forma de existência, um modo de escapar ao poder do outro.”² Todo sonho com o futuro metamorfoseia a maneira como suportamos o presente. Isso significa dizer que o sonho nos torna capazes de desprezar o sofrimento?

Numerosos estudos foram realizados para saber o que aconteceu com os jovens sobreviventes dos campos da morte, cinquenta anos depois.³ Na Europa, estima-se em 200 mil o número de crianças judias que sobreviveram à guerra (eram 2 milhões ao final dos anos 30). A maioria conheceu uma infância inacreditável, uma cascata de traumas, de agressões físicas e psíquicas. Algumas foram felizes durante a guerra, às vezes até mais felizes do que quando a paz voltou. Serge Erlinger escreve: “Cara Romaine, caro Eugène. Como lhes agradecer, hoje que vocês já não estão aqui, a ternura que me deram durante os quatro anos junto de vocês? Mesmo separado dos meus pais e do meu irmão, confiado a vocês pela Assistência

Pública para escapar da barbárie nazista, vivi com vocês, graças a vocês, alguns dos anos mais belos da minha vida.”⁴

Já não me lembro do nome da mulher que me explicou que tinha passado quatro anos no paraíso, sozinha com a mãe em um quatinho em Paris, enquanto o pai lutava contra a morte em um campo de concentração. Na Libertação, ele voltou magro, desvairado, sombrio, com explosões de violência. “Ele trouxe o inferno para dentro de casa”, dizia-me ela. “Detestei-o. Achei que o fato de não ter morrido era a prova de que havia compactuado com os nazistas.”

A mãe de Serge não trouxe o inferno, mas, quando foi buscar o filho na época da Libertação, ele lhe deu pontapés, pois, por amar o filho, ela partia o elo que ele tecera com Romaine e Eugène.

Quando Dora veio me buscar no Gai Logis, em Villard-de-Lans, provocou sem querer minha exclusão do grupo no qual eu era aceito. Eles rezavam juntos, enquanto eu, encostado na parede, me via sozinho outra vez.

A estrutura do trauma estrutura o psiquismo, e a história atribui a uma mesma situação significados opostos.

Para a maior parte dessas crianças, a guerra foi um horror. A clivagem de suas personalidades, sob efeito de uma história e de um contexto ameaçadores, deu-lhes uma coragem mórbida: trezentas pessoas foram localizadas, em 1994, cinquenta anos depois de terem passado pelo tumulto da guerra.⁵ Quase todas tinham vivenciado, depois da guerra, alguns anos de depressão, salvo as que tinham executado alguma ação heroica, um ato de resistência, ou vivido um acontecimento que lhes dera uma boa opinião sobre si mesmas. Todas experimentavam uma hipermemória muda. Depressivas ou não, não pensavam senão no passado, mas jamais falavam. O trauma de suas infâncias tornara-se um novo organizador do eu, como uma terrível estrela do Pastor que orientava sua existência. O “encriptamento” criara ao mesmo tempo um mundo psíquico doloroso e um sucesso profissional excepcional.⁶ Elas não tinham medo do sofrimento e sabiam que, superando-o, ganhariam a liberdade. Triste vitória de um vencedor ferido. Os que foram muito feridos permaneceram prisioneiros do passado, sofrendo sem cessar com um passado sempre presente. Suas memórias não fizeram o trabalho de afastar o acontecimento para o passado. As feridas sangram ainda.

Alguns tutores de resiliência

Depois da guerra, a escola não tinha a importância que tem hoje. Era preciso aprender a ler, escrever, contar e rapidamente arranjar um trabalho. O corpo nos socializava: quando se era camponês, era preciso resistir ao frio, à lama, curvar-se na terra e fazer permanentes esforços físicos. Quando se era operário, era preciso permanecer de pé e executar rapidamente movimentos repetitivos. No ginásio, podíamos continuar a desenvolver nossas personalidades, pois tínhamos muitas ocasiões para nos encontrar. Assim, os companheiros da mesma idade participavam do prosseguimento de nosso desenvolvimento. Escapávamos da modelação psicológica de nossos pais tão logo as circunstâncias nos permitiam nos integrar em um pequeno bando extrafamiliar. Ao ginásio, local de instrução programada, acrescentava-se, desde os 11 anos de idade, uma educação implícita⁷ que escapava aos pais. Os professores ofereciam frequentemente modelos identificadores, e os pares podiam servir de tutores de resiliência implícita.⁸

Meu tutor de resiliência implícita nos primeiros anos de ginásio chamava-se Gilbert Ozun. Nós morávamos no mesmo bairro, ele em um grande apartamento perto da porte Clignancourt, eu em um conjugado na rue Ordener. Dora acabara de se separar de Émile, o que representava para mim uma centésima ruptura afetiva. Gilbert foi minha primeira estabilidade amistosa. Voltávamos a pé do ginásio e não parávamos de conversar. Ele era bom aluno, bom jogador de futebol e representante de turma, só para ver o tipo. Eu matava as aulas de ginástica a fim de treinar rúgbi segundo meus próprios métodos, que eu

julgava melhores. Ele me explicava que era melhor ouvir o professor, tomar distância e fazer exercícios com os braços para “ficar com as costas bem retas”. Não vão pensar que ele fosse um submisso, um aluno apagado! Depois de ter sido bom aluno, decidiu se tornar *groom* de um grande hotel, recebeu um par de tabefes da mãe, veio se refugiar na minha casa, retomou os estudos e se tornou um dos melhores nomes da cirurgia plástica francesa.

Quando Mouzel me indicou para o *Concours général*, eu não podia me preparar porque não tinha livros suficientes em casa. Eu sabia de cor os livros militantes que Jacquot trazia para me convencer da degradação das sociedades capitalistas. Vá fazer um *Concours général* com isso! Na biblioteca da prefeitura do século XVIII, perto de Jules-Joffrin, recusavam-se a me emprestar livros explicando que eu só tinha direito à Biblioteca Rosa.* Eu, que recitava passagens inteiras de Zola, de Jules Vallès, algumas frases de Marx e de Jeannette Vermeersch, achava a Biblioteca Rosa uma bobagem. O regulamento da biblioteca me protegia da leitura, fonte de todas as poluições morais. Então Gilbert desviava alguns livros das prateleiras de seu pai, um professor que lia as fábulas eróticas de La Fontaine ilustradas por Dubout⁹, nas quais se viam religiosas de touca copulando com um asno e padres dançando a bacanal com moças alegres, ou seja, de má vida. Compreende-se por que não obtive prêmio no *Concours général*.

Foi, de fato, Gilbert quem deu um foco aos meus anos de ginásio, com seu trabalho regular, sua aplicação de bom aluno, as horas passadas comigo diante de versões latinas, nossas partidas de futebol e de pelota basca contra uma parede mais ou menos lisa, nossos passeios de bicicleta até Jumeauville, à casa do pai dele, onde esvaziávamos as garrafas... só até a metade. Depois completávamos o nível acrescentando água, convencidos de que ele não ia reparar. Faltavam-nos alguns progressos em matéria de enologia.

Quando Dora e Adolphe foram morar em Sannois, fiquei em Paris, o que preservou meu foco, com Mouzel, com o ginásio e com Gilbert. Eu ia muito a Sannois, onde me dava com outra turma de adolescentes. Fiz em Versailles a prova de nadador salva-vidas a fim de ganhar um pouco de dinheiro no verão, o que me aproximou da piscina de Ermont, a cidade vizinha. Nesse outro contexto, eu teria estudado? Os instrutores de natação eram simpáticos, mas outros colegas de bairro me explicavam que “um homem, um homem de verdade, vai para a obra ganhar a vida e sustentar a família. Só as moças e os maricas estudam”.

Não me deixei convencer. Segui meu caminho. Foi difícil, sobretudo durante os primeiros anos de medicina. Eu não tinha bolsa, tinha de trabalhar e conseguir outra ocupação remunerada cada vez que o estágio no hospital mudava. Se tivesse sido equilibrado, não teria precisado deste sonho louco: ser psiquiatra! Já pensaram? A demissão às vezes me tentou, porque era tranquilizadora. Vender coisas não é desagradável! Teria tido colegas, teria também construído um lar. Na verdade, eu estava alienado, possuído pelo meu sonho, precisava mantê-lo. Gilbert me mostrou o caminho ao se inscrever em medicina, minha coragem mórbida fez o restante.

Cada encontro nos modifica, mas não encontramos ao acaso. Eu não encontrei o pedreiro que me dizia que só moças e maricas estudam, cruzei com ele, só isso. Ele me surpreendeu, mas não convenceu. Não foi um encontro, pois ele não me desviou do meu caminho. Ele não deixou uma marca em mim, salvo a de uma frase surpreendente que caracterizava seu grupo de adolescentes.

Mudamos de estilo relacional quando trocamos de amigos. Alteramos de projetos quando mudamos de meio. É claro, a mudança se faz a partir do que já se era. É uma inflexão, não é uma metamorfose, mas é suficiente para modificar o curso de nossa existência. Um verdadeiro encontro provoca uma influência recíproca. Dois mundos íntimos interagem, e um modifica o outro.¹⁰ Cada sujeito responde à ideia que ele faz de si mesmo, mas essa representação de si (no sentido teatral do termo) expressa-se diferentemente segundo o contexto familiar e cultural. Com uma mesma história e os mesmos acontecimentos, um sujeito pode se calar em um meio e falar muito em outro. Mas, quando fomos feridos na infância, é difícil destrancar a cripta que se instalou na nossa alma.

No ano em que completei 13 anos, morei durante uns meses com os Sergent, ignoro por quê. Esse casal de jornalistas me hospedou na rue Raynouard, perto do Trocadéro, vocês se dão conta? Diziam que ela era bela como Marlene Dietrich, com sua cabeleira loura que descia até a cintura. Ele era muito simples e muito sorridente. Nós nos separávamos de manhã, eles partiam para a rádio, eu ia para o ginásio. Nós nos encontrávamos à noite, alguém nos servia a refeição. É tudo.

Aos domingos, eu pegava meus patins de rodinha para descer correndo a escadaria do Trocadéro. Encontrava-me com alguns garotos que vinham de outros bairros para patinar nas esplanadas. As crianças dos bairros bons raramente estão sozinhas nas ruas. Em Montmartre, na rue Ordener, era na rua que aprendíamos a jogar, a falar e a fazer biscoitos que nos permitiam ganhar uns tostões. À noite, sujos e suados depois de patinar o dia todo, íamos com frequência tomar banho no Sena, junto dos degraus, sob a ponte Iéna.

Outra lembrança ainda hoje me diverte. Os Sergent falavam muito de um cantor que eles queriam gravar para a rádio. Eles instalaram na sala de jantar do seu apartamento, no térreo, uma ou duas grandes máquinas. Um técnico plantou-se no meio da rua para avisar caso um carro passasse. Nenhum carro atrapalhou o cantor, e Jean Sablon pôde tranquilamente gravar:

“Por que marcar encontro comigo sob a chuva,
Menina de olhos tão doces, tesouro que amo?
Sozinho, como um idiota, espero e me entedio
E tenho também alguns problemas.”

Após alguns meses passados na casa dos Sergent, numa acomodação confortável de um dos mais bonitos bairros de Paris, voltei com prazer para o conjugado de Adolphe e Dora. Na casa deles havia mais vida. Apesar de sua gentileza, beleza e cultura, não houve encontro com os Sergent, eu morei com eles, amavelmente.

Período sensível quando o vento muda

Um período sensível da minha infância, quando de repente se impregnou dentro de mim uma imagem que deu sentido à existência, ocorreu em Stella-Plage, uma colônia de férias da CCE.¹¹ Jacquot conseguiu um trabalho de monitor e me inscreveu para o verão. Eu tinha 14 anos, e pela primeira vez na vida vivia em um meio judeu. Nenhuma palavra sobre judaísmo. Unicamente relatos sobre a história do povo judeu, sua cultura, suas músicas e sonhos de futuro. Uma judeidade sem Deus, como me convinha. Muitas histórias da Resistência, de filosofia, de literatura, de música. Até então, ninguém me falara assim sobre a condição judaica: magnífica, grave, alegre, apaixonante. Nenhuma palavra sobre o extermínio.

Mesmo os que ainda tinham pais não conheciam quase nada do judaísmo: algumas festas, ditas religiosas, serviam de pretexto para encontros familiares, algumas citações literárias ou filosóficas, só pelo prazer de se referir aos grandes homens judeus.

O essencial dos dias era dedicado ao esporte e à preparação das vigílias, quando se elaboravam as ideias e os temas de nossa existência. Falava-se mais de lutas sociais e de história dos povos do que de religião. Todos nós sabíamos que éramos judeus, mas ninguém sabia o que era ser judeu. Decididamente, isso me perseguia. Nós nos sentíamos em família, podíamos portanto nos interessar por outra coisa.

Duas mulheres dinamizavam aquela pequena instituição: Louba e Ana Vilner. A presença delas era um acontecimento, elas não paravam de nos incentivar a brincar, refletir e dançar. Ensinavam-nos a cantar:

“Ó terra de aflição

Onde devemos sem cessar
Labutar... Labutar...
Mas um dia a vida voltará
A primavera reflorirá...”

Eu percebia naquela música uma alusão à balbúrdia da guerra e à esperança renascente.
Gostava também da queixa ídiche:

*“Es brennt, Es brennt, O briderler, Es brennt.”*¹²

Convinha-me que falássemos de sofrimento, sob a forma de uma alusão rapidamente transformada em música ou poesia, única maneira de falar dele. Relatar o sofrimento sem metamorfoseá-lo não podia senão estimular o sofrimento, como uma queixa. Era preciso, ao contrário, fazer alguma coisa com a nossa ferida. Para isso, o comunismo parecia uma arma eficaz, e em especial a Resistência.

Falava-se muito mais das FTP¹³ do que dos *Éclaireurs israélites*, não comunistas e religiosos que tinham combatido nas FFI.

Uma música glorificava a Resistência:

“Amigo, estás ouvindo o voo negro dos corvos sobre nossas planícies
Amigo, estás ouvindo os gritos surdos do país sendo acorrentado
Eia, partidários, operários, camponeses, é o alarme...”¹⁴

Esses cantos provocavam em mim uma deliciosa tristeza. Certo, tinha havido a guerra, o incêndio, a terra de adversidade e o país acorrentado. Mas a primavera reflorescerá, o alarme sairá da palha, os fuzis e a metralhadora da libertação. Uma epopeia, podem crer. A beleza, a liberdade: eis, em termos simples, o que eu sentia quando cantávamos nossas feridas com nossa voz de criança.

Durante o dia, era preciso se mexer, brincar e praticar esporte. À noite, era preciso falar e ver os espetáculos nos quais devíamos encenar os temas de nossas reflexões.

Uma tarde, depois de caminharmos muito tempo na floresta, as crianças se sentaram em volta de Jacquot e ele falou sobre... sua resistência!¹⁵ Graves e empolgados, escutávamos sem uma palavra. Eu deveria dizer “eles escutavam sem uma palavra”, porque eu estava desorientado. “Ele pode contar em público o que não diz na vida privada! Ele pode buscar as palavras, os encadeamentos de imagens que lhe permitem compartilhar sua experiência, ao passo que, na vida em família, ele não faz o trabalho de comunhão da existência!” Eu estava feliz, surpreso e confuso, e portanto mudo!

Em Stella-Plage, pediram-me que dividisse o quarto com um coleguinha do ginásio Jacques-Decour. Não hesitamos: tornamo-nos amigos. Durante o dia, organizávamos as exposições de pinturas, as decorações florais nas paredes, as manifestações a favor dos mineiros cuja greve se prolongava. Roland contestava todas as ordens de Louba e de Ana, dizendo que não devíamos nos deixar manipular pelos adultos. Eu era muito mais desapaixonado do que ele. Se a ordem me convinha, eu a aceitava. Se não me convinha, não a aceitava. Não tinha necessidade de me opor para me afirmar. Então nós discutíamos, argumentávamos pelas noites adentro. Ele não perdia uma ocasião de rir, o que, de resto, era para ele uma forma de contestação. Quando uma ordem lhe desagradava, quando um argumento o irritava, ele ria tanto, que isso lhe dava a vitória.

Ele gostava de dizer que Topor significava “machado” em polonês. “Foi por isso que meu pai teve de fugir da Polônia”, acrescentava. “Para não ser machadado.” Então alguém, inevitavelmente, perguntava: “Ele fugiu dos pogroms?” – “Não”, esclarecia Roland Topor. “Fugiu dos judeus piedosos que ele não podia

suportar.” E tinha uma explosão de riso tonitruante. “Explosão” é a palavra, pois, diante da sonoridade de seu riso, nada se podia objetar.

Durante alguns meses dividimos o quarto, os sonhos e as discussões noturnas que nunca acabavam. Depois nossos caminhos divergiram.

Eu me levantava cedo para ganhar um pouco de dinheiro, antes de ir para a faculdade. Ele se levantava tarde para ganhar o dele. Alain Lavrut, um colega do ginásio, achara um trabalho de lavador de chão e tinha me feito entrar na empresa. Antes do *bac*, inscrito em PCB,¹⁶ bastava me levantar às 4 horas da manhã e pedalar à noite, através da Paris deserta, para chegar aos belos edifícios de Champs-Élysées, onde tínhamos três horas para esfregar os assoalhos e lavar os ladrilhos antes da abertura dos escritórios. Em seguida era preciso pular de novo na bicicleta e pedalar através dos engarrafamentos, para chegar a Jussieu por volta das 9 horas e assistir às aulas até meio-dia. Às vezes eu ia acordar Roland lá pelas 13 horas. Ele se levantava e tomava, pela ordem, um copo d’água, um café, e comia um bife com fritas.

O pai dele era um homem adorável, tinha sempre uma observação engraçada para fazer, uma espécie de filosofia do deboche. Era artesão de couro e poeta. Cada vez que vendia um artigo de couro, oferecia ao comprador uma pequena coletânea de poemas que ele mandara imprimir por conta do autor. Roland dizia: “Quanto mais carteiras ele vende, mais pobres nós ficamos.”

Foi só depois da sua morte que descobri que Roland tivera uma infância comparável à minha.¹⁷ Seu pai, polonês apaixonado pela França, que exaltava Chopin e Adam Mickiewicz, teve a sorte de não passar em um concurso de escultura. Como ainda estava no segundo ano, em vez de receber uma grande soma de dinheiro conseguiu uma bolsa de seis meses para estudar em Paris. O antissemitismo desenvolvia-se tanto na Polônia, que ele preferiu ficar na França e tornar-se artesão de couro. Quando a guerra estourou, foi chamado à delegacia pela polícia de seu país de acolhida e não pelo ocupante alemão. Foi preso e encerrado em Pithiviers. Roland foi visitá-lo, assim como eu visitei meu pai uma última vez no campo de Mérignac. Durante todo o restante da guerra, Roland foi perseguido, como eu também fui: “Eu não completara 5 anos”, dirá ele depois, “mas já tinha todas as polícias da França no meu encalço”. Nós nunca falamos disso!

Começo da minha carreira política aos 14 anos

Depois de Stella-Plage e sob a influência de Jacquot, decidi me associar à UJRF.¹⁸ O comunismo me parecia a única nobreza: a URSS esmagara o nazismo, o comunismo falava de igualdade, de amanhã que cantam e de paz no mundo. Durante esse tempo, os americanos faziam a Guerra da Coreia, depois a do Vietnã, onde lançavam napalm sobre vilarejos de camponeses. Diante da tal escolha, vocês teriam hesitado?

O Exército Vermelho cantava divinamente bem, as festas comunistas eram um encantamento de amizade e alegria. Na praça do Trocadéro, comboios traziam os operários vindos de Aubervilliers para assistir a *Lorenzaccio*, em que Jean Vilar e Gérard Philipe entusiasmavam as multidões com um cenário muito simples. Íamos ouvir *A ópera de três vinténs*, praticávamos esportes ao ar livre, *camping* em Fécamp, escalada em Fontainebleau, esqui barato em Valloires, e excursionávamos pela Inglaterra de carona, em albergues da juventude. Preparávamos a reunião semanal em um local, na rue Navarin, perto do circo Medrano. As meninas dos ginásios vizinhos participavam dos debates em que discutíamos greves, arte, história, a União Soviética, a paz e a prosperidade que ela ia trazer ao mundo. Durante esse tempo, os americanos bombardeavam o planeta e estabeleciam entre os países relações de hierarquia: desgraça dos pobres! Como era possível não ser comunista?

Eu gostava muito das reuniões da UJRF. Nós as preparávamos lendo *L’Humanité*, indo ao teatro, polemizando com gente da extrema direita. Era preciso dar provas de erudição e de capacidade de respostas

vigorosas. Eu não sabia que naquele ginásio um aluno em cada três era judeu. Jamais falávamos disso, não era um valor. O que contava no pós-guerra era avançar, tentar uma aventura humana. Para adiante!

Duas pequenas sombras alteravam contudo essa paisagem idílica. As reuniões nem sempre eram exaltantes. Às vezes era preciso ver filmes “realistas socialistas”, e, como se esperava que falássemos bem, por vezes olhávamos durante horas uma torneira pingando em uma panela vazia. Era socialismo, porque a panela era de um lar pobre, e era realismo, porque se podiam observar por muito tempo as gotas caindo dentro. As discussões eram menos animadas depois de tais filmes.

“Nos últimos anos, demonstrou-se que um impacto físico importante é transmissível a várias gerações por modificações ditas epigenéticas. Não apenas há uma transmissibilidade hereditária bem previsível pelo próprio contexto familiar, mas também uma transmissão hereditária real, felizmente bastante lábil.”¹⁹ Mitchourine e Lyssenko, amigos de Stalin, sustentavam que o meio modificava a hereditariedade das características adquiridas – o que significava implicitamente que uma sociedade bem organizada, ou seja, comunista, fazia as pessoas felizes e com boa saúde através das gerações. Um professor de universidade, biólogo conhecido, vinha nos explicar que o pensamento perfeito de Lenin e de Stalin nos proporcionaria saúde e felicidade.

Durante esse tempo, o jornal *Aurore* publicava testemunhos sobre a imensa miséria social e intelectual dos países comunistas que contradiziam o professor. Foi então que os primeiros filmes coloridos saíram na França: eles eram soviéticos, explicavam-nos, provando assim que a tecnologia comunista era melhor do que a dos capitalistas!²⁰

Nosso pequeno grupo de jovens comunistas devia, pois, celebrar essa vitória. Nos anos 1950, havia perto de Barbès um imenso cinema, chamado Louxor porque sua decoração lembrava o Egito. Lá se projetaram os primeiros filmes soviéticos em cores! Nesses filmes, tudo era cor pastel, suave e claro como o *marshmallow*, que é mole e açucarado. Em um dos episódios, viam-se dois jovens declararem sua paixão diante de um trator laranja e, no fundo, um pôr do sol rosa. Com poucos recursos, o jovem casal decide pedir conselho ao camarada Stalin. O Paizinho dos pobres recebe-os em seu escritório, trajando uma túnica branca de colarinho fechado, à moda russa. Depois de escutá-los afetuosamente, Stalin lhes diz: “Antes de se casarem, meus filhos, esperem o fim do plano quinquenal.”

Nós duvidávamos da realidade dessa cena. Mas vários professores comunistas que admirávamos nos explicaram que era assim que acontecia nas democracias populares. Atribui-se até a Roger Garaudy ter respondido que, segundo a teoria de Ivan Mitchourine, papa da biologia vegetal e amigo de Stalin, a sociedade comunista era tão bem organizada que as vacas produziam mais leite. Não é errado dizer que uma vaca não estressada dá mais leite, mas é o regime comunista que a deixa tranquila?

Após dois anos de militância estudiosa e doudas exposições extraídas de *L'Humanité* e de *L'Avant-Garde*, fui recompensado com uma viagem para o festival da juventude que, em 1953, acontecia em Bucareste. Depois de vários dias de viagem durante os quais adoramos nos fazer medo (“A fronteira é intransponível... nós vamos ser presos pelos americanos”), finalmente chegamos. Primeira surpresa na estação: homens de prontidão, de roupa azul de trabalho, nos esperavam para carregar nossas malas. Quando o recusamos, eles nos disseram que tinham sido requisitados para fazer esse trabalho, e um deles, em um francês aproximativo, explicou que, uma vez que o comunismo organizara uma sociedade perfeita e eles tinham sido designados para estar no último degrau da escada, era normal que obedecessem.

Na rua, agitavam-se bandeiras, sorriam-nos, balbuciavam para nós em franco-romeno. Era uma festa. Dormimos na escola politécnica em camas de campanha, e eu partilhava o “dormitório” com jovens universitários. Em alguns dias, decifrando os jornais, eles tinham aprendido número suficiente de palavras para se virar em romeno. Na rua, nós éramos frequentemente atraídos para cantos, onde, com olhares inquietos, alguém nos explicava que a polícia estava em toda parte e depois nos pedia que lhe vendêssemos nosso *blue jeans*.

Fim da minha carreira política aos 16 anos

A polícia estava, com efeito, presente na rua, nas manifestações e até nos teatros. Uma noite, cheguei atrasado ao espetáculo e todos os lugares já tinham sido tomados. Um policial, que pedira meu endereço, quis demonstrar sua amizade. Ele me fez acompanhá-lo até as melhores cadeiras e, com um gesto de mão, mandou um espectador se levantar para me ceder o assento.

Muitos romenos tinham lutado contra o nazismo nas FTP na França. Jacquot me dera alguns endereços de resistentes com quem eu gostaria de me encontrar. No corredor, vizinhos me diziam, fazendo com a mão um sinal de evacuação: “*Sanatorium, sanatorium, Militsia.*” Eu me espantei com que houvesse tantos tuberculosos entre os resistentes e perguntei por que era necessário que a polícia os levasse para serem tratados. Levei muito tempo para entender que “sanatorium” significava “asilo psiquiátrico”. Alguns antigos resistentes estavam na prisão depois de ter tido responsabilidades governamentais, e outros tinham simplesmente desaparecido.

Um domingo de manhã, antes de assistir a um espetáculo político-esportivo com desfiles, estandartes e danças de grupo, fomos insistentemente convidados para uma manifestação da qual teríamos de participar. Meus colegas da rua Ulm e eu, jovem ginasião, nos vimos no meio de uma multidão reunida por profissão em que se gritava: “*Georghiu Dedj luptator pentru pace și popor.*”²¹

Com outros colegas da Renault, visitamos uma fábrica. A porta principal era cercada de grandes fotografias decoradas com louros. Os jovens operários se interessaram pelo ritmo do trabalho e disseram: “Se os stakhanovistas desta fábrica tivessem de trabalhar na Renault, seriam demitidos por preguiça.” Nos canteiros de obras públicas, mulheres cobertas de lama, vigiadas por um pequeno contramestre que assoviava o ritmo, suspendiam pesados canos. Outras mulheres, com pás e picaretas, cochilavam na grama dos jardins. Quando nossa intérprete brincou com elas dizendo “Tudo bem? Não estão se cansando demais?”, elas responderam rindo: “O Estado finge que nos paga, então nós fingimos que trabalhamos.” O humor é uma forma de resistência sob todas as ditaduras.

Quis visitar a faculdade de medicina. Alguns estudantes nos contaram que a prova mais seletiva da medicina não era a de anatomia, biologia ou clínica como se poderia esperar, mas a dissertação sobre marxismo, que selecionava mais severamente. Alguns estudantes desejosos de se tornarem médicos faziam o sinal da cruz antes do exame. Eles se persignavam às escondidas porque a religião era combatida. Em uma bandeirola, podia-se ler: “O cromossomo é uma invenção burguesa destinada a legitimar o capital.” Lyssenko, para reforçar a ideologia de seu amigo Stalin, proibia a crença na existência de cromossomos, que resultaria no risco de evocar uma natureza humana. Só a organização social comunista valia a pena ser pensada. Curioso materialismo.

A maior parte de meus amigos da faculdade de educação ficou perturbada. Então um deles explicou: “Quando se faz a revolução, não se faz omelete sem quebrar ovos.” Imaginei que os ovos fossem milhões de seres humanos.

Paravam-nos na rua para murmurar frases que eu entendia mal: “ocupação russa”, “polícia onipresente”, “imposto sobre a carne”, “escola proibida para os filhos dos burgueses...”

Foi contudo uma experiência humana magnífica. Os romenos adoravam a França, sua música era viva, a Berenitza fazia as pessoas dançarem na rua, a ópera chinesa nos emocionava com sua beleza, e todos os passantes expressavam sua amizade. Voltei para a França amadurecido pela aventura, mas extremamente abalado.

Quando fiz meu relatório na UJRF, no local da rue Navarin, os amigos de quem eu gostava e que tinham encantado minha adolescência se calaram. Mesmo Jeannette, cujo apoio eu esperava, desviou o olhar. Então quis fazer algumas perguntas aos dirigentes, falar sobre o meu espanto, sem agressividade. Paul Laurent, na época secretário nacional da UJRF, me respondeu que eu era jovem demais e que não soubera ver.

De volta ao ginásio, falei de meu desconforto a Jean Baby, o professor que eu admirava. Ele não acreditou em mim e disse que era preciso desconfiar da propaganda reacionária. Eu encontrava a mesma impossibilidade de falar da minha experiência durante os anos do pós-guerra, quando quis contar o que tinha me acontecido.

Porém, antes de partir para Bucareste, lera no *Le Monde* sobre o complô dos jalecos brancos denunciado por Beria, diretor da polícia política da URSS que acusava os médicos judeus de ter assassinado grande número de dirigentes comunistas.²²

O processo dos jalecos brancos, em 1953, meu desconforto em Bucareste e a entrada dos tanques russos em Budapeste em 1956 alteravam minha utopia. O real afastava-se da representação idílica. Foi difícil renunciar a esse encantamento. Quando eu disse “Não é assim que se deve lutar”, perdi meus amigos, tive de renunciar às leituras e às saídas que garantiam uma rotina à minha vida diária e euforizavam meus sonhos. Se tivesse podido conservar a fé, meus primeiros anos de medicina teriam sido menos duros. Teriam me cercado, reconfortado e encorajado, como faziam com Bernard Kouchner, já elegante com seus sobretudos de gola de veludo e corajoso ao enfrentar os que se opunham ao *Clarté*,²³ jornal das *Jeunesses Communistes* que ele vendia na rua em frente à faculdade de medicina. A dúvida lhe veio depois, mas havia nele um germe de ceticismo, pois me lembro de que criticava os artigos do jornal que vendia.

Pode-se viver sem mito? Quando uma experiência coletiva é dolorosa, quando a situação social é difícil, quando o mundo íntimo é desesperador, o mito nos reúne e dá sentido aos nossos sofrimentos.²⁴

Não se trata propriamente de uma mentira, eu diria que são experiências reais arranjadas de modo a compartilhá-las e habitar um mundo comum. A quimera da minha infância dava forma a uma experiência que eu não podia compartilhar. Essa representação de mim punha ordem em fatos reais que meu contexto relacional não suportava ouvir. No mito, ao contrário, as experiências são arranjadas a fim de compartilhar uma mesma representação. Minha quimera galopava sozinha nas minhas rumações mudas, ao passo que o compartilhamento de um mito teria organizado um relato coletivo no qual eu estaria em contato com meus próximos. Minha quimera dava coerência à representação que eu fazia de mim, iniciada na vitória sobre a morte, propiciando-me uma estranha estratégia de existência. Se tivesse podido compartilhar uma memória coletiva, teria sido apoiado e ajudado. Graças às *Jeunesses Communistes*, pude, contudo, fazer projetos sociais e ter sonhos de futuro, até o dia em que minhas dúvidas me privaram desse apoio.

A evolução perversa começa quando o mito vira dogma e nos pede que acreditemos que não existe outra verdade. A partir de então, basta que um de nós vislumbre outra evolução, descubra uma experiência diferente ou um arquivo que poderia alterar o mito, para ser tachado de blasfemador.

Quando o mito necessário se torna dogma, qualquer opinião diferente, mesmo vizinha, tem o efeito de uma transgressão. Quando o “eu” é frágil, o “nós” serve de prótese. Quando o grupo precisa de um mito para servir de suporte, a menor variação, sentida como uma agressão, legitima a agressão pretextando legítima defesa. Pode-se deportar, queimar, excomungar ou reeducar aquele que não está exatamente conforme o relato. Mudando de visão, ele destrói o mito e impede o grupo de viver junto: morte ao transgressor.

O mito do francês esperto, resistindo e ridicularizando o “alemão batata”, mudou nos anos 1980. Nessa época, minha quimera começou a se sentir menos sozinha quando os relatos culturais fizeram meu círculo ficar mais atento ao que me acontecera (ao que aconteceu com 20 mil pessoas que tiveram uma infância análoga à minha).²⁵

Palavras geladas

Os fatos eram reais, mas as palavras eram geladas.

Rabelais fez um conto com a ideia.²⁶ Seu barco navega nos mares gelados do Norte e se aproxima dos mares do Sul: “Em pleno mar nos banqueteamos, bebemos, contamos histórias e fazemos belos discursos. Pantagruel levanta-se e nos diz: ‘Nada ouvem, companheiros?’... Panurge grita: ‘Ai de nós, estamos perdidos. Fugamos. Deus do céu, são tiros de canhão...’ Pantagruel, ouvindo a barulho... diz... ‘onde habitam as Palavras, as Ideias, os Exemplares... no tempo do inverno rigoroso, quando são proferidas, elas gelam, congelam com o frio do ar...’ O piloto responde: ‘Senhor, não tenha medo. Estamos nos confins do mar glacial, onde, no começo do último inverno, ocorreu grande e sangrenta batalha entre os arimaspianos e os nefelibatas. Na ocasião, gelaram no ar as palavras e os gritos de homens e mulheres, o tumulto de maçãs, o choque de armaduras, o relincho de cavalos, todo estrondo dos combates. Passado o rigor do inverno, com o advento da serenidade e a tempérie do bom tempo, elas se fundem e são ouvidas...’ [Pantagruel], no convés, atirou-nos mãos cheias de palavras geladas... Elas nos parecem palavras licenciosas, algumas com o verde dos escudos, algumas azulinhas, algumas de areia, algumas douradas...”

Rabelais, no começo do século XVI, apresenta uma questão ainda hoje debatida. Por que um ferido na alma não pode contar senão o que seu contexto consegue ouvir? Quando o ambiente cultural é gelado, o ferido fica sozinho com seu trauma encriptado na memória. Quando o clima reaquece, quando ocorre o “advento da serenidade”, o ferido pode se expressar, é rodeado, pode retomar o lugar entre os seus.

Assim se pode compreender que o que é o outro modifica a maneira como falamos de nossa ferida. Segundo a pessoa a quem dirijo meu relato, remanejo a representação de meu passado. A pessoa a quem me dirijo participa da minha história! Será que, rearrumando os relatos em torno de mim, conseguirei expressar com serenidade o que me aconteceu?

Quando, durante a guerra, uma menina grande, Anne Frank, escreveu seu diário,²⁷ não fez senão relatar acontecimentos terríveis mas suportáveis. Sabe-se, não se vê. A tensão emotiva é provocada pela espera da morte e não pelo amontoamento de cadáveres.

Na mesma época, Primo Levi, capaz porém de poesia e reflexão, prefere escrever *É isto um homem?*, porque acha que seu depoimento lhe permitirá vingar-se dos criminosos: “[...] um livro, como um revólver na têmpora dos agressores.”²⁸

O *diário de Anne Frank* conta uma história suportável e comovedora. Primo Levi, depois de ter sido recusado por várias editoras, que lhe respondem que ninguém vai se interessar por tamanhos horrores, vende apenas setecentos exemplares no ano da publicação de seu livro, em 1947.

A menina grande, com seu relato deliciosamente triste, degelou muito mais as palavras do que o sábio que, com seu depoimento insuportável, gelava os leitores e reforçava a negação.

Parece-me que foi a popularização dos Justos o que reaqueceu a atmosfera. Em 1953, o parlamento israelense votou uma lei para homenagear os “Justos entre as nações que arriscaram a vida para ajudar os judeus”. Nenhum eco respondeu até 1961, data do processo Eichmann. Os organizadores, temendo que o governo alemão se sentisse agredido, rapidamente destacaram alguns alemães “Justos entre as nações”, a fim de deixar claro que não estavam acusando um povo. No ano seguinte, muitas instituições judaicas pediram a inclusão na homenagem de um número tão grande de Justos que a Knesset precisou inaugurar uma ala de Justos em Jerusalém.²⁹

No começo dos anos 1980, o degelo das palavras foi manifesto. Eu escutava estranhas frases em torno de mim. “Parece que prendiam até as crianças... Alguns iam à delegacia com sua roupa de domingo e as medalhas de guerra... nunca mais foram vistos.” Nos meios de esquerda, a religião não participava da identidade. Dizia-se que nos campos havia romenos, húngaros, poloneses ou franceses, mas não se dizia que eram judeus ou cristãos, uma vez que a religião nada significava.

Um dia, uma enfermeira do centro médico-social de La Seyne-sur-Mer, onde eu era médico, me trouxe um número de *Historia*, no qual Michel Slitinsky escrevera um curto artigo sobre as prisões em massa durante a guerra. Podia-se ler que “o bravo soldado Cyrulnik, ferido em Soissons, na Legião Estrangeira, foi

preso no seu leito de hospital pela Gestapo bordelesa”. “É alguém da sua família?”, perguntou a enfermeira, senhora Richard.

Quer dizer que estava escrito na revista *Historia*! Meu pai tinha sido corajoso, ferido em Soissons e preso na companhia de um soldado húngaro do mesmo regimento. Esses homens tinham sido presos e deportados pela polícia do país pelo qual eles combatiam!

Em 1981, em Hyères, Paul Guimard organiza um encontro com Jean-Pierre Énard, diretor literário a quem eu acabara de remeter meu primeiro manuscrito. Eles dizem que Maurice Papon, que participou do governo Barre, se opõe fortemente a François Mitterrand. Vai haver muitos problemas, afirmam eles, porque Serge Klarsfeld³⁰ acaba de achar documentos autenticando as ordens de requisição assinadas durante a guerra por Maurice Papon.

Algumas semanas antes, Michel Slitinsky me enviara fotocópias de decretos municipais nos quais pude ver listas de crianças que a polícia devia prender. Embaixo de muitos documentos, podia-se ler “Pelo prefeito, o secretário-geral”, assinado Maurice Papon.

Tempos depois, quando Slitinsky me enviou seu documento,³¹ descobri que, no dia 16 de março de 1943, Maurice Papon assinara a transferência de prisioneiros do campo de Mérignac para o campo de Drancy. Meu pai talvez estivesse nesse comboio em direção a Auschwitz.

Minha prisão estava programada para o dia 16 de julho de 1942, mas escapei porque minha mãe me deixara na Assistência Pública. Em 18 de julho de 1942, era ela que partia para Auschwitz.

O pai de Philippe Brenot, médico em Mérignac, me disse que tivera oportunidade de ver um documento do campo no qual estava escrito: “Boris Cyrulnik, 5 anos. Evadido.” É impossível. O arquivo se engana, eu não tinha 5 anos, não fui ao campo de Mérignac a não ser uma vez, para ver meu pai.

Margot, pouco antes de morrer, relatou o episódio em que ela cuidou de mim. Descubro que, antes de me recolher em sua casa, ela me confiou a uma família de Villenave-d’Ornon: nenhuma lembrança. No dia da minha prisão, ela era professora em Coutras: eu não sabia. Depois da minha evasão, foi o casal André e Renée Monzie que cuidou de mim: eu o soube em 1985, durante um congresso sobre linguagem, quando o senhor Monzie pegou o microfone para me contar em público.

Esses momentos cruciais nada deixaram na minha memória. Em compensação, querem que eu conte como Margot me dava torrões de açúcar quando veio me buscar na Assistência? Eu me lembro de que estava de pé encostado nela, para ficar mais perto da caixa que ela tinha no colo. Eu me lembro do gesto que ela fez quando me disse que tinha acabado. Querem outros detalhes? Estão aqui, claros e precisos, inscritos na minha memória. “É próprio do acontecimento traumático resistir à historização.”³² A memória traumática é uma marca imobilizada. Ela não evolui, surge de dia de maneira inopinada, às vezes evocada por um simples sinal percebido no ambiente. De noite, a marca volta sob forma de pesadelos, como a revisão de uma terrível lição que reforça a memória do horror.

O processo de historização é diferente. Ele é intencional, uma vez que deve buscar lembranças, explorar documentos e provocar encontros que nos permitam remanejar a representação do passado, mudar de opinião e de maneira de ver as coisas.

A memória histórica não é a memória narrativa

A evidência histórica não é a evidência narrativa. Eu precisava da coerência de meu relato mudo para me ajudar a me dirigir dentro de um mundo hostil. Mas, ao me contarem minha infância, descobri um novo continente. A modificação de relatos culturais modificou meu relato íntimo, eu já não me contava a minha história! Quando o clima se suavizou, as palavras degelaram, pude ouvir de outra maneira meu passado e compartilhá-lo com milhares de confidentes, falar normalmente, de alguma maneira.

É claro, o processo Papon tinha uma intenção pedagógica. As mídias transformaram-se em professores de história, os mudos foram convidados a falar. Eles contaram, testemunharam, esclareceram, modificaram suas memórias feridas. Competia à justiça o papel pedagógico? “Não estariam confundindo o recinto do tribunal com um colóquio ou uma sala de aula de ginásio?”³³

Esse processo me pôs pouco à vontade, embora tenha me beneficiado dele. Não senti orgulho por agredirem um homem velho. Seria a lembrança do miliciano lentamente linchado no Grand Hôtel de Bordeaux durante a Libertação, em setembro de 1944? Teria preferido mais nobreza por parte de meus libertadores, um pouco de dignidade por parte daqueles de quem eu me sentia próximo e que tinham condenado Papon antes de julgá-lo.³⁴ Em 1981, não se falava de crimes do governo de Vichy. Em tal contexto, Papon não teve dificuldade em constituir um júri de honra para evocar uma vaga filiação nas *Forces Françaises Combattantes* (FFC). Nessa época, todos os movimentos sociais se fortaleciam com o conformismo, que sabia provocar indignações coletivas. Em 1933, a maioria dos alemães votou contra o nazismo. Depois, a rotina dos *slogans* levou esse grande povo, essa bela cultura germânica a se submeter a uma ideologia estúpida: “O prosseguimento mecânico da vida cotidiana serve de obstáculo contra qualquer reação vital à monstruosidade.”³⁵ Primo Levi manifesta a mesma ideia: “Os perigosos são os homens comuns.”³⁶ “A cultura do funcionário público da época é obedecer sem se perguntar.”³⁷ De tempos em tempos, convém programar uma pequena revolta. Todos os funcionários de regimes totalitários aceitam participar do regime, mas regularmente se permitem uma pequena discordância. “Quase todos os altos funcionários do regime de Vichy começam a prestar serviços à Resistência.”³⁸ Contestavam um pouco a ordem de prender as crianças, pediam aos superiores hierárquicos que pusessem palha nos vagões de animais que carregariam os prisioneiros até Drancy e depois para Auschwitz, solicitavam aos chefes que distribuíssem alguns cobertores e algumas caixas de leite condensado às 1.700 pessoas que viajavam para morrer. Tal comportamento é habitual quando as relações hierárquicas exigem da pessoa a submissão a ordens criminosas. Ela obedece porque é funcionária, mas acrescenta uma pitada de revolta para preservar a autoestima. A adaptação permite manter o posto e executar as ordens criminosas sem culpa.

É difícil não adotar tal estratégia. Quando um funcionário se envolve sem criticar, e por vezes até se antecipa às ordens dos carrascos, terá de reconhecer que participou do crime. Quando, ao contrário, se rebela e se arrisca a ser demitido, pode ter de pedir demissão ou refugiar-se na Resistência. Todos os que participaram de um regime criminoso e se adaptaram, submetendo-se para manter o emprego, acrescentavam vez por outra uma ponta de rebelião a fim de não se sentirem culpados e poder dizer: “Eu apenas obedeci.” Maurice Papon fez como muita gente.

Em abril de 1998, data do veredicto, alguns instigadores haviam mudado a cultura. Claude Lanzmann foi um deles quando, no seu filme *Shoah*, em 1985, denunciou o crime de obediência. Dando a palavra aos criminosos e às testemunhas do genocídio, ele foi mais longe do que o enunciado dos fatos e a leitura dos arquivos. Ele desvelou o mundo íntimo dos criminosos de massa que se sentiam inocentes. No fim do filme, eu achei que se calar era fazer-se cúmplice desses criminosos e seus herdeiros, os negadores.

A era da negação chegava ao fim. A França estava reconstruída, os jovens sabiam que seus pais tinham conhecido uma guerra no passado. De Gaulle já não podia dizer: “Acima de todas essas desgraças, o silêncio e o esquecimento assentam-se melhor do que os choros”, os judeus já não queriam calar-se para não perturbar os outros. Era preciso falar! O contexto cultural, suavizando-se, degelava as palavras. Bousquet já não podia ser inculcado, uma vez que tinha sido abatido de forma idiota.* Restava Papon. Culpado secundário, condenado a dez anos de prisão, sabendo que não os cumpriria, foi repreendido por “quase crime contra a humanidade”.

Muitos amigos meus tinham trabalhado com ele. Falavam muito bem dele. Era trabalhador, confiável, culto e um companheiro agradável. É claro, tinha exagerado um pouco durante a guerra. Excessivamente

zeloso, tomara algumas decisões que poderia ter evitado, mas, explicavam, não tinha sido o único, e muitos permaneceram no poder.

A memória de si é fortemente ligada aos contextos sociais. As histórias que contamos dependem da nossa posição social e dos relatos da cultura que nos cerca.³⁹

Para não morrer durante a guerra, tive de me calar, fazer segredo. Depois, para me adaptar à negação cultural dos anos do pós-guerra, tive de falar de forma torta, por alusões, por silêncios que provocavam no meu círculo uma sensação de estranheza. A partir dos anos 1980, cedi com alívio aos convites para falar. O mesmo acontecimento, o mesmo fato social foi inicialmente impossível de contar, depois deformado, e depois revelado segundo os relatos do contexto.

O degelo das palavras

O processo Papon me fez um favor! Na ocasião de sua primeira inculpação, em 1981, quando meu nome apareceu em alguns relatórios e algumas revistas, amigos surpresos me fizeram perguntas. Respondia-lhes com prazer, mas não era fácil, uma vez que eles imaginavam mal o desenrolar dos fatos. Como não tinham nenhum conhecimento da *Shoah*, suas perguntas eram absurdas: “Uma criança não pode entender o que é a guerra”, afirmava-me amavelmente uma jovem professora de direito. Outra me perguntava ansiosamente o que tinham feito comigo os pedófilos, visto que se falava muito disso na mídia dos anos 1990. Um empresário me explicava com admiração que o fato de eu ter conseguido escapar era prova da minha qualidade biológica superior. Ao final de um júri de tese, uma mulher da plateia me interpelou em voz alta: “Li sua história no livro de Slitinsky:⁴⁰ como o senhor fez para escapar?” Eu acabara de dizer “adeus” à jovem doutora, apressava-me para pegar meu carro, dispunha de trinta segundos para responder!

Eu não podia criticar esses questionadores atrapalhados, uma vez que, por ter me calado, tinha contribuído para sua ignorância.

Minha infância tornou-se pública quando indiquei Margot para receber a medalha dos Justos em 1997. De temperamento reservado, ela me pediu que organizasse uma cerimônia discreta. Mas seu marido, Georges Lajujie, era pessoa conhecida em Bordeaux, adjunto de Chaban-Delmas, forte personalidade, então a cerimônia não podia passar despercebida. Ao chegar à prefeitura, vi uns vinte ex-combatentes com medalhas e bandeiras, o comitê de Yad-Vashem,⁴¹ uma dezena de jornalistas e boa parte do conselho municipal.

A pedido de Margot, respondi vagamente às perguntas, a ponto de alguns erros cometidos ofenderem a pessoas que eu não queria ofender de forma alguma. Então eu intervim para reparar os mal-entendidos, dando assim a impressão de que expunha em praça pública uma infância que eu escondera.

Mas eu a escondera em um contexto que exigia que me calasse. A partir dos anos 1980, quando o contexto cultural mudou graças aos filmes, aos ensaios e aos documentos que relatavam bem, ou não tão bem, a *Shoah*, fiquei feliz por me deixar levar pelo degelo das palavras. Por isso fiquei surpreso ao não ser convidado a testemunhar no processo de Papon. A citação do meu nome foi, ao que parece, seguida de um longo silêncio. Depois se passou a outra questão.

Eu acreditava ter sido o único que sobrevivera à prisão em massa de 10 de janeiro de 1944. Achava que a mulher moribunda em cima de mim não conseguira sobreviver, não tivera acesso aos arquivos (minha negação não me estimulava a pesquisar).

Há alguns meses, Michel Achouker me telefonou: “Tenho a sua idade, estava preso com você na sinagoga de Bordeaux. Quer se encontrar comigo?”

Por que pedi a Yoram Mouchenik⁴² que assistisse ao encontro? Esse jovem universitário refletia sobre a psicologia das crianças escondidas, eu o lera com interesse. Eu ia poder conhecer meu único colega

sobrevivente. Escrevendo estas linhas, descubro que, inconscientemente, pedi a Yoram que fosse comigo porque temia que não me acreditassem, mais uma vez! Toda vez que deixara escapar um fragmento de testemunho, tinha provocado a dúvida, a incredulidade.

Yoram foi, e nós conversamos alegremente com Michel. Vocês leram direito “alegremente”, é o único meio de falar disso. Nos anos anteriores à guerra, o pai de Michel era médico no bairro de Faubourg-Poissonnière. Comprara um velho imóvel que reformara empregando operários turcos. Quando a guerra explodiu, achou que Paris se tornara perigosa e mandou o filho para a casa de um amigo padre, em Bordeaux. Foi na casa dele que a criança foi presa. Nós tínhamos exatamente as mesmas lembranças da sinagoga: a seleção na chegada, os arames farpados no meio do templo, os prisioneiros deitados no chão, a brutalidade dos soldados. Tinha ficado em cima do cobertor, tranquilizado pela mulher e pelas caixas de leite condensado. Fora transferido para Drancy nos vagões de animais. Seu destino estava traçado.

Foi então que um operário de seu pai, requisitado para fazer reparos no espaço que servia de prisão entre os edifícios, reconheceu o filho de seu patrão. Ele pegou o menino pela mão, aproximou-se de um guarda e disse: “Este menino não é judeu. É meu filho. Ele é muçulmano.” “Então”, disse o guarda, “se é seu filho, leve-o.”

Michel, que se tornou médico, explicou-me as dificuldades que também ele tivera para contar tudo isso. Por isso, quando o processo foi aberto em Bordeaux em 1997, ele pedira para testemunhar. Responderam que não precisavam dele.

Eu não sabia, nessa data, que a mulher moribunda em cima de mim não havia morrido. Soube depois que ela também não fora chamada a testemunhar. Contudo, abalara-se com os relatos que ouvia, que despertavam o trauma reprimido.⁴³

Cinquenta anos depois da guerra ainda nos faziam calar! Mas o clima se suavizava, as palavras degelavam e os jovens começavam a se interessar pela *Shoah*, como quem se interessa por uma tragédia antiga. Continuava difícil falar, porque é complicado integrar um acontecimento anormal em uma representação lógica. Mal uma tragédia é enunciada, já é envolvida pelos estereótipos do contexto.

Memória dos fatos e estruturas sociais

Em 1985, fui convidado para o NIMH de San Diego, nos Estados Unidos,⁴⁴ na companhia de Jean-Didier Vincent, o reputado neurobiologista. Ao final da guerra, estávamos na mesma escola, a do senhor Lafaye. O pai dele, figura importante da Resistência bordelesa, desempenhara papel fundamental na libertação de Castillon. Uma noite, em torno de uma mesa onde relatávamos nossas infâncias camponesas, ele disse sem se dirigir especificamente a ninguém: “Você, Boris, foi jogado pela janela de um trem. Foi assim que conseguiu escapar dos campos.” Respondi que, com efeito, eu evitara a morte por pouco, mas que não tinha sido jogado pela janela de um trem. Ninguém fez perguntas. Rimos de outras coisas.

Jean-Didier sabia provavelmente que eu tinha sido escondido pelo senhor Lafaye, pois ele também era aluno. Seu pai, a família ou as pessoas de Castillon devem ter falado a respeito. Depois, em cima dessa verdade parcial, ele calcou um estereótipo cultural, uma imagem de filme provavelmente, na qual se vê uma mãe atirar um bebê pela janela de um “trem da morte”. Como frequentemente fazemos, ele condensou duas fontes diferentes de sua memória: uma fala familiar e uma imagem convencional.

Depois do processo Papon, encontrei muita gente que me contou a infância. Georges Gheldman descobriu o arquivo, o documento oficial do comboio nº- 7 que enviou para a morte sua mãe e a minha no mesmo vagão.

A senhora Yvette Moch me escreveu uma carta dizendo que me vira fugir. Ela entrara na sinagoga graças a um avental de enfermeira da Cruz Vermelha para tentar salvar o pai, como testemunhou no processo

Papon. Porém, esclarece, “assisti à sua ‘evasão’ sob a capa protetora da enfermeira”.⁴⁵ Por que ela põe entre aspas “evasão”? Poderia tratar-se de outra coisa? Mas depois, quando falei sobre isso com a senhora Descoubès, nós dois concordamos claramente: nunca estive sob a capa da enfermeira. A senhora Moch, durante sua corajosa incursão dentro da sinagoga, deve ter me visto sozinho ou tentando me evadir, pois eu fiz diversas tentativas antes da que foi bem-sucedida.

Muita gente, falando da minha evasão, evocou a imagem ajustada da capa da enfermeira. Algumas pessoas, com fantasias mais ousadas, chegaram a afirmar que eu me escondera sob a saia da enfermeira. Elas fizeram a condensação das lembranças que leva a uma lógica abusiva: nós vimos três pés de uma mesa, mas na lembrança vemos os quatro pés da mesma mesa. É uma representação lógica, ainda que, na realidade, a mesa se sustentasse sobre três pés.

A memória traumática é uma lembrança fixa que se repete continuamente. É uma parada da história, uma memória morta. Mas, quando podemos compartilhar a lembrança de uma provação passada, a memória torna-se outra vez viva. Então nos surpreendemos com os rearranjos que deram coerência à representação de uma realidade louca, fazemos evoluir a lembrança. Vemos as coisas de outra forma quando o ambiente cria locais específicos para falar.

Meu contexto não degelara em 1967, quando conheci Pierre Marty. Eu era um médico recém-formado em neurocirurgia no hospital Pitié, quando, uma manhã, por volta das 8 horas, os padioleiros assoberbados depositaram no chão uma mulher multifraturada. É um momento de grande atividade em um serviço hospitalar: os médicos assumem seus postos, as enfermeiras passam as instruções, lava-se o chão, prepara-se a visita, há gente apressada constantemente passando por cima da mulher ferida.

A encarregada me diz que não podemos deixar a mulher deitada na maca, vamos abrir uma sala de consulta e colocar a ferida em um leito de exame – o que foi rapidamente feito. Assim que o médico chega, explicam-lhe a situação e ele senta-se na poltrona para esperar que o exame termine. Enquanto nós nos atarefamos em volta da ferida, fazendo-lhe perguntas, passando instruções uns aos outros, a enfermeira me chama pelo nome: “Senhor Cyrulnik, quer que solicitemos tal exame?” Ao ouvir meu nome, o médico sobressalta-se, e enquanto examino a ferida ele vem me olhar no rosto: é de fato a expressão correta: “no rosto”. Ao final do exame, quando a calma voltou, ele aponta o dedo para mim e diz: “Seu pai se chamava Aaron.” Como ele podia saber que era esse o nome do meu pai? Espantado e feliz, confirmei e perguntei como podia saber o nome dele: “Antes da guerra, nós militamos juntos em um movimento antifascista.” Eu acabara de encontrar alguém que podia falar de meu pai e me dizer como ele era na vida real, e não somente num papel, numa cruz de guerra e numa certidão de desaparecimento em Auschwitz.

Os pacientes chegavam. Ele me deu seu cartão e me pediu que fosse visitá-lo. Li: “Pierre Marty, psicanalista, boulevard Saint-Germain.”⁴⁶

Jamais fui vê-lo.

Tinha a impressão de que, se falasse com ele sobre a morte de meu pai, acabaria expondo a perda da minha família... O que eu faria com todos os desaparecimentos, as perdas sem luto? Teria enchido a cripta da minha alma com lembranças de que ninguém naquela época queria ouvir falar? De que adianta fazer reviver um sofrimento com o qual não se pode fazer nada? A negação me protegia a um preço humano muito elevado.

Se fosse hoje, eu iria procurá-lo e sentiria alegria em conhecer minha família desaparecida, como fiz com Dora quando ela finalmente pôde falar de sua infância e da guerra, poucos anos antes de morrer. Ela também sentiu prazer em abrir sua cripta quando a cultura lhe deu a possibilidade de expressar-se tranquilamente.

Mudança de clima

Nathalie Zajde, de volta à França (1988), trouxe sua experiência americana com o objetivo de compreender o que um trauma transmite através das gerações. Ao fazer parte de sua banca de tese, ela me fez descobrir que o não dito protetor podia alterar as relações.⁴⁷

Jacques Chirac, ao reconhecer em 1995 o crime do governo de Vichy, alterou profundamente a maneira de pensar o genocídio. Vocês vão ficar surpresos, mas eu acho que, quando Maurice Papon em 1998 foi repreendido por “quase crime contra a humanidade”, ele colaborou com essa evolução! Não era o que ele pretendia, mas não era o homem que se estava julgando, era o mistério de um sistema social que permitira aos dirigentes apor ao final de uma folha de papel uma assinatura que mandava para a morte 1.600 pessoas inocentes e depois voltar para casa com a consciência de trabalho bem-feito e a promessa de uma bela carreira.

A França dessa época era povoada de várias centenas de pequenos Papons. Era preciso condená-los: um a dez dias de prisão por ter dirigido o ônibus que levava ao trem da morte, outro a uma multa por ter datilografado a lista dos que deveriam ser detidos?

Não estou falando dos que se engajaram nas Waffen SS ou na milícia;⁴⁸ esses combatiam e aceitavam o risco de morrer. Não estou falando dos milhares de cartas de denúncia nas quais o autor mandava para a morte o próprio patrão a fim de ficar com sua loja no programa de arianização dos bens dos judeus, ou de quem denunciava a condição judaica do professor de medicina a fim de liberar um posto na universidade.⁴⁹ Estes foram soldados ou delinquentes, e a lei se aplica a eles. O que me espanta é a inacreditável submissão de certos homens, capazes de matar simplesmente para obedecer.⁵⁰

Os judeus que chegaram à França nos anos 1930 acreditavam chegar ao país da cultura e dos direitos do homem, onde a condição humana era tão bela que Deus mesmo tinha orgulho de suas obras. Eles não suspeitavam a que ponto o antissemitismo dominava os relatos. Gobineau e Drumont, ao final do século XIX, já preparavam a opinião pública ao expor a necessidade do racismo.⁵¹ Os romances, filmes, peças de teatro, exposições, os jornais e sobretudo as expressões antissemitas da linguagem de todos os dias estruturavam esse movimento cultural.⁵² A França apaixonada por Pétain não ficou chocada com a lei sobre o status dos judeus que, em 1940, os privava do direito ao trabalho e à proteção. Ela recitava Maurras nessa época, extasiava-se, como ele, com a “obediência serena”, cantando alegremente: “Eis-nos, Marechal, diante de ti, o Salvador da França”, e o perigo da judeidade era denunciado: “Se a escola acolhe um judeu, ele saberá a língua d’oc melhor do que nós. Se aceitarmos esse judeu excelente... estaremos pondo-nos antecipadamente em má situação.”⁵³ Na verdade, o pretexto da legítima defesa servia para legitimar a agressão aos judeus.

A transformação da opinião pública se deu, sem transição, depois da lei sobre o porte da estrela, em 1942. De repente, a representação dos judeus metamorfoseou-se. Já não era possível submeter-se à imagem do judeu de nariz e dedos recurvados para melhor se apropriar do ouro dos bem-pensantes. Os judeus se tornavam pessoas comuns: senhor Blumen, o louro professor de matemática, senhor Cohen, o alfaiate de nariz reto, ou Lévi, o músico de mãos longas. Essas pessoas reais já não eram suporte de fantasias persecutórias. A França cristã, mudando de representação graças ao porte da estrela amarela, voou em socorro dos judeus. O mesmo fenômeno aconteceu nos Países Baixos: assim que o porte da estrela amarela, com a inscrição *Jood*, foi tornada obrigatória em abril de 1943, a população protegeu os judeus. Este fenômeno não aconteceu na Alemanha ou em outros países da Europa central, porque a marcação foi decidida quando a exterminação já estava concluída.

O processo Papon não julgou um homem. Os que colaboraram já tinham respondido em 1945, na ocasião dos 300 mil dossiês abertos: 125 mil foram condenados, dos quais 25 mil funcionários públicos (de um total de 700 mil). Houve até 12 mil fuzilados. Quanto aos responsáveis administrativos, colaboradores econômicos e científicos, foram tratados com bastante indulgência. Os subalternos pagaram, como de hábito.⁵⁴

O processo não teve o efeito pedagógico esperado: 82% dos sondados aprenderam pouca coisa sobre o período da ocupação. E 62%, ao final do processo, tinham ideias menos claras sobre o papel de Papon durante a guerra.⁵⁵

Os historiadores, convocados ao tribunal para dizer “a verdade, somente a verdade...”, não se sentiram à altura daquela missão. Alguns recusaram, como Pierre Vidal-Naquet, Michel Rajsfus e Henry Rousso. Outros aceitaram, com a condição de serem considerados simplesmente *experts*, auxiliares da justiça, e não garantidores da verdade.⁵⁶

Contudo, apesar dessas reservas, o processo mudou nossa cultura. Hoje já não se julga a colaboração da mesma maneira que em 1945. Depois da guerra, pensava-se que aqueles aproveitadores tinham armas na mão. Sessenta anos depois, nós nos indignamos com a frieza e a tecnicidade de seus crimes racistas. O efeito pedagógico foi retardado. Foi preciso que os historiadores, filósofos, testemunhas e artistas elaborassem os fatos levantados pelo processo para que nossa cultura aprendesse a falar deles.

Nem ódio nem perdão

Eu me beneficieei bastante com esse processo que me perturbou. Quase todo o mundo falava dele com curiosidade e às vezes indignação. Eu ouvia: “Não vale a pena julgar Papon, é preciso abatê-lo imediatamente.” Ao que outros respondiam: “Ele não é culpado de nada, deve ser libertado.”

Enfim, falava-se!

Pessoas me fizeram perguntas, interessaram-se, admiraram-se, maravilharam-se, compadeceram-se: minha cripta já não tinha razão de existir, uma vez que me davam a palavra. Pude contar, nessa ocasião, quando me vinha à cabeça, duas ou três coisas sobre a ruptura da minha infância e sobre minhas tentativas de existência. Expressando-me, eu me tornava como todo mundo. É estranho escrever isso, pois calar provocava em mim um sentimento de mal-estar tanto quanto falar. Mesmo expressando-me, eu não era como todo mundo. Como responder a “As pessoas que o protegeram abusaram de você? Os Justos que não foram deportados colaboraram? Você perdoou?”.

Nem ódio, nem perdão.

Ninguém pediu meu perdão, salvo talvez os jovens alemães que se sentem ainda culpados dos crimes de seus avós. Por que me pedem perdão? Quando um homem viola uma mulher, o filho dele não é posto na cadeia.

Todas as religiões pedem perdão por um mal intencional ou involuntário feito ao próximo. Os judeus têm o Yom Kipur (Dia do Perdão). Os ortodoxos pedem perdão uns aos outros, telefonam-se e convidam-se para jantar. O Corão ensina que “uma palavra agradável e um perdão valem mais do que uma esmola” (surata 2, 163).

Não sentimos necessidade de conceder perdão à catástrofe natural que queimou nossas florestas ou inundou nossas colheitas. Não temos ódio de um fenômeno da natureza, desconfiamos dele, só isso. E, para nos preservarmos no futuro, procuramos compreendê-lo para melhor controlá-lo. É diferente da identificação com o agressor de algumas vítimas que invejam o lugar do carrasco. Identifica-se o agressor, como o camponês arruinado por um jorro de lava que se torna especialista em vulcões.

É um pouco o que sinto quando penso no nazismo e no racismo. Esses homens se submeteram a uma representação cortada da realidade. Não suportavam a ideia que faziam a respeito dos outros: morte aos parasitas, aos judeus, aos árabes, aos auvernios e aos *zazous*. Passaram ao ato para obedecer a uma representação absurda. A submissão que os unia lhes dava uma estranha sensação de força: “Nosso chefe venerado é poderoso graças à nossa obediência.”

A escolha não é, portanto, entre punir ou perdoar, mas entre compreender para ganhar um pouco de liberdade ou submeter-se para vivenciar a felicidade na servidão.⁵⁷ Odiar é permanecer prisioneiro do passado. Para livrar-se, é melhor compreender do que perdoar.

* Bibliothèque Rose: coleção de livros infantis editada desde 1856, destinada a crianças de 6 a 12 anos. (N. da T.)

* René Bousquet, secretário de polícia no regime de Vichy, morreu assassinado em Paris, em 1993. (N. da T.)

NOTAS

CAPÍTULO 1: A GUERRA AOS 6 ANOS

1. Documentos dos Arquivos Slitinski, fornecidos pelo doutor Erik Aouizerate
2. Semprun J., *L'Écriture ou la vie*, Paris, Gallimard, 1994, p. 149.
3. Perec G., *W ou le Souvenir d'enfance*, Paris, Denoël 1975; Paris, Gallimard, "L'Imaginaire", 1993. Livro dedicado a *La Disparition*, outro livro no qual o que desapareceu foi a vogal "e" como "eles, meus pais".
4. Regimento de voluntários estrangeiros. De 11 mil soldados, 7,5 mil foram mortos em 8 de junho de 1940, antes de Soissons.
5. Crémieux R., "Stücke or not Stücke", em *Devoir de mémoire: entre passion et oubli*, Revue française de psychanalyse, Paris, PUF, 2000. tomo 44, p. 48.
6. STO: Serviço de Trabalho Obrigatório. Milhões de homens, prisioneiros dos nazistas, foram engajados nesse trabalho forçado. Na França, cartazes "convidavam" os homens a procurar trabalho na Alemanha, para alimentar suas famílias.
7. Soube muito tempo depois que o estudante se chamava Jacques de Léotard e que se tornou advogado.
8. Esta situação é rara. Praticamente todos os conventos e até instituições pétainistas esconderam crianças judias. Testemunho: *Les Enfants cachés*, Memorial da Shoah, 1º de julho de 2012.
9. Besouro-da-batata: inseto coleóptero com élitros riscados de preto, que devorava as folhas das batatas, como os alemães, quando requisitavam a colheita. 9.
10. Valérie Mamou Blanché, *Le secret de Mamie "Le petit"* (O segredo da Vovó, "O menino"), texto que Valérie me deu, 2011.
11. Cyrulnik B., *Je me souviens*, Odile Jacob, "Poches Odile Jacob", 2010.
12. Maurice G., *Un jour: Les grandes personnes*, citado por Rachel Drezdner, doutoranda, Toulon-Nantes, 2012.
13. Stewart S., *Mémoire de l'inhumain. Du trauma à la créativité*, prefácio de Joyce McDoufall, Paris, Campagne Première, 2009.
14. Braunschweig M., Gidel B., *Les Déportés d'Avon. Enquête autour du film de Louis Malle, Au revoir les enfants*, Paris, La Découverte, 1989, p. 35.
15. Matot B., *La Guerre des cancrs. Un Lycée au coeur de la Résistance*, Paris, Perrin, 2012, p. 221.
16. Testemunho de Charles Louis La Caze, aluno da quinta série, na mesma classe de Louis Malle e "Jean Bonnet", in M. Braunschweig e Gidel B., *Les Déportés d'Avon, op. cit.*, p. 35.
17. Testemunho de Guy de Vogue, aluno da terceira série em 1944, depoimento dos alunos da escola de ensino público de Avon.
18. Matot B., *La Guerre des cancrs, op. cit.*, p. 221.
19. Louis Malle, carta pessoal, dezembro de 1988. Folheando os arquivos, descobro que "Jean Bonnet" foi aluno do liceu Jacques-Decour, para onde iria depois da guerra, e foi preso no dia 15 de janeiro de 1944, cinco dias depois de mim.
20. Schacter D. L., *À la recherche de la mémoire*, Bruxelas, De Boeck Université, 1999, p. 24.
21. Dudley K. J., Xiang L., Kobor M. S., Kippin T. E., Bredy T. W., "Epigenetic mechanisms mediating vulnerability and resilience to psychiatric disorders", *Neuroscience and Biobehavioral Review*, 2011, 35, pp. 1549-1551.
22. Bredy T. W., Barad M., "The histone deacetylase inhibitor valproic acid enhances acquisition, extinction and reconsolidation of conditioned fear", 2008, 15, pp. 39-45.
23. Gilbertson M., Paulus L., "Williston S., Neurocognitive function in monozygotic twins discordant for combat exposure: relationship to post-traumatic stress disorder", *Journal of Abnormal Psychology*, 2006, 11, pp. 485-495.
24. Kristin W., Samuelson P. D., "Post-traumatic stress disorders and declarative memory functioning: A review", *Dialogues in clinical neuroscience*, 2011, vol. 13, nº 3, pp. 346-351.
25. Johnsen G. E., Asbjensen A. E., "Consistent impaired verbal memory in PTSD: A meta-analysis", *Journal of Affective Disorders*, 2008, 111, pp. 74-82.
26. Bremner J. D., Vythilingham E. M., Vermetten E., "MRI and PET study in hippocampal structure and functions in women with childhood abuse and post traumatic stress disorders", *Bio Psychiatry*, 2003, 160, pp. 924-932.
27. Williams J. M., Baruhofert T., "Autobiographical memory and emotional disorder", *Psychological Bulletin*, 2007, 133 (1), pp. 122-148.

28. Nowak M., *La Banquière de l'espoir*, Paris, Albin Michel, 1994, p. 126.
29. Schacter D., L., *À la recherche de la mémoire*, op. cit., p. 130.
30. Loftus E. F., Pickrell J. E., "The formation of false memories", *Psychiatric Annals*, 1995, 25, pp. 720-725.
31. Denis Peschanski, Séminaire Ardix, Paris, 6 de fevereiro de 2012.

CAPÍTULO 2: UMA PAZ DOLOROSA

1. Ela foi presa em Bordeaux no dia 18 de julho de 1942 e saiu de Drancy para Auschwitz no comboio nº- 7.
2. Janine Altounian fala também de "mortalha do texto" quando escreve sobre o genocídio armênio. (Altonian J., *La survivance: traduire le trauma collectif*, Paris, Dunod, 2000.)
3. Altounian J., "Passion et oubli d'une mémoire collective mise au travail dans la crise et l'écriture, témoignage d'une analysante "Héritière du génocide arménien", em *Devoir de mémoire: entre passion et oubli, Revue française de psychologie*, 2000, tomo 44, p. 12.
4. Levi P., *Si c'est un homme*, Paris, Laffont, 1958, p. 22.
5. Fraitag A., "Le point d'histoire (sainte)", *Avocats et droits*, 2007, janeiro-fevereiro, nº- 19, pp. 64-65.
6. *Histoire de la Sainte Bible*, abade Cruchet, Tours, Mame et fils, 1929.
7. Esta canção, que empolgou milhões de crianças e adultos pétainistas, é assinada por André Montagnard e Charles Courtois. Teria sido escrita em 1941 por Casimir Oberfeld, judeu nascido na Polônia e morto em Auschwitz em 1945. Esse compositor encantou Joséphine Baker, Mistinguett e Fernandel quando ele cantava "Félicie aussi".
8. Um certificado, recentemente encontrado, informa que é em Saint-Jean-Royan. Não sei onde fica.
9. Kurban M., Swedy N., "Les caractéristiques de l'intervention psychologique à Baalbeck", in Myrna Gannagé, Association pour la Protection de l'Enfant de la Guerre, Reunião Beirute, 24 de fevereiro de 2012.
10. Kurban M., Swedy N., "Les caractéristiques de l'intervention psychologique à Baalbeck", in Myrna Gannagé, Association pour la Protection de l'Enfant de la Guerre, Reunião Beirute, 24 de fevereiro de 2012.
11. Main M., "Epilogue. Attachment theory", in J. Cassidy, P. R. Shaver, *Handbook of Attachment*, The Guilford Press, 1999, p. 846.
12. Lemay M., *Résister: rôle des déterminants affectifs et familiaux*, in B. Cyrulnik, *Ces enfants qui tiennent le coup*, Revigny-sur-Ornain, Hommes et Perspectives, 2002, p. 40.
13. Brauner F., Brauner A., *J'ai dessiné la guerre*, Clermont-Ferrand, Presses universitaires Blaise-Pascal, 2011.
14. *Enfants en guerre, photo et dessin*, colloque Unesco, Rose Duroux, Catherine Milkovitch-Roux, 7-9 de setembro de 2011.
15. Rithy Panh com Christophe Bataille, *L'Élimination*, Paris, Grasset, 2012.
16. Abraham N., Torok M., *L'Écorce et le Noyau*, Paris, Flammarion, 1987; 2009.
17. Berbeze J., Séminaire Ardix, Paris, 1º de fevereiro de 2011.
18. Valéry P., *Mauvaises pensées et autres*, citado in C. André, *Méditer jour après jour*, Paris, L'Iconoclaste, 2012, p. 114.
19. Barbin M. G., Communication personnelle, agosto de 2010.
20. Boulard F., *Les Représentations résilientes "autotutorantes" de l'échafaudage des savoirs d'un être socialement détruit*, master 2, Nantes, Sciences de l'éducation, 2011.
21. Bialot J., *Votre fumée montera vers le ciel*, Paris, L'Archipel, 2011, p. 262.
22. A profissão de educador não existia nos anos do pós-guerra. Dizia-se geralmente "monitor". Eu emprego a palavra "educador" porque hoje ela designa tal função.
23. Gorwood P., *Mesurer les événements de vie en psychiatrie*, Paris, Masson, 2004, p. 110.
24. Akiskal H. S., "New insights into the nature and heterogeneity of mood disorders", *Journal of Clinical Psychiatry*, 1989, 505, pp. 6-10.
25. Brown G. W., Harris T. O., Birley J. L. T., "Social factors and co-morbidity of depression and anxiety disorders", *British Journal of Psychiatry*, 1996, supplement 3, pp. 50-57.
26. Freud S. [1938], *Abrégé de psychanalyse*, Paris, PUF, 1950, e Laplanche J., Pontalis J.-B., *Vocabulaire de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1973, p. 115.
27. Inspirado em Bee H., Boyd F., *Psychologie du développement*, Bruxelas, De Borck, 2003.

28. Philippe Brenot, psiquiatra, antropólogo, diretor de ensino na universidade. Excelente músico, durante o curso de medicina ganhou um pouco de dinheiro tocando em bailes de vilarejo.
29. Loftus E. F., Palmer J. C., “Reconstruction of automobile destruction: an example of the interaction between language and memory”, *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 1974, 13, pp. 585-589.;
30. Presente do doutor Aouizerate, *La Synagogue de Bordeaux*, Bordeaux, Consistoire israélite de Bordeaux, Éditions du Bord de l’eau, 2002.
31. Archives Slitinsky: “Lista de filhos de judeus presos de noite, entre 1º e 16 de julho de 1942. Mãe presa em casa. Pai mutilado, preso no hospital Saint-André.”
32. *La Synagogue de Bordeaux*, *op. cit.*, p. 44.
33. Grhesac, *Castillon à l’heure allemande (1939-1945)*, Groupe de recherches historiques et sauvetage archéologique du castillonnais; e Lormier D., *Aquitaine 1940-1945. Histoire de la Résistance*, Montreuil-Bellay, Éditeur CMD, 2000.;
34. Témoignage Philippe Naud, Grhesac, *Castillon à l’heure allemande (1939-1945)*, *op. cit.*, pp. 190-191.
35. Témoignage Armand Rebeyrol, Grhesac, *Castillon à l’heure allemande (1939-1945)*, *op. cit.*, p. 193.
36. Grhesac, *Castillon à l’heure allemande (1939-1945)*, *op. cit.*, p. 188.
37. Em alemão e em ídiche, quando se quer falar de um homem estimável, chamam-no de *Mensch*.
38. Tillion G., *Une opération à Ravensbruck*, Paris, Éditions de la Martinière, introdução de Claire Andrieu, 2005, p. 5.

CAPÍTULO 3: MEMÓRIA FERIDA

1. Schank R. C., Abelson R. P., *Scripts, Plans, Goals and Understanding*, Hillsdale, Erlbaum, 1977.
2. Nelson K., *Event Knowledge: Structure and Function in Development*, Hillsdale, Erlbaum, 1986.
3. Ionescu S., Jacquet M. M., Lhote L., *Les Mécanismes de défense, Théorie et Clinique*, Paris, Nathan Université, 1997, p. 148.
4. Lejeune A., Ploton L., “Résilience et vieillissement”, in B. Cyrulnik, G. Jorland, *Résilience, Connaissance de base*, Paris, Odile Jacob, 2012, pp. 127-128.
5. Offer D., Kaiz M., Howard K. I., Bennet E. S., “The altering of reporting experience”, *J. Am. Acad Child Adolescence, Psychiatry*, 2000, 39, pp. 735-742.
6. Tadié J.-Y., Tadié M., *Le sens de la mémoire*, Paris, Gallimard, 1999.
7. Baudelaire C., *Les Fleurs du mal*, 1857, Gallimard, “Folio”, 2004.
8. Thompson S. C., Janigian A. S., “Life schemes: A framework for understanding the search of meaning”, *Journal of Social and Clinical Psychology*, 1988, 7, pp. 260-280
9. Houzel D., Emmanuelli M., Moggio F., *Dictionnaire de psychopathologie de l’enfant et de l’adolescent*, Paris, PUF, 2000, p. 470.
10. Testemunho frequente de crianças judias escondidas, ruandesas ou filhas de republicanos espanhóis, que se surpreendiam com seu súbito despertar intelectual. Débeis quando o caos destruía seu meio, a vivacidade intelectual reapareceu assim que uma segurança afetiva as cercou.
11. Ferenczi S., *Le Traumatisme*, Paris, Payot, “Petite Bibliothèque Payot”, 2006.
12. Perec G., *W ou le Souvenir d’enfance*, Paris, Denoël 1975; Paris, Gallimard, “L’Imaginaire”, 1993.
13. Bialot J., *Votre fumée montera vers le ciel*, *op. cit.*, p. 166.
14. Bolinha de vidro marmóreo imitando a pedra com que se faz camafeu.
15. Patsalides-Hofmann B., “Traversées de silences”, *Mémoires*, 2012, março, nº- 55, p. 9.
16. Delbo C., *Auschwitz... une connaissance inutile*, Paris, Minuit, 1970, e Delbo C., *Mesure de mes jours*, Paris, Minuit, 1971.
17. Georges Perec é o campeão das reticências. Cada vez que chega a uma memória impossível, ele escreve (...).
18. Zajde N., *Enfants de survivants*, Paris, Odile Jacob, 2012.
19. Nem sempre.
20. FTP-MOI: *Francs-tireurs partisans-Main d’œuvre immigrée*. Muitos judeus comunistas da Europa central e armênios lutaram juntos. Seus atentados contra os militares eram uma resistência e não um terrorismo contra inocentes. O grupo Manouchian é o exemplo mais ilustre.
21. Foi em 1985 que o filme de Claude Lanzmann propôs a palavra hebraica para designar o assassinato em massa dos judeus da Europa. Trata-se de um documento de nove horas e 15 minutos que rompe com os modos de representação

utilizados até então.

22. *Le Père tranquille*, filme de René Clément, 1946.
23. Bensousan G., Dreyfus J.-M., Husson E., Kotek J., *Dictionnaire de la Shoah*, Paris, Larousse, 2009, p. 229.
24. *Les Juifs ont résisté en France. 1940-1945*. Colloque d'historiens et de témoins, AACCE, 14 rue Paradis, Paris, 2009.
25. Fontenay de E., *Acte de naissance. Entretien avec Stéphane Bon*, Paris, Seuil, 2011.
26. Zajde N., *Guérir de la Shoah*, Paris, Odile Jacob, 2005.
27. O *dibuk* é uma entidade asquenaze: é um morto impedido de se juntar aos mortos. Então ele “se cola” na alma de um próximo, a quem pede que repare seus erros. Não é morto nem vivo: é desaparecido.
28. *La Bataille du rail*, filme de René Clément, 1946.
29. Bialot J., *Votre fumée montera vers le ciel*, op. cit., p. 262.
30. Os arquivos relativizam esses números, podem ter sido 11 mil fuzilados, ainda assim um número enorme!
31. Carasso J. G., *Nous étions des enfants*, DVD, Comité “École de la rue Tlemcen”, L'Oizeaurare, 2012.
32. *Nuit et brouillard*, filme de Alain Resnais, 1955, Estados Unidos.
33. Filme de Charles Chaplin: 1940 nos Estados Unidos; 1945 na França.
34. Stevens G., *Le Journal d'Anne Frank*, 1959.
35. Schwartz-Bart A., *Le Dernier des Justes*, Paris, 1959.
36. Proust M., *À l'ombre des jeunes filles en fleur*, Paris, Flammarion, 1919.
37. Vejamos só! Eu não ousei escrever “minha prisão, minha perseguição, minhas quebras afetivas”! É muito mais fácil falar de si na terceira pessoa. Mantém a emoção a distância.
38. Schacter D. L., “Constructive memory, past and future”, *Dialogues in Clinical Neurosciences*, 2012, vol. 14, nº 1, pp. 7-18.
39. Addis D. R., Pan L., Vu M. A., Laiser N., Schacter D. L., “Constructive episodic simulation of the future and the past: Distinct subsystems of a core brain network mediate imagining and remembering”, *Neuropsychologia*, 2009, 47, pp. 2.222-2.258.
40. Abraham N., Torok M., *L'Écorce et le Noyau*, Paris, Aubier/Flammarion, 1978. Este livro é a melhor teorização psicanalítica da noção de “cripta”.
41. No dia 7 de novembro de 1938, um judeu de 17 anos, expulso da Alemanha, matou em Paris um secretário da embaixada alemã. Na noite de 9-10 de novembro de 1938, orquestrado por Goebbels, com o acordo de Hitler, um imenso pogrom incendiou 319 sinagogas, linchou milhares de pessoas e enviou 30 mil judeus para os primeiros campos de concentração. As lojas destruídas explicam o nome dado ao pogrom: “Noite de Cristal”.
42. Dayan Rosenman A., *Les Alphabets de la Shoah. Survivre. Témoigner. Écrire*, Paris, CNRS Éditions, 2007.
43. Semprun J., *L'Écriture ou la vie*, Paris, Gallimard, 1994, p. 260.
44. Ka-Tzernik, *Les Visions d'un rescapé ou le Syndrome d'Auschwitz*, Paris, Hachette, 1990.
45. Perec G., *Entretiens et conférences 2*, D. Bartelli, M. Ribière (éd.), Nantes, Joseph K., 2003, p. 172.
46. Reggiani C., “Perec avant l'Oulipo”, *Georges Perec*, revista *Europe*, janeiro-fevereiro de 2012, p. 30.
47. Perec G., *W ou le Souvenir d'enfance*, Paris, Denoël, 1975; Paris, Gallimard, “L'Imaginaire”, 1993.
48. Delemazure R., Seitè Y., *Perec dans le XVIII siècle*, citado in *Georges Perec*, revista *Europe*, janeiro-fevereiro de 2012, p. 212.
49. Bellos D., *Georges Perec. Une vie dans les mots*, Paris, Seuil, 1994, p. 85.
50. Cyrulnik B., “Les muets parlent aux sourds”, *Nouvel Observateur*, número especial, *La Mémoire de la Shoah*, dezembro de 2003-janeiro de 2004, pp. 52-55, e Waintrater R., *Sortir du génocide*, Paris, Payot, 2003.
51. Cioran E., *Cahiers, 1957-1972*, Paris, Gallimard, 1997, p. 668.
52. Cioran E., *Œuvres*, Paris, Gallimard, 1995; Paris, Gallimard, “Quarto”, p. 728.
53. Rosenblum R., “Peut-on mourir de dire?”, *Revue française de psychanalyse*, 2000, nº 1.
54. Vincent G., “Être communiste, une manière d'être”, in P. Ariès, G. Duby, *Histoire de la vie privée*, Paris, Seuil, 1987, p. 431.
55. Adelman A., “Mémoire traumatique et transmission intergénérationnelle des récits de l'holocauste”, *Revue française de psychanalyse*, *Devoir de mémoire: entre passion et oubli*, março de 2000, tomo 64.
56. Monteil J.-M., *Soi et le contexte*, Paris, Armand Colin, 1993, p. 56.
57. Waintrater R., *Sortir du génocide*, op. cit., p. 189.

CAPÍTULO 4: A MARCA DOS OUTROS

1. Pennebaker J. W., *Opening Up: The Healing Power of Confiding in Others*, Nova York, Morrow, 1990.
2. Vitry M., Duchet C., “Résilience après de grandes catastrophes, articulation du singulier et du collectif”, in Serban Ionescu (éd.), *Traité de résilience assistée*, Paris, PUF, 2011, p. 449.
3. Duchet C., Payen A., “Intervention médico-psychologique *in situ* lors de la guerre civile du Congo”, *Médecine de catastrophes urgences collectives*, 1999, vol. 2, nos– 5-6, pp. 192-196.
4. A guerra árabe-israelense começou com a decisão da ONU de criar dois Estados, o palestino e o israelense, no dia 29 de novembro de 1947. Em 7 de janeiro de 1949, ela cessou depois de 2 mil árabes mortos, 6 mil judeus mortos e 600 mil palestinos expulsos de casa. 4.
5. Barnavi E. (dir.), *Histoire universelle des Juifs*, Paris, Hachette, 1992, pp. 230-231. 5.
6. Adolf Eichmann organizou a espoliação e a deportação dos judeus da Europa para os centros de extermínio da Polônia. Refugiado na Argentina, foi capturado pelos serviços secretos israelenses, julgado em Jerusalém e condenado à morte em 1962. 6.
7. Friedlander S., *Quand vient le souvenir*, Paris, Seuil, 1978, p. 69. 7.
8. Parens H., *Le Retour à la vie. Guérir de la Shoah. Entre témoignage et résilience*, Paris, Tallandier, 2010.
9. Rimé B., “Mental rumination, social sharing and the recovery from emotional exposure”, in J. W. Pennebaker (éd.), *Emotion, Disclosure and Health*, American Psychologist Association, 1995, pp. 271-292.
10. Slitinsky M., *L’Affaire Papon*, Paris, Alain Moreau, 1983, p. 131.
11. Pennebaker J. W., Banasik B. C., “On the creation and maintenance of collective memories: History as social psychology”, in J. W. Pennebaker, J. Paez, B. Rimé (éd.), *Collective Memory of Political Events*, Nova York/Londres, Psychology Press, 1997, pp. 3-18.
12. Na primavera de 1967, Nasser, o presidente egípcio, reúne seus exércitos no Sinai para levar ajuda à Síria. Ele pede que os Capacetes Azuis (ONU) partam, fecha o estreito de Tiran e assina um acordo de guerra com a Jordânia e o Iraque. Israel está isolado no cenário internacional. Em poucos dias, Israel destrói a coalizão árabe e toma o Sinai, Golã, a Cisjordânia e a metade árabe de Jerusalém.
- 13) Frischer D., *Les Enfants du silence et de la reconstruction*, Paris, Grasset, 2008, pp. 104-105. 13.
14. Snyders J. C., *Drames enfouis*, Paris, Buchet-Chastel, 1996.
15. Rajsfus M., *Opération étoile jaune*, Paris, Le Cherche Midi, 2012, p. 78.
16. *Ibid*, p. 94.
17. Ionescu S., Muntean A., “La résilience en situation de dictature”, in Serban Ionescu (dir.), *Traité de résilience assistée*, Paris, PUF, 2011, p. 531.
18. O nome da mãe de Georges Perec era Smulewicz, que em ídiche significa *Schule* (“escola”) e *Witz* (“espírito”).
19. *Gringoire*: semanário criado nos anos 1930 para servir de apoio à Action Française, favorável ao fascismo. Esse jornal panfletário afirmava que os judeus tinham provocado a guerra mundial para ganhar mais dinheiro.
20. Maurice Papon, alto funcionário (1913-2009), condenado em 1998 por “cumplicidade de crime contra a humanidade”.
21. Bensoussan G., Dreyfus J.-M., Husson E., Kotek J., *Dictionnaire de la Shoah*, Larousse, 2009, p. 427.
22. Boulanger G., *Maurice Papon. Un technocrate dans la collaboration*, Paris, Seuil, 1994.
23. Ionescu S., Jacquet M. M., Lhote C., *Les Mécanismes de défenses, Théorie et clinique*, Paris, Nathan Université, 1997, pp. 247-256.
24. Bègue L., *Psychologie du bien et du mal*, Paris, Odile Jacob, 2011, p. 47.
25. Welzer H., *Les Exécuteurs. Des hommes normaux aux meurtriers de masse*, Paris, Gallimard, 2007, p. 222.
26. Palacz A., *Il fait jour à Jérusalem. Exil des orphelins*, Jerusalém, Ivriout, 2004.
27. *Le Vieil Homme et l’Enfant* [O velho e o menino], filme de Claude Berri, com Michel Simon, 1966.
28. Cyrułnik B., “Mon père était un dictateur...”, *Figaro Magazine*, 17 de junho de 2006, pp. 35-40.
29. *Ibid*.
30. Mari Carmen Rejas Martin, *Témoigner du trauma par l’écriture*, thèse de doctorat III cycle, université de Reims, 9 de junho de 2011, p. 55.
31. “Les bébés volés sous Franco”, *La Libre Belgique*, 2 de fevereiro de 2011.
32. Acabo de achar este livro na minha biblioteca: Duhamel G., *Biographie de mes fantômes*, Paris, Paul Hartmann, 1948. É o diário de um estudante de medicina!

33. UJRF: *Union des Jeunesses Républicaines de France*, organização precursora das *Jeunesses Communistes*.
34. Scheine Ynk: “Belo garoto”, em ídiche.
35. Grappe M., “Les enfants et la guerre, un regard clinique”, in *Enfances en guerre, Vingtième siècle, Revue d'histoire*, janeiro-março de 2006, nº- 89, pp. 93-98.
36. Grappe M., “Les enfants et la guerre, un regard clinique”, art. cit.
37. Duroux R., Milkovitch-Rioux C., *I Have Drawn Pictures of the War, The Eye of Françoise and Alfred Brauner*, Presses universitaires Blaise-Pascal, 2011.
38. O'Connor C., Rutter M., “The English and Romanian adoptees study team: Attachment disorder behavior following early severe deprivation extension and longitudinal follow-up”, *Journal of American and Adolescence Psychiatry*, 2000, 39, pp. 703-712.
39. Bachelard G., *Le Poétique et la Rêverie*, Paris, PUF, 1960.
40. Modiano P., prefácio para Matot B., *La Guerre des cancrs*, op. cit.
41. Tousignant M., “La culture comme source de résilience”, in Cyrulnik B., Jorland G., *Résilience. Connaissances de base*, Paris, Odile Jacob, 2012, pp. 137-151.
42. OSE: *Œuvre de Secours aux Enfants*. Essa associação salvou durante a guerra um número enorme de crianças. Lá se abordava o problema da perseguição dos judeus, enquanto em outras instituições, como a CCE (Commission Centrale de L'Enfance), se preferia considerar um futuro radioso.
43. Lendemains, OSE, *Lettres d'enfants publiées de juin 1946 à avril 1948*, Paris, 2000, tomo I, p. 31.
44. Morin E., *Mes démons*, Paris, Stock, 1994.
45. Rufo M., in N. Mascaret, *N'oublions pas les bons profs*, Paris, Anne Carrière, 2012, p. 81.
46. JEC: *Jeunesses Étudiantes Chrétiennes*.
47. Tema de *Lacombe Lucien*, de Louis Malle, filme bastante criticado mas que expõe uma situação que existiu.
48. Matot. B., *La Guerre des cancrs*, op. cit.

CAPÍTULO 5: PALAVRAS DEGELADAS

1. Mainá: pássaro preto da Malásia, de bico alaranjado. Ele consegue cantar *La Marseillaise* e imitar a fala humana com um talento impressionante.
2. Jeammet P., “Souffrir pour exister: conduites pathologiques à l'adolescence”, *Abstract Psychiatrie*, abril de 2004, nº- 6.
3. Weill M., “Camps de la mort: 50 ans après”, *Abstract Neurologie et Psychiatrie*, nº- 120, setembro-outubro de 1994.
4. Erlinger S., *Parcours d'un enfant caché (1941-1945). Une enfance aux Mardelles*, Paris, Éditions Le Manuscrit, 2012.
5. Weill M., “Camps de la mort: 50 ans après”, art. cit., p. 172.
6. Robinson R., “The present state of people who survived the holocaust as children”, *Acta, Psychiatric Scandinavia*, 1994, 89, pp. 242-245.
7. Pourtois J.-P., Desmet H., *L'Éducation implicite*, Paris, PUF, 2006.
8. Emílio Salgueiro (Lisboa) distingue os tutores de resiliência explícita (psicólogos, educadores), que se apresentam à criança. Já os tutores de resiliência implícita são em geral escolhidos pela criança (padres, atletas, artistas ou pares).
9. Escrevi Dubout porque está assim na minha memória. Vejo-me na casa de Gilbert, folheando um grande livro com esse desenho em particular. Mas creio que Dubout não ilustrou senão Rabelais, Villon e Pagnol. Devo, como todo mundo, ter feito convergir duas fontes diferentes de memória da imagem.
10. Kirkpatrick L. E., Hazan C., “Attachment styles and close relationships: A four-year prospective study”, *Personal Relationships*, 1994, 1, pp. 113-142.
11. CCE: Comissão Central da Infância. Fundada depois da guerra para acolher órfãos judeus e organizar colônias de férias. Cerca de 15 mil crianças foram recebidas ali.
12. “Está ardendo, está ardendo; ó irmãozinho, está ardendo.”
13. FTP: *Francs-tireurs Partisans*, compostos de 90% de judeus comunistas e 10% de armênios, um dos quais se tornou o chefe do famoso grupo Manouchian.
14. *Chants des partisans*, de Joseph Kessel e Maurice Druon.
15. Peschanski D., *Des étrangers dans la Résistance*, Champigny-sur-Marne, Éditions de l'Atelier, 2002.
16. PCB: “física, química, biologia”. Antigamente, o ano preparatório para o curso de medicina.

17. Vaillant F., *Roland Topor ou le Rire étrange*, Paris, Buchet-Chastel, 2007.
18. UJRF: A *Union des Jeunesses Républicaines de France* converteu-se no *Mouvement de la Jeunesse Communiste* em 1956.
19. Bustany P., “Neurobiologie de la résilience”, in Cyrulnik B., Jorland G., *Résilience. Connaissances de base*, Paris, Odile Jacob, 2012, p. 59.
20. Nós aceitávamos essa afirmação que evitava citar *Robin Hood* (1938), *O mágico de Oz* e *E o vento levou* (1939).
21. “Georghiu Dedj, defensor da paz e do povo.”
22. Beria não teria planejado o complô, pois era ele o visado. Stalin anunciou o caso em 1952, mas foi o *Pravda* que denunciou o “complô”, em um artigo de 13 de janeiro de 1953.
23. *Clarté*: jornal da *Union de Jeunesses Communistes* que sucedeu ao *L’Avant-garde*, jornal da UJRF, no qual se podia ler artigos antiestalinistas.
24. Hachet P., “Le mensonge indispensable: le mythe”, *Le Journal des psychologues*, abril de 2012, nº- 296, e Hachet P., *Le Mensonge indispensable. Du traumatisme social au mythe*, Paris, L’Harmattan, 2009.
25. Zadjé N., *Les Enfants cachés en France*, Paris, Odile Jacob, 2012, p. 14.
26. Rabelais F., *Œuvres complètes*, Paris, Gallimard, “Bibliothèque de la Pléiade”, 1994, pp. 667-671.
27. Anne Frank escreveu seu diário entre junho de 1942, quando se escondeu com a família, e agosto de 1944, data em que foi presa pela Gestapo.
28. Levi, P., *É isto um homem?*, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2000 (1ª- edição italiana, 1947). (N. do E.)
29. Bensoussan G., Dreyfus J.-M., Husson E., Kotek J., *Dictionnaire de la Shoah*, Paris, Larousse, 2009, pp. 309-311.
30. Serge Klarsfeld, advogado, vice-presidente da associação Fils e Filles de déportés juifs de France.
31. Slitinsky M., *L’Affaire Papon*, Paris, Alain Moreau, 1983, p. 137.
32. Waintrater R., “Ouvrir les images. Les dangers du témoignage”, in J. Ménéchal, *Le Risque de l’étranger*, Paris, Dunod, 1999.
33. Poirot-Delpech B., *Papon: un crime de bureau*, Paris, Stock, 1998, p. 83.
34. Entre maio de 1981, data em que *Le Canard enchaîné* levantou o problema, e abril de 1998, data em que o tribunal de Bordeaux condenou Papon por cumplicidade de crimes contra a humanidade, passou-se quase uma geração, durante a qual a cultura mudou.
35. Haffner S., *Histoire d’un Allemand*, Paris, Complexe, 2001; in *Mémoire vivante*, junho de 2011, nº- 69.
36. Levi P., *É isto um homem?*, *op. cit.*
37. Baruch M. O., “La culture d’un fonctionnaire est d’obéir sans se poser de questions”, *Le Monde*, 1º- de outubro de 1997.
38. *Ibid.*
39. Marques J., Paez D., Serra A. E., “Social sharing emotional climat and the transgenerational transmission of memories”, em W. Pennebaker, D. Paez, B. Rimé (ed.), *Collective Memory of Political Events*, Nova York/Londres, Psychology Press, 2008, p. 258.
40. Slitinsky M., *L’Affaire Papon*, *op. cit.*, p. 131.
41. Instituto Yad-Vashem, “Lei sobre a comemoração de Mártires e Heróis, Jerusalém (1953)”, uma comissão verifica os dossiês de demanda de título de Justo entre as nações.
42. Mouchenik Y., *Ce n’est qu’un nom sur la liste, mais c’est mon cimetière*, Grenoble, La Pensée sauvage, 2006.
43. Testemunhos pessoais de seu filho e sua neta, Mamou Blanché.
44. NIMH, National Institute of Mental Health (Instituto Nacional de Saúde Mental), San Diego, Estados Unidos.
45. Yvette Moch, carta, fevereiro de 2001.
46. Pierre Marty, Michel de M’Uzan, Christian David, Michel Fain, fundadores da escola dita psicossomática de Paris. Foram os primeiros a explicar que uma falta de mentalização provoca um pensamento operativo, sem fantasias nem efeito, que acaba provocando distúrbios orgânicos.
47. Zajde N., *Transmission du traumatisme chez les descendants de survivants Juifs de l’holocauste*, tese de doutorado, Paris-VIII, 22 de janeiro de 1993.
48. Terrisse R., *La Milice à Bordeaux. La collaboration en uniforme*, Bordeaux, Aubéron, 1997.
49. Epstein H., *Le Traumatisme en héritage*, Paris, Gallimard, “Folio”, 2010.
50. Welzer H., *Les Exécuteurs. Des hommes normaux aux meurtriers de masse*, Paris, Gallimard, 2007.
51. Arthur Gobineau com *L’Inégalité des races humaines* e Édouard Drumont com *La France juive* desempenharam papel fundamental no desenvolvimento do nacional-socialismo alemão.

- 52. Klemperer V., *LTI, la langue du III Reich*, Paris, Albin Michel, 1996.
- 53. Giocanti S., *Maurras, Le chaos et l'ordre*, Paris, Flammarion, p. 161.
- 57. Wieviorka O., *L'Histoire*, junho de 1998, nº- 222, pp. 81-82.
- 55. Sondagem Sofres-Libération, *Libération*, 24 de março de 1998.
- 56. Jeanneney J.-N., *Le Passé dans le prétoire. L'historien, le juge et le journaliste*, Paris, Seuil, 1998.
- 57. Étienne de la Boétie, *Discours de la servitude volontaire*, Paris, Flammarion, 1993.

Título original
SAUVE-TOI, LA VIE T'APPELLE
MÉMOIRES

© Odile Jacob, Setembro/2012
15, Rue Soufflot, 75005 Paris

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

preparação de originais
CARLOS NOUGUÉ

produção de arquivo ePub
ROCCO DIGITAL

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C997c

Cyrulnik, Boris

Corra, a vida te chama [recurso eletrônico] : memórias / Boris Cyrulnik ; tradução
Rejane Janowitzer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de: Sauve-toi, la vie t'appelle: mémoires
ISBN 978-85-8122-293-6 (recurso eletrônico)

1. Cyrulnik, Boris. 2. Psicólogos - França - Biografia. 3. Neuropsiquiatria -
França - História - Biografia. 4. Judeus - França - Séc. XX - Biografia. 5. Livros
eletrônicos. I. Título.

13-05285

CDD: 921
CDU: 929:159.9

O AUTOR

Boris Cyrulnik nasceu em 26 de julho de 1937 em Bordeaux e possui numerosos créditos no currículo: psiquiatra, psicanalista, é também responsável por um grupo de pesquisa em etologia clínica no hospital de Toulon, matéria que ele ensina. Contribui largamente para fazer (re)conhecer esta disciplina. Deve-se a ele, igualmente, o conceito de resiliência.